



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Marina Lins de Araujo Sousa

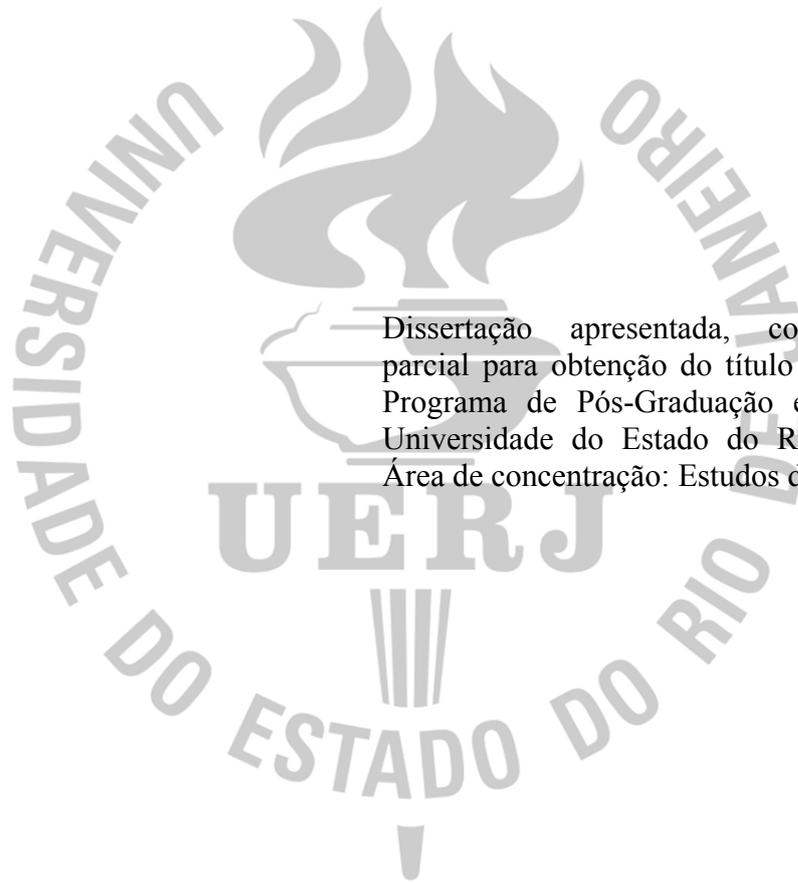
**A neologia no campo semântico da informática: um estudo léxico-discursivo
na construção de significantes e significados**

Rio de Janeiro

2019

Marina Lins de Araujo Sousa

**A neologia no campo semântico da informática: um estudo léxico-discursivo na
construção de significantes e significados**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S725 Sousa, Marina Lins de Araujo.
A neologia no campo semântico da informática: um estudo léxico-discursivo na construção de significantes e significados / Marina Lins de Araujo Sousa. - 2019.
158 f.: il.

Orientador: André Crim Valente.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Neologismos – Teses. 2. Informática – Teses. 3. Semântica – Teses. 4. Vocabulário – Teses. 5. Linguística de corpus – Teses. I. Valente, André Crim. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801.316.1:004

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marina Lins de Araujo Sousa

**A neologia no campo semântico da informática: um estudo léxico-discursivo na
construção de significantes e significados**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 12 de março de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Flávio de Aguiar Barbosa

Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Maria de Fátima Fernandes Bispo

Centro Federal de Educação Tecnológica

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu esposo Rubem e aos meus filhos, Paulo e Tiago, pelo incentivo, carinho e paciência ao longo desta jornada acadêmica; e aos meus pais, Conceição Lins e Jair Palmeira (in memória) que tanto me ajudaram com seus ensinamentos e conselhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu pai celeste, que sempre está comigo em todos os momentos, meu refúgio e fortaleza.

A minha família amada, por todo apoio e carinho a mim dispensados, principalmente, no período de produção deste trabalho acadêmico, também por compreenderem minhas angústias e períodos de ausência do seio familiar ao longo destes dois anos de mestrado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. André Crim Valente, por todo suporte técnico, didático e bibliográfico, pela maestria nas aulas e nos encontros de orientação e pelo grande amigo que demonstrou ser ao longo do processo desta produção acadêmica.

Ao Prof. Dr. Flávio de Aguiar Barbosa, pelos conselhos e orientações, antes mesmo do meu ingresso no Curso de Mestrado de Língua Portuguesa desta renomada universidade e por seus ensinamentos na área de lexicologia.

A todos os docentes desta instituição acadêmica de ensino que nos enriquecem com seus ensinamentos e discussões sobre a língua. Em especial, além dos já citados, aos queridos: Prof. Dr. José Carlos de Azeredo, Prof. Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro, Prof. Dr. André Nemi Conforte, Prof. Dr. Ebal Sant'anna Bolacio Filho, Prof^a. Dra. Roberta Cristina S. F. Stanke e Prof^a. Dra. Maria Tereza Gonçalves.

Muito obrigada a todos!

Os homens fazem a língua, e não a língua os homens.

Fernão de Oliveira

RESUMO

SOUSA, Marina Lins de Araujo. *A neologia no campo semântico da informática: um estudo léxico-discursivo na construção de significantes e significados*. 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta dissertação tem como escopo a renovação lexical da Língua Portuguesa usada no Brasil baseada na construção neológica de forma e sentido dentro do campo semântico da informática em uma abordagem léxico-discursiva. A investigação das produções neológicas conta com um *corpus* de análise formado por um conjunto de trinta e cinco textos publicados pelo jornal O GLOBO na seção de informática em um recorte temporal de vinte e sete anos (1990-2017). Os textos foram selecionados do arquivo digital de O GLOBO (1990-2016) e da versão impressa do jornal (2017). Ainda que a informática represente uma língua de especialidade, ela está presente na casa de milhões de brasileiros que não são profissionais da área e empregam vários de seus termos na construção de seus discursos em sociedade, em alguns momentos com alteração de sentido no uso e no contexto e novas produções vocabulares. Assim, muitos significantes e significados da informática foram e são produzidos e integram o léxico representado nos dicionários gerais, usados neste trabalho como *corpus de exclusão* na verificação dos neologismos. A base teórica deste estudo tem como principais autores: André Valente, Nelly Carvalho e Ieda Maria Alves nos estudos sobre neologismos, Hebert Andreas Welker e Claudia Xatara, nos estudos sobre organização de dicionários. A metodologia empregada é de base qualitativa, na seleção e análise das palavras, e quantitativa, na verificação das ocorrências nos textos midiáticos. Ademais, conta com um *corpus de exclusão* formado pelos dicionários Houaiss Conciso (2011), UNESP (2011), Aurélio (2010), os três na versão impressa, e o dicionário Caldas Aulete, em sua versão eletrônica na caracterização das palavras investigadas como neologismos ou não.

Palavras-chave: Neologia. Neologismo. Informática. Vocabulário. Semântica.

ABSTRACT

SOUSA, Marina Lins de Araujo. *The neology in computing semantic field: a lexical-discursive study in the construction of signifieds and signifiers*. 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This dissertation scope is the lexical renewal of Portuguese Language used in Brazil based on conceptual and vocabulary neologisms construction in the computing semantic field by a lexicon-discursive approach. The investigation of neological productions counts with a *corpus* of analysis composed of thirty-five texts published by the newspaper O GLOBO in computing section with a temporary clipping of twenty seven years (1990-2017). The texts were selected of O GLOBO digital file (1990-2016) and from the printed version of the newspaper (2017). Even though information technology represents a specialized language, it's presented in millions of Brazilian's house where these ones are not informatics specialists but use many of these terms in their speeches on society, sometimes with changes in the use and context creating new lexicon productions. In this way, many informatics meanings and signifiers have been produced and included in general dictionaries. The theoretical base of this study is based in: André Valente, Nelly Carvalho and Ieda Maria Alves, in neologism studies, Hebert Andreas Welker and Claudia Xatara, in the studies of dictionary organization. The qualitative approach was used in word selections, and the quantitative one to identify the occurrence of words in the media texts. In addition, it counts on a *corpus of exclusion* composed by Houaiss Dictionary (2011), UNESP (2011), Aurélio (2010), on its impress version, and Caldas Aulete Dictionary, on its digital version in order to classify the investigated words as neologisms or not.

Keywords: Neology. Neologism. Informatic. Vocubular. Conceptual.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Palavras investigadas como neologismos vocabulares.....	57
Tabela 2 – Palavras investigadas como neologismos semânticos.....	57
Tabela 3 – Total de palavras investigadas.....	60
Tabela 4 – Análise dos neologismos vocabulares.....	62
Tabela 5 – Análise dos neologismos semânticos.....	64
Tabela 6 – Recorrência por décadas das palavras investigadas.....	96

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADO E A NEOLOGIA	15
1.1	Neologia e neologismo	16
1.2	Neologia: transgressão ou estudo?	20
1.3	Neologia de forma	23
1.4	HapaxLegomenon	26
1.5	Neologia de sentido	27
1.6	Neologismos das línguas de especialidade	29
1.7	Critérios na consideração de um neologismo	32
2	A RENOVAÇÃO LEXICAL NO ÂMBITO DA INFORMÁTICA E O DICIONÁRIO	35
2.1	A influência da cultura na formação do léxico	36
2.2	A informática na renovação lexical	38
2.3	Aspectos na dicionarização de uma palavra	39
3	O TEXTO MIDIÁTICO E O NEOLOGISMO	45
3.1	O texto midiático e as investigações neológicas	46
3.2	A renovação lexical no âmbito da informática	47
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS	51
4.1	O uso de <i>corpus</i> na pesquisa	51
4.2	A construção do <i>corpus</i> de análise	52
4.3	A abordagem qualitativa	54
4.4	A abordagem quantitativa	55
4.5	A descrição da pesquisa e suas etapas	56
5	ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	59
5.1	Apresentação das palavras investigadas	59
5.2	Verificação dos neologismos no <i>corpus de exclusão</i>	61
5.3	Estudo das composições dos neologismos vocabulares presentes no <i>corpus</i>	70
5.3.1	<u>Formação a partir de siglas</u>	70
5.3.2	<u>Formação a partir de sufixos</u>	72
5.3.3	<u>Formação a partir de prefixos</u>	79

5.3.4	<u>Empréstimo lexical</u>	82
5.3.5	<u>Empréstimo estrutural</u>	83
5.3.6	<u>Formação por hibridismo</u>	84
5.3.7	<u>Formação por composição (justaposição e aglutinação)</u>	85
5.4	Estudo dos neologismos semânticos presentes no <i>corpus</i> midiático	86
6	VERIFICAÇÃO QUANTITATIVA	91
6.1	Gráficos da recorrência dos neologismos vocabulares	91
6.2	Gráficos da recorrência dos neologismos semânticos	92
6.3	Gráfico dos neologismos e a dicionarização	94
6.4	Gráfico dos processos de formação de palavras dos neologismos vocabulares	95
6.5	Recorrência das palavras investigadas por década	96
	CONCLUSÃO	99
	REFERÊNCIAS	102
	ANEXO – <i>Corpus</i> da pesquisa	106

INTRODUÇÃO

As palavras são como gotas d'água, incontáveis e imensuráveis, dispersas na fonte da qual bebemos em busca de conhecimento e interação social, no dinamismo da vida. Elas são preciosidades necessárias ao ser humano, que as utiliza no processo comunicativo, na leitura ou escrita de textos diversos, nas reflexões não verbalizadas em seu consciente e inconsciente, nas tradições orais, nos sonhos, nos gestos – pois estes também as representam como em um pedido de silêncio feito com o dedo indicador posicionado verticalmente sobre os lábios –, sua presença está em toda parte. Elas mexem com a criatividade lexical, representam grupos, marcam épocas e contam histórias. Estão vivas no uso da língua e por isso renovam-se constantemente de inúmeras formas.

A escolha pelo estudo das palavras nasceu no ano de 2014, durante o curso de especialização em língua portuguesa na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. As aulas, cujos assuntos abordavam o estudo do léxico na construção de seus significados ao longo do tempo, assim como o estudo semântico envolvido nesse processo, aguçaram minha curiosidade, o que ocasionou uma busca de conhecimentos nesta ampla área de estudo. Naquela época, desenvolvi uma pesquisa lexical baseada em autores como Michel Bréal e Stephen Ullmann, mais voltados para a semântica histórica. Agora, com uma abordagem linguístico-discursiva, lanço-me no estudo do léxico direcionado à esfera digital em uma investigação de novos significados e significantes produzidos no Brasil.

A vida como docente de língua portuguesa impulsiona o meu desejo de buscar sempre mais informações a respeito da língua pátria, expandir o conhecimento, descobrir o mistério da língua como nas palavras de Drummond de Andrade em seu verso final do poema *Aula de Português*: O português são dois; o outro, mistério. É possível ver este outro nos inúmeros estudos da língua, realizados por vários pesquisadores e estudiosos neste campo do saber.

A inspiração para a pesquisa com base em um *corpus* de palavras relacionadas à informática surge na preparação de uma aula cujo título era *A evangelização real na era digital*, ministrada na EBD – Escola Bíblica Dominical –, no ano de 2016, em que discorri sobre o uso da tecnologia digital no meio evangélico. Esta aula ocorreu, justamente, no período de composição do projeto acadêmico para ingresso no curso de mestrado, o que me

motivou a escolher o léxico da informática na delimitação da pesquisa a ser desenvolvida ao longo de dois anos.

Esta dissertação tem como objetivo investigar a criação de novos significantes e significados empregados em textos midiáticos de Língua Portuguesa, assim como analisar as construções neológicas em cada um deles. O ser humano detém um traço criativo na construção da língua ao produzir combinações lexicais inéditas por meio da neologia de forma e de sentido, além de se valer de empréstimos, estrangeirismos, no uso social. O significado é construído no processo comunicativo, pois “as palavras não significam nada sozinhas; sua capacidade de exprimir um significado aos interlocutores não depende só delas, mas também das combinações que as envolvem e do contexto situacional em que são utilizadas” (AZEREDO, 2010, p. 55).

Os estudos semânticos inaugurados por Bréal (1992) têm, ao longo dos anos, ganhado vários estudos sobre a construção dos sentidos nos vocábulos de uma língua. Bréal, em sua obra *Ensaio de Semântica*, aborda na segunda parte do livro como se fixou o sentido das palavras e discorre sobre a restrição do sentido, a ampliação do sentido, a metáfora e a polissemia, entretanto com uma análise histórica. Analisa a semântica na história das palavras. O foco desta dissertação é o estudo neológico vernacular e por empréstimo que permeia a análise semântica das palavras, aqui investigadas, com base em autores como André Valente, Ieda Maria Alves e Nelly Carvalho.

O trabalho lexicográfico desenvolvido na produção de dicionários no registro dos lexemas que compõem uma língua será utilizado na verificação do vocábulo como uma construção neológica ou não, pois “neologismo é a palavra nova, inventada, não dicionarizada.” (VALENTE, 2012, p.11). Logo, o uso de dicionários, como *corpus de exclusão*, é de grande importância na investigação realizada sobre o significado das palavras aqui investigadas dentro da esfera digital a fim de identificar se há ou não traço neológico. O *corpus de exclusão* usado nesta dissertação comporta três dicionários impressos e um eletrônico.

A metodologia de base qualitativa e quantitativa desenvolvida ao longo desta dissertação conta com um *corpus* formado por textos que abordam assuntos da era digital publicados pelo jornal *O GLOBO* na seção de informática, que, inicialmente, surge com o *Informaticaetc*, passa para *Infoetc* e depois é diluído no jornal impresso em várias seções, principalmente, na de Economia, como nos textos assinados por Cora Rónai; além de serem usados em algumas reportagens, propagandas, artigos das revistas semanais e crônicas. Entretanto, estes dois últimos não compõem a formação do *corpus* aqui construído. Os textos

midiáticos selecionados, publicados pelo jornal *O GLOBO*, compreendem um período de quase trinta anos, disposto entre os anos de 1990 a 2017. Tais publicações foram investigadas no jornal impresso – alguns selecionados do arquivo digital do jornal *O GLOBO*, disponível na internet para seus assinantes –, além de serem publicadas no campo digital. Este último surge quando o jornal amplia as publicações para o formato digital a fim de atender e alcançar um maior público.

A escolha pelo uso do acervo digital e do jornal impresso na composição do *corpus* de pesquisa ocorre devido às formas de aquisição do material para coleta de dados. Como esta pesquisa inicia no ano de 2017, o acervo digital serviu para coletar os dados do período de 1990 até 2016. Durante o ano de 2017 as publicações selecionadas foram do jornal impresso graças à possibilidade de acesso a este ao longo do ano de início da pesquisa.

A seleção das palavras foi feita dentro do campo semântico da informática usado em textos midiáticos com o intuito de caracterizar esta nova realidade no contexto sociocultural. Ao compreender a seleção de textos da década de 90, procurou-se verificar palavras que aparecessem nos textos deste período e que permanecessem ou não até o ano de 2017, assim como suas possíveis transformações lexicais e semânticas no campo da neologia.

É somada à seleção e análise lexical de caráter qualitativo uma investigação quantitativa de recorrência das palavras ao longo dos anos, dentro de um recorte temporal que se inicia no ano de 1990 e finda no ano de 2017, a fim de verificar se a palavra investigada deixa de ser um neologismo, permanece como um ou é esquecida com o tempo. O estudo e a verificação do significado dicionarizado ou não nos verbetes estão vinculados aos dicionários, Aurélio (2010), Houaiss (2011) e UNESP (2011), impressos; e Caldas Aulete, eletrônico.

Os três primeiros capítulos são direcionados à fundamentação teórica. O primeiro capítulo conta com uma análise semântica sobre os neologismos vocabulares e semânticos, o primeiro baseado na construção de um novo significante ou na adoção de vocábulos de outras línguas; o segundo, no ganho de um novo significado em palavras já existentes. As exemplificações dos neologismos apresentam palavras do *corpus* da pesquisa e outros oriundos de obras literárias, quando apresentada a diferença entre neologismo da língua e neologismo literário.

Ademais, a influência cultural na produção do léxico de uma língua, os aspectos na dicionarização de uma palavra, bem como o uso do texto midiático nas pesquisas lexicais serão temas abordados no segundo e terceiro capítulos, respectivamente. Autores como André Valente, Nelly Carvalho, Ieda Maria Alves, Maria Tereza Cabré, Irlandé Antunes, entre

outros, ilustram a construção teórica deste trabalho. Contudo, a base para o estudo do neologismo está centrada em André Valente, Nelly Carvalho e Ieda Maria Alves.

O quarto capítulo apresenta a metodologia empregada para o desenvolvimento desta dissertação, de base qualitativa e quantitativa. A investigação conta com o estudo de *corpus* formado por textos midiáticos referentes a assuntos relacionados à área da informática em uma visão qualitativa na seleção e investigação das palavras, além da exposição de um *corpus de exclusão* composto por quatro dicionários de referência, sendo três impressos e um eletrônico.

O quinto capítulo expõe a análise semântica das palavras pesquisadas no *corpus* em uma abordagem léxico-discursiva na investigação de sua aplicação nos textos e do significado que produzem relacionados ao contexto de uso. A verificação de sua possível inclusão nos dicionários já citados será apresentada em forma de tabela a fim de produzir uma comparação entre os quatro dicionários nesta verificação.

O último capítulo será destinado ao método quantitativo, que tem sua base em dados percentuais com o auxílio do aplicativo *WordSmith Tolls*. Este capítulo final expõe, por meio de gráficos, o índice de frequência de uso dos neologismos estudados no *corpus* de análise relativo aos respectivos grupos de anos de seu uso na formação do *corpus* de pesquisa. Estão listadas tanto as palavras que foram aceitas pelos falantes e incluídas nos dicionários – perdem a classificação de neologismos –, quanto as que deixaram de ser usadas e as que permanecem consideradas neológicas.

A língua em uso está em constante mudança. Os usuários atuam sobre a língua no emprego de novos significados e significantes. É como um campo em que se lançam as sementes para a produção de alimentos. As palavras são semeadas em vários textos, muitas criam raízes e dão frutos; outras se perdem e não frutificam ou apenas são usadas em um processo criativo. A mídia tem uma intensa participação neste processo, pois participa ativamente da criação lexical, além de contribuir para a produção de material como fonte de estudo da língua

Procura-se, nesta dissertação de mestrado, oferecer uma pequena contribuição no estudo lexical e semântico na investigação descritiva da língua portuguesa em solo brasileiro dentro da esfera da era digital. A língua é um bem social que deve ser estudado continuamente, pois está em constante mudança. Este trabalho tem a perspectiva de auxiliar nas pesquisas realizadas por docentes e pesquisadores da língua dentro e fora do campo universitário baseados na neologia de forma e sentido.

1 A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADO E A NEOLOGIA

O homem é um ser social que emprega a língua na interação, no processo comunicativo ou em sua individualidade. Ele se utiliza das palavras na construção de textos orais e escritos e estas podem manifestar significados diversos de acordo com a intenção e os conhecimentos léxico-discursivos dos agentes no ato da enunciação. As palavras dão vida às diversas línguas que fazem ou fizeram parte da sociedade na História. Enquanto vivas, estão em constante transformação, por isso estão sujeitas a mudanças na composição de seu léxico com o surgimento de novos significados e significantes construídos por seus usuários no processo comunicativo.

A definição de significado é uma questão complexa debatida por vários estudiosos, pois não há uma definição exata e igual para todos. Marques (2011) afirma que não há como se construir uma resposta exata para esta definição, mas o significado deve ser analisado como a construção de uma teoria, com uma visão mais ampla e discutível. Lyons (1987) relaciona o significado com “as ideias ou conceitos que se podem transferir da mente do falante para a do ouvinte por encarnar-se, por assim dizer, nas formas de uma ou outra língua” (1987, p.133), entretanto, afirma que as imagens construídas na produção do significado nem sempre serão inequívocas e necessárias – de acordo com a classe de palavra, como no caso de preposições.

No campo da semiótica, Barthes (2012) prefere a análise dos Estoicos, que afirmavam que o significado não é a representação psíquica ou a coisa real, mas é o dizível, sendo definido somente no processo de significação. Os dicionários procuram definir as palavras de uma língua, de certa forma, por meio da apresentação do significado de acordo com o que for acordado e verificado socialmente pelo uso da palavra e pela absorção do sentido pelos falantes. Definir o foco da semântica, o significado, é algo complexo e amplo, contudo este não será o foco neste estudo.

Compreender o significado de um vocábulo vai além de observar o que já foi dicionarizado, mas relaciona a aplicação da palavra com o discurso na produção da mensagem. É na interação que ela realmente significa, pois põe em jogo “um ou mais sujeitos, uma situação ou um cenário, e um sistema de referências que esse(s) sujeito(s) traz(em) na memória. O ato de atribuir significado é sempre um ato de reconhecimento” (AZEREDO, 2010, p. 39) pelo qual o homem seleciona informações, organiza mentalmente e as aplica no discurso.

O homem, ser social e criativo, é um grande produtor de transformações no léxico de uma língua com a criação de novas palavras – geradas por meio de estruturas mórficas recorrentes ou na produção *ex nihilo* – e de novos significados – sobre significantes já existentes na língua. Entenda-se por léxico o conjunto de palavras que formam uma língua e que são usadas na comunicação, seja oral ou escrita. Baseado nesta inventividade está o escopo desta dissertação com o estudo direcionado às construções neológicas de palavras relacionadas à informática em um *corpus* formado por textos jornalísticos.

1.1 Neologia e Neologismo

A neologia corresponde aos processos de transformações lexicais empregados na produção de um novo vocábulo inserido na língua em um dado momento da História, enquanto, o neologismo refere-se à palavra criada ou absorvida, ou seja, a palavra construída, inventada. A primeira é um híbrido, composto por dois radicais, respectivamente, um do latim e outro do grego, NEO (novo) + LOGIA (estudo), corresponde ao processo de criação, à novidade no léxico; a segunda acrescida do sufixo ISMO (origem, procedência) destina-se às novas palavras ou sentidos criados. “O conceito de neologia refere-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua” (ALVES, 1996, p.11)

M. T. Cabré indica o período em que surge o termo *neologia* nos estudos da língua como datado de 1758, na França, com o sentido de “criação de palavras, expressões ou novos sentidos”¹ (2015, p. 88, tradução nossa). Desde então, não houve mudanças em relação ao sentido atribuído a este termo ao longo dos anos, apenas novas terminologias e análises da neologicidade das palavras relacionadas ao contexto sociolinguístico. Além disso, para efetivação do uso do neologismo, “é preciso que, além das pressões sociais, o sistema linguístico esteja apto a absorvê-lo” (CARVALHO, 2006, p.1)

André Valente, J. C. Azeredo e Nelly Carvalho, em seus estudos sobre o assunto, afirmam que a neologia ocorre por meio de criações vernáculas formais e semânticas ou por empréstimos de outras línguas. A primeira corresponde a criações de forma e sentido e a segunda, aos estrangeirismos.

¹ O texto em língua estrangeira é: “creación de palabras, expresiones o sentidos nuevos”

Neologia é o processo de formação de novas unidades léxicas (palavras novas e novas combinações).

Neologia de Forma: consiste em fabricar novas unidades.

Neologia de Sentido: consiste em empregar um significante que já existe na língua considerada, conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então. (VALENTE, 2012, p. 33)

M. Tereza Cabré (2015) afirma que os estudos sobre neologia apresentam um amplo conjunto de trabalhos e pesquisas de forma prática e sistemática a partir dos anos 1960. No Brasil, é possível observar o afínco de alguns pesquisadores que se destacam sobre o campo da neologia relacionado a textos midiáticos e literários. Exemplos são os trabalhos e pesquisas desenvolvidos por André Valente (UERJ), Ieda Maria Alves (USP) e Nelly Carvalho (UFPE) com a publicação de livros e artigos sobre esta temática com apresentações em congressos.

Projetos como o *Neoveille*, desenvolvido por Ieda M. Alves (USP), contribuem cada vez mais para os estudos sobre o neologismo. Alves, ao desenvolver este projeto, tem por objetivo estudar dois tipos específicos de neologismos: os empréstimos e a neologia semântica, além de disponibilizar uma plataforma de observação desses novos vocábulos. André Valente com suas investigações acerca dos neologismos de forma e sentido no campo midiático e literário presenteia seus leitores com obras como *Neologia na Mídia e na Literatura* e *A linguagem nossa de cada dia*, entre outros. Entre as publicações de Nelly Carvalho temos *O que é neologismo?* e *Neologismos, informação e criatividade*. Todos somados à vasta publicação de livros e artigos desenvolvidos pelos autores.

Cabré (2015) afirma ser a neologia um conceito instável devido à relação do novo ser passageira, já que um tempo depois de sua criação, o vocábulo perde essa ideia de novo por meio do uso. Parte da ideia de que após ser criada e usada a palavra deixa de ser nova, logo, perde a ideia neológica. Entretanto, os neologismos literários, também chamados de “criação de autor” (CARVALHO, 2010, p.279), mesmo com a passagem do tempo não perdem sua neologicidade e permanecem vivos nas obras de grandes autores da Literatura. As criações literárias “tendem a ter existência efêmera e circulação restrita” (CARVALHO, 2006, p.195). Foram criadas segundo a criatividade e necessidade do autor e diferem dos neologismos da língua, criações na produção de um novo referente ou significado no uso social.

Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, fez uso de inúmeros neologismos na produção de sua obra, publicada, pela primeira vez, no ano de 1956. Tais palavras são consideradas, até hoje, neologismos. Sobreviveram ao tempo nas páginas de suas obras, ainda que não tenham sido, em sua grande maioria, inseridas no vocabulário geral. Vejamos dois trechos retirados da obra *Grande sertão: Veredas* com dois exemplos de seus neologismos.

Eu não sentia os homens, sabia só dos cavalos. Mas os cavalos mantidos, montados. É diferente. Grandeúdo. E, aos poucos, divulgava os vultos muitos, feitos árvores crescidas lado a lado. E os chapéus rebuçados, as pontas dos rifles subindo das costas. (ROSA, 2001, p.34)

Mortos mais uns seis. Corrijo: com outros, que pegos presos – se disse que foram acabados! Doideamos. A Bahia estava cercada nas portas. (ROSA, 2001, p. 84)

As palavras *grandeúdo* – primeiro trecho – e *doideamos* – segundo trecho – são exemplos de neologismos literários usados por Guimarães Rosa. O primeiro refere-se ao tamanho, atribuindo um valor aumentativo ao unir o substantivo *grande* + o sufixo *udo*, usado na formação de adjetivos com inferência à abundância. O segundo é a conjugação no pretérito perfeito do indicativo de um verbo criado pelo escritor, *doidear*, que, no contexto da história, apresenta o sentido de se enfurecer.

Os neologismos de língua são produzidos para a representação de um novo significante e/ou significado baseados em necessidades vocabulares dentro de um processo sociocultural. São criações de um novo referente ou significado na língua. Alguns nascem e são esquecidos, permanecem em uso por um pequeno período, contudo não são absorvidos pela língua, pois seus usuários não os propagam; e ainda, há aqueles que são incluídos na língua, aceitos pelos falantes e propagados em seus discursos no processo comunicativo, logo, são dicionarizados; e estes, sim, perdem com o tempo a ideia de criação neológica.

Na esfera midiática, uma forma de propagação das criações lexicais, os neologismos tendem a ser absorvidos pela língua devido ao uso no contexto social pelos usuários da língua ou esquecidos com o passar do tempo. A palavra *micrista* (micro + ista), por exemplo, foi usada na publicação de um artigo do caderno Informáticaetc do jornal O GLOBO, na década de noventa, com a intenção de criar uma palavra que indicasse aquele que faz uso do micro, computador, entretanto, nos textos analisados do período de 2000 a 2017, não há nenhuma ocorrência desta palavra, além de não estar incluída nos dicionários de referência.

É inegável que ao caderno Informática etc, pode ser atribuída grande parte de culpa. Mas há outros fatores que contribuem em muito para este fenômeno.

O primeiro deles é o surgimento há algum tempo de novos hábitos por parte dos micristas não iniciantes na arte de acessar BBB's. (O GLOBO, 13/05/91, p.4)

O texto discorre sobre a dificuldade nos acessos à internet por parte das pessoas que a buscavam a fim de interagir com outros *micristas* ao acessar o BBB's por meio do contato no Informáticaetc – seção do jornal O GLOBO – pelo computador.

A palavra *internauta* surge na mesma década que *micrista*, entretanto, com o passar do tempo, foi absorvida pelo uso social. Criada do estrangeirismo *internet* + o substantivo *nauta*, por um processo de composição por aglutinação, indica aquele que navega pela internet.

Máquinas em confronto

[...] Primeiro campeão a levar as maquininhas a sério Kasparov que é usuário de CheesBase e internauta de carteirinha, promete, para meados do ano, o lançamento de um jogo revolucionário [...] (O GLOBO, 19/02/1996, p. 3)

A palavra *internauta* surge no período em que a internet passa a ser uma realidade de maior acesso à população brasileira. Está diretamente ligada à realidade sociocultural da época, sua construção. Devido à aceitação e à propagação de uso, encontra-se dicionarizada como “usuário da internet” (Houaiss Conciso); “pessoa que navega na internet” (Dicionário UNESP). Logo, após alguns anos de observação de uso, passa a fazer parte do léxico da Língua Portuguesa.

O neologismo não é apenas um elemento gramatical que pode passar a formar parte do sistema de uma língua, como também é uma unidade que representa uma parcela da realidade e como tal é o resultado de um processo de categorização tendenciosa pela cultura de um grupo sociocultural.² (CABRÉ, 2015, p. 82, tradução nossa)

1.2 Neologia: transgressão ou estudo?

² O texto em língua estrangeira é: “el neologismo no sólo es un elemento gramatical que puede pasar a formar parte Del sistema de una lengua, sino que es ademas una unidade que representa una parcela de la realidade y como tal es El resultado de un proceso de categorización sesgado por La cultura de un grupo sociocultural.”

O caráter de transgressão, direcionado à criação neológica, era visto como um uso abusivo na formação da língua. Cabré (2015) afirma que no final do século XVIII e ao longo do século XIX esta terminologia adquire um sentido de transgressão da norma. Entretanto, tal sentido se desfaz ao longo do século XX, sendo o neologismo usado em obras literárias consagradas e incluído nos estudos gramaticais. As construções neológicas adquirem um prestígio literário e social que se estende a seus criadores.

No início do século XX, os neologismos e estrangeirismos ainda eram vistos como transgressões da língua, principalmente os galicismos. Em sua *Gramática Expositiva*, Pereira (1907) engloba os neologismos e estrangeirismos nos vícios de linguagem. Os galicismos, palavras oriundas da língua francesa, estão entre os estrangeirismos considerados barbarismos pelo autor:

504. As figuras de syntaxe, que dão ao dizer vernáculo graça e energia. Se contrapõe os vícios que o deturpam e desvirtuam.

505. Os vícios de linguagem são:

- | | |
|-----------------|--------------------|
| 1º Barbarismo | 7º Echo |
| 2º Solecismo | 8º Collisão |
| 3º Amphibologia | 9º Archaismo |
| 4º Obscuridade | 10º Neologismo |
| 5º Cacophonia | 11º Brasileirismo |
| 6º Hiato | 12º Provincialismo |

(PEREIRA, 1907, p.248)

O autor é enfático em sua posição contra os galicismos ou francesismos ao afirmar que a língua francesa concorre para barbarizar a língua portuguesa. Expõe em seus argumentos as relações históricas conturbadas entre Portugal e França e a disseminação da literatura francesa. “Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o galicismo ou francesismo não só no léxico ou no termo, mas também syntático ou na frase” (Ibid., p. 251). Afirma que há galicismos, já incorporados na língua, estes por necessidade ou uso prolongado, porém, há outros, nas palavras do gramático, que são verdadeiras deturpações da língua, não deveriam, portanto, constar no léxico da língua portuguesa. Em seguida, lista vários galicismos léxicos e fraseológicos que condena, entre eles: abat-jur (quebra-luz), debutar (estrear), confinar (encantoar-se), boa manhã (madrugada), saltar aos olhos (ser mais claro que o sol).

Os barbarismos, de acordo com Pereira (1907), correspondem ao uso de estrangeirismos na língua e os lista em: germanismo, anglicismo, italianismo, espanholismo,

galicismo, hebraísmo, helenismo e latinismo. Entre estes, os anglicismos estão presentes na construção dos termos referentes à informática, foco da investigação lexical deste trabalho.

Quanto aos neologismos, os define, entre os vícios de linguagem, como o “emprego de palavras novas quer formadas no seio da língua, [...], quer importadas de línguas estrangeiras” (Ibid., p. 256). Entretanto, em seguida, apresenta uma observação sobre neologismo e afirma que este obedece à lei da evolução linguística, empregado quando necessário para expressar uma ideia nova ou formado de acordo com a estrutura vernácula da língua, perde o título de vício de linguagem.

É possível perceber o caráter de transgressão que apresentavam até o início do séc. XX. O mesmo autor, em sua *Gramática Expositiva e Histórica*, datada de 1919, apresenta uma nova abordagem na apresentação dos neologismos e estrangeirismos. Agora, são apresentados na seção *Etymologia* em dois tópicos: *Neologismo e archaismo* e *Elementos estrangeiros*, respectivamente. A ideia de transgressão é suprimida por ganhos na língua. “Neologismo corresponde ao aparecimento, ou á transformação de sentido de um termo, que vem satisfazer uma necessidade nova de expressão” (PEREIRA, 1919, p. 182).

O autor divide os neologismos em duas categorias: intrínseco e extrínseco. O primeiro corresponde à criação vernácula formado por uma derivação ou composição analógica; o segundo corresponde ao “termo importado de língua estrangeira, em período relativamente moderno, e que toma o nome de sua procedência” (PEREIRA, 1919, p. 182). Como forma de enriquecimento da língua, é visto o estrangeirismo não mais como um vício de linguagem, mas como um constituinte do léxico português.

A aquisição do elemento estrangeiro para o nosso léxico constitui o que se chama importação ou empréstimo de línguas estrangeiras, que, com a formação popular e a formação erudita de palavras, nos dá a conhecer o tríplice processo que enriqueceu progressivamente o lexico primitivo, insufficiente para a expressão das idéas no progredir incessante da humanidade. (PEREIRA, 1919, p.236)

O autor, em seguida, faz uma longa exposição dos estrangeirismos na formação da nossa língua, com elementos de línguas peninsulares, do grego, do hebraico, do germânico, do árabe, do francês entre outros.

A ideia de transgressão vai se extinguindo aos poucos. Na segunda metade do século XX, várias obras sobre neologismos são produzidas como os estudos de Guilbert, 1975; Sandman, 1982; Carvalho, 1983, 1994; Alves, 1999 e se estendem ao séc. XXI com autores como Valente, 2010, 2012; Alves, 2010; Cabré, 2015.

Os estudos semânticos de Bréal (1992), iniciados no século XIX, nos apresentam alguns conhecimentos na construção do sentido das palavras pertencentes ao léxico de uma língua. A ampliação do sentido, a restrição do sentido, a metáfora e o estudo da polissemia são abordados em seu livro *Ensaio de Semântica* e contribuem para a análise do léxico e suas variações em uma visão histórica. Expõe novos significados já dicionarizados em suas seleções lexicais no estudo semântico da língua ao analisar quando surgem estes novos sentidos, quais aspectos semânticos são utilizados no processo e sua aceitação pelos usuários. Tais estudos são de grande valor na pesquisa das transformações neológicas, principalmente, na neologia de sentido.

O sentido de transgressão na criação de palavras ou sentidos, portanto, desaparece. Vários trabalhos são feitos e sua abordagem em gramáticas conceituadas se faz presente não mais como vício de linguagem, mas como renovação do léxico. O estudo dos neologismos está presente em Gramáticas como a *Moderna Gramática Portuguesa (2009)* de Evanildo Bechara no tópico sobre renovação lexical, inserido na seção de *Formação de palavras do ponto de vista constitucional*; e na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (2013)* de José Carlos de Azeredo, incluído na sexta seção direcionada ao estudo lexical: *Formação e significado das palavras*. Ambos abordam o tema no processo de formação e renovação lexical.

A ideia de transgressão dirigida ao neologismo não é fecunda e aplicável nas pesquisas e construções de conhecimento do léxico no século XXI. Seu uso é visto como um ganho e crescimento de uma língua. Nas palavras de Nelly Carvalho “Se os vocábulos novos foram considerados pelos gramáticos ‘vícios’ da linguagem, hoje em dia são aclamados e consagrados, de imediato” (1984, p.8).

A mídia e a literatura usam as criações neológicas em suas produções de forma inovadora e produtiva, tanto os neologismos formais quanto os semânticos. Os novos significantes ou significados são associados às necessidades de comunicação, representação de um acontecimento e nomeação na esfera social. Em sua grande maioria, utilizam recursos da própria língua na produção de novos vocábulos, pois a produção a partir do nada – *ex nihilo* – pode ocorrer, contudo, é mais rara na língua.

1.3 Neologia de forma

A neologia é um processo de criação vocabular ligada a fatores históricos e socioculturais. É uma evolução da língua (CARVALHO, 1984) que passa despercebida ao próprio falante. Apresenta-se, inicialmente, como um ruído no discurso, pois por sua novidade no uso, o receptor da mensagem precisa diluir seu possível significado no contexto do ato de fala e aplicar seus conhecimentos acerca da língua na interpretação do discurso para, então, compreender seu significado no contexto.

Os neologismos formais ou vocabulares correspondem às criações vernaculares de forma – criados por meio dos processos de formação de palavras ou de um *ex nihilo* –, além dos empréstimos – vocábulos oriundos de outras línguas. Estes também podem utilizar processos de derivação ou composição vocabular em sua formação, como em *blogueiro* (blog + eiro). Os neologismos de forma empregam, pois, em suas criações, processos de composição, derivação (sufixal, prefixal, parassintética) e conversão. “O principal recurso criativo é a utilização dos elementos mórficos do vocábulo. Os mecanismos composicional e derivacional são responsáveis pela criação da maioria dos neologismos.” (VALENTE, 2012, p. 69)

Máquinas em confronto

O grande papo micreiro desta semana foi, claro, a fantástica batalha que travaram Garry Kasparov e o Deep Blue, super máquina de jogar xadrez desenvolvida pela IBM.

Quando vocês estiverem lendo esta coluna, na segunda-feira, o resultado final já será conhecido. Por causa do carnaval, porém, tivemos que adiantar muito o caderninho: hoje, quarta-feira, realiza-se a quarta partida, com uma quinta na sexta e uma sexta no sábado (meio confuso, isso...)

O Deep Blue é a mais formidável máquina enxadrista já desenvolvida pelo homem; Kasparov é a mais formidável máquina enxadrista já desenvolvida pela natureza. [...] (O GLOBO, 19/02/1996, p. 3)

O termo *micreiro* é empregado neste contexto da informática em uma adjetivação do substantivo *papo*. Tem por finalidade a caracterização de uma conversa sobre ações desenvolvidas no computador (papo micreiro), como o jogo de xadrez disputado entre a máquina e um homem em um programa de computador. A derivação sufixal é o processo

empregado na formação neológica de *micreiro* (MICRO + EIRO) caracterizando-o como um neologismo de forma.

A criação neológica trabalha em uma relação sociolinguística em que a necessidade de um termo caracterizador ou nominativo, não presente no léxico da língua, é construído no discurso para satisfazer essa carência.

[...] está ligada à função referencial da língua, à relação dialética entre língua e referência. E sob pressão de acontecimentos extralinguísticos, sociais, científicos e artísticos que os neologismos são criados. Isto acontece em função do aspecto pragmático da língua, isto é, do uso, da atividade dos falantes uns sobre os outros. (CARVALHO, 2006, p. 198)

Os empréstimos linguísticos surgem, principalmente, na designação de um termo técnico e podem passar para o uso geral. O estrangeirismo, de acordo com os estudos gramaticais, pode apresentar-se sob a forma de xenismos – palavra introduzida sem alteração da grafia ou traduções: mouse, print; adaptações – com submissão à morfologia da língua em que é inserida a palavra: blogar; decalques – tradução literal do estrangeirismo: imprimir (print out) e siglas/ acrônimos – emprego das letras iniciais das palavras: CD (compact disk).

AÇÕES da Netflix sobem 18%, e empresa já vale mais do que GM

Nova York – As Bolsas americanas fecharam ontem o dia em alta, impulsionadas por bons resultados de empresas de tecnologia. O índice DowJones subiu 0,39%, e a Nasdaq bateu novo recorde, com a disparada de mais de 18% dos papéis da Netflix. O índice de tecnologia subiu 1,26% e chegou a 5.163 pontos, pouco acima do Record anterior, de 23 de junho.

A plataforma de vídeos on-line já vale mais na Bolsa do que a General Motors (GM). A empresa divulgou na quarta-feira um salto de 23% em suas receitas trimestrais com o aumento do número de assinantes e expansão internacional.

O serviço de streaming recebeu 34 indicações para o prêmio Emmy, incluindo séries como “House of cards” e “Orange is the new Black”. No ano anterior, ela havia conquistado 31 indicações.

As ações da Amazon avançaram 3,1% depois de a empresa anunciar que vendeu 34,4 milhões de produtos anteontem, em sua promoção a usuários do serviço Prime para marcar o aniversário de 20 anos da companhia. A

Amazon informou que planeja tornar a promoção um evento anual. Os consumidores compraram 398 itens por segundo, ritmo que ultrapassa a média durante a Black Friday, tradicional dia de promoções no comércio americano. (O GLOBO, 17/07/2015, p. 22)

É possível observar no texto acima o emprego de vários estrangeirismos como *Dow Jones* e *Nasdaq* (termos específicos da economia), *Netflix* e *GM* (empresas americanas), *online*, *streaming*, *Emmy*, *Prime* e *Black Friday* usados no contexto linguístico ao tratar de temas concernentes a empresas de tecnologia. O texto acima, extraído da seção de Economia do jornal, utiliza vários estrangeirismos com a ausência de traduções em sua composição. Tal fato nos impulsiona a concluir que os estrangeirismos utilizados neste texto são de fácil entendimento para os leitores, pois fazem parte de sua realidade linguística.

Os usuários da língua estão em contato direto com vários estrangeirismos, principalmente em áreas de especialidade, empregando-os de forma natural em seus discursos. *Black Friday*, por exemplo, transformou-se em sinônimo de desconto, mesmo que, no Brasil, algumas vezes não ocorra em uma sexta-feira como de costume no país de origem do termo.

A. Sandman (1992 apud VALENTE, 2006) desenvolve em seus estudos sobre empréstimos linguísticos outra classificação dividida em empréstimo lexical, semântico e estrutural³. O primeiro aplica a palavra em sua forma original, sem traduções ou substituição de fonemas, pode não ser adaptado fonológica e graficamente, só ortograficamente ou morfossintaticamente; o segundo faz uso da tradução ou adaptação de fonemas, empresta a ideia sem o significante; o terceiro está baseado na estrutura determinante + determinado, sem preocupação com morfemas ou palavras, ou seja, adota uma estrutura diferente da usada na língua de adoção. Respectivamente, como exemplos do texto original presente na obra *Neologia na mídia e na literatura*, temos, 1º Jazz, show, campus/campi; 2º Hot dog/ cachorro quente; 3º Motogincana. Este último, formado por moto (determinante) +gincana (determinado) caracteriza uma gincana de motos.

As transformações socioculturais de uma sociedade estão diretamente ligadas às mudanças na composição do léxico de uma língua, no qual os usuários criam palavras para expressar uma nova realidade vivenciada por eles. Assim “o neologismo resulta de uma

³ Nelly Carvalho apresenta outra classificação concernente aos empréstimos linguísticos: externos e internos. “O termo empréstimo designa uma palavra estrangeira adotada pela língua, empréstimo externo, mas também pode ser usado para designar um termo de linguagem especial ou técnica que passou para o uso geral, empréstimo interno.” (1983, p. 44)

necessidade de nomeação ou de um evento, que determina a criação de uma nova unidade lexical” (ALVES, 2010, p.65)

1.4 *Hapax Legomenon*

Hapax legomenon é uma expressão grega que indica uma ocorrência única de uma palavra. Pode ser construído a partir de um uso único de um determinado elemento mórfico na construção do termo, por meio da analogia, além de se caracterizar por ocorrência de palavras esquecidas com o tempo. É uma produtividade morfológica que vem ganhando espaço nos estudos sobre neologismos. De acordo com Gonçalves (2016) os *hapaces* ocorrem quando:

- Uma palavra complexa apresenta apenas uma ocorrência ou é uma palavra obsoleta, usada apenas uma vez e depois esquecida. A literatura é uma fonte riquíssima de suas ocorrências. Como exemplo, temos a palavra *guardachuvando* do título da obra de Sylvia Orthof *Guardachuvando doideiras*.
- Construções isoladas com bases que não correspondem a palavras. “Tais bases são *hapaces*, uma vez que aparecem em apenas uma ou duas palavras” (2016, p. 34). A base consegue ser analisada pela transparência semântica do sufixo ou por padrões derivacionais em sua composição. O autor exemplifica com *manada* (sufixo *-ada*) cujo radical *-man* não apresenta significado semântico na produção de uma palavra e *marcenaria/marceneiro*, que apresenta um padrão derivacional com as formações com *-aria* e *-eiro*.
- Elementos mórficos únicos que ocorrem na formação de sufixo como em *casebre*. Explica que o sufixo *-ebre* não apresenta o mesmo sentido em outras composições. O autor ainda sugere, nesta análise, a possibilidade de estarmos “diante de uma palavra que tenha se originado de um processo de formação vocabular,[...] mas a motivação não é mais aparente. A sequência não recorrente *-ebre* é portanto, uma *hapax legomenon*.”(Ibid., p.35-36)

Os *hapaces* também podem ser provenientes de formações analógicas, composições baseadas em palavras existentes, como em *enxadachim* de Guimarães Rosa, que tem por base a palavra *espadaachim*, com duração efêmera, entretanto, outras, já caíram no gosto popular e possuem uma maior frequência de uso como em *bebemorar*, comemoração com bebidas.

1.5 Neologia de sentido

Neologismos semânticos, também conhecidos como conceptuais, são caracterizados por acrescentar um novo sentido a um significante já existente na língua. São considerados uma forma econômica na renovação lexical, já que se utiliza de um significante presente no léxico, ou seja, modifica apenas a relação entre significante e significado. “A maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é através de construção e sim de mudança de sentido” (CARVALHO, 2010, p. 287).

A neologia de sentido representa uma economia linguística na renovação lexical de uma língua por aproveitar um lexema já consagrado, assim não é necessária a inventividade formal na criação vocabular, mas apenas uma associação de ideias em novo uso e contexto para um significante já usual no vocabulário dos falantes. Muitas palavras da informática estão inseridas neste contexto, em que o usuário da língua faz mudanças apenas na relação entre significante/significado.

A palavra *rede*, por exemplo, nos remete à ideia de ligação, entrelaçamento, como na rede de pesca, entrelaçamento entre linhas em sua formação. Entretanto, assume novos sentidos e usos de acordo com o contexto em que está inserida. No contexto da informática, assume o sentido de conexão entre os computadores, ganha um novo conceito, que, a partir do uso e aceitação por parte dos usuários da língua, é aceito e dicionarizado. Vejamos as duas últimas definições deste vocábulo no dicionário Houaiss (2011) “7. INF sistema constituído por dois ou mais computadores interligados, para comunicação, compartilhamento e intercâmbio de dados. 8. INF internet.”

M. Louis Guilbert (1975 apud VALENTE, 2012) apresenta três formas de neologia conceptual em seus estudos. A primeira refere-se ao uso das figuras de linguagem no processo neológico, como a metáfora, a sinédoque entre outras. Analisemos a frase *Facebook tem 45 mil senhas roubadas por vírus* (O GLOBO, 07/01/12, p.35.). A palavra *vírus*, no campo da ciência, apresenta o significado de agente causador de infecção ou doença, tal sentido é transferido por meio da metaforização para a informática. Infere, portanto, a ideia de que o computador esteja “doente”. Nesta frase além da ideia de agente da infecção, *vírus* é personalizado e se torna agente causador do roubo.

A segunda encontra-se no campo morfológico e ocorre por meio da conversão, o que afeta a categoria gramatical do lexema. Em *Que bela palavra é um não!* – exemplo usado por Valente (2012) – a palavra *não*, pertencente à classe dos advérbios, transforma-se em substantivo, alterando sua classe gramatical.

A terceira é qualificada pelo autor como sociológica, pois a palavra originalmente usada em um contexto específico, técnico, passa para o uso geral. A palavra *deletar*, por exemplo, direcionada ao campo da informática com o sentido de apagar algo do computador, é aplicada no uso geral pela população com o sentido de apagar, esquecer, sumir, como é possível observar nos versos da música *Deletei do jogo* da dupla sertaneja Bruninho e Davi : *E sabe aquele tipo apaixonado bobo / Eu deletei do jogo*. A palavra *deletar* na canção assume a ideia de retirar, apagar o tipo apaixonado bobo do jogo do amor.

Reconhecer o significado novo não é uma tarefa simples. Seu reconhecimento vem com o uso, que está diretamente relacionado ao contexto sociolinguístico em que a palavra é aplicada. O neologismo conceptual age sobre o significado em uma evolução semântica, ao atribuir um novo significado sobre um significante já existente no léxico. O emprego do novo sentido não significa uma substituição de significados atribuídos à palavra, mas uma adição, um acréscimo.

Este tipo é um novo sentido adquirido por um termo em sua evolução semântica. O contexto atualiza o significado da palavra, mas, independente dele, a palavra é ligada em nossa mente a vários significados que se realizam no momento do uso. [...] A criação semântica é o resultado da atividade linguística consciente de um falante, dentro de um sistema linguístico e sua difusão depende das condições de comunicação, dentro de um contexto sociolinguístico. (CARVALHO, 2010, p. 194-195)

O usuário da língua apresenta maior dificuldade na percepção de uma neologia de sentido pelo uso de palavra já dicionarizada em sua apresentação, com alteração apenas semântica e não formal. Contudo, com a difusão deste novo significado, o falante se acostuma com a relação significado/ significante criada e a inclui em seus conhecimentos lexicais. A aplicação do novo sentido é somada aos já existentes e este é selecionado de acordo com o contexto e a necessidade de comunicação entre os agentes da fala no processo comunicativo.

1.6 Neologismos das línguas de especialidade

As línguas de especialidade empregam termos técnicos na construção da linguagem usada por seus usuários a fim de estabelecer uma comunicação limpa e transparente, sem ambiguidades ou multiplicidade de termos singulares. A dinamicidade tecnológica vivenciada no séc. XXI proporciona a criação de novos termos na caracterização de peças, ações e usos em áreas específicas como a informática e as mídias digitais, acarretando, assim, o aparecimento de neologismos de especialidade. Os neologismos terminológicos também são conhecidos como *neônimos*, termo criado por Rondeau (1984 apud ALVES, 1999) para diferenciar as novas unidades lexicais usadas na língua geral e na língua de especialidade.

[...] língua comum ou geral – parte do sistema linguístico compreendida e utilizada pela maioria dos falantes de uma comunidade linguística (Boutin-Quesnel et alii, 1985, p.21); língua de especialidade – subsistema linguístico que utiliza uma terminologia e outros meios linguísticos e que visa à não-ambiguidade da comunicação em uma área particular (Norme ISO 1 087). (ALVES, 1999, p. 159)

As unidades neológicas das línguas de especialidade surgem de uma “criação motivada, pois respondem a uma necessidade, ditada pelo desenvolvimento das ciências e das técnicas” (ALVES, 1999, p. 161) o que as difere dos neologismos da língua geral, criados espontaneamente na língua. Estes correspondem à criatividade literária, jornalística ou individual dentro do âmbito social empregado na língua geral, enquanto aqueles são criados de forma motivada a fim de estabelecer uma comunicação técnica e informativa de uma área da ciência e tecnologia. Estabelecem o uso de termos específicos na troca de informações entre seus usuários.

É certo que a construção dos neologismos de especialidade segue as mesmas regras de construção dos neologismos gerais baseados nos tipos de formações vocabulares – derivacionais ou composicionais – da língua em uso ou por meio de empréstimo de outras línguas com possíveis adaptações.

Desse modo, as unidades lexicais dos textos técnico-científicos apresentam as mesmas características das unidades lexicais do conjunto do léxico. Caracterizam-se, no entanto, por certos traços que, embora também encontrados no léxico geral, apresentam nos textos especializados índices mais importantes do ponto de vista da frequência de uso. (ALVES, 2003, p. 37)

Os neologismos da língua de especialidade, também denominados neologismos terminológicos (Alves, 2001) quanto à frequência de uso apresentam maior estabilidade na língua devido a sua formação motivada no uso instrumental desses novos termos a serem aplicados nos textos e comunicações técnico-científicas. A necessidade de uma comunicação

técnica proporciona maior frequência de uso dos neologismos terminológicos do que a dos neologismos gerais.

Alves (2003) apresenta alguns traços na caracterização dos neologismos terminológicos como a redução de formas, a expansão sintagmática, a formação de unidades lexicais com elementos não linguísticos, a formação com nomes próprios, além da concorrência entre elementos vernaculares e empréstimos de outros idiomas. Na exemplificação de cada traço, utilizaremos alguns exemplos do *corpus* de análise deste trabalho e outros dados pela própria autora em seu artigo *O léxico nas línguas especializadas*, estes indicados pelo uso de asterisco.

- Redução de formas: uso de siglas e trunçações, termo formado a partir na junção de dois ou mais radicais, na composição das novas unidades terminológicas como consequência de unidades muito longas, entretanto, sem eliminar as unidades expandidas. Exemplo de sigla: *RAM* – Random Access Memory; Exemplo de truncação: **robótica* (robô+informática)
- Expansão sintagmática: formação baseada em um termo determinante e outro determinado, acompanhado ou não de preposição ou de outra forma de expansão: **algoritmo paralelo*; *algoritmo de busca*; *algoritmo do vizinho mais próximo*.
- Unidades lexicais com elementos não linguísticos: uso de formas gráficas e numéricas na composição das novas unidades terminológicas. Ex: *modems Everfax24/96MNP5*.
- Formação com nomes próprios: formação sintagmática em que os nomes próprios, precedidos da preposição *de*, servem de determinantes na composição do sintagma como em **rede de Kohonem*; ou “se tornam radicais e passam a derivar substantivos comuns” (Ibid., p. 42) como em **fordismo/ fordista*, derivados de Henry Ford.
- Concorrência entre elementos vernaculares e empréstimos de outros idiomas: uso de termos estrangeiros seguidos de traduções ou substituídos pelas formas traduzidas, sendo os dois usos comuns, ou seja, ambos são utilizados. Alves exemplifica o primeiro com o termo **frames* seguido de sua tradução *estante*; e o segundo caso com **árvore and/or* com a ocorrência deste termo substituído por elementos vernaculares: *árvore e/ou*. Outro exemplo, presente no *corpus*

desta pesquisa é a expressão *fake news*, seguida de sua forma traduzida, *notícias falsas*.

A organização sustenta que esse duopólio força as empresas jornalísticas a entregarem o que produzem e a seguirem as regras de Google e Facebook sobre como a informação deve ser apresentada, e até monetizada. “Essas regras transformaram as notícias em *commodities* e originaram as *fake news* (notícias falsas), que geralmente não podem ser diferenciadas das notícias reais”. [...] (O GLOBO, 11/07/2017, p. 20)

Entretanto, alguns neologismos terminológicos são incluídos na língua geral e servem de base para a produção de novas palavras como é o caso das palavras *blog*, denominação de um novo gênero textual empregado nas mídias sociais, e *twitter*, mídia social empregada em conversações entre usuários da rede. Estes termos deram origem a outras criações neológicas como os substantivos *blogueiro*, *microblogging*, *microblog* e os verbos *tuitar* e *blogar*.

Twitter : 100 milhões de contas novas

Mas poucos *tuitam*, pelo menos nos Estados Unidos

“O twitter deu ontem início a sua retrospectiva de 2010, listando as principais celebridades que criaram suas contas este ano. O site de *microblogging* ganhou mais de cem milhões de usuários. Alguns deles são famosos como Bill Gates (@billgates), Cher (@cher) Tiger Woods(@tigerwoods), o presidente da Rússia, Dmitri Medvedev (@MedvedevRussia), e a presidente eleita do Brasil, Dilma Rouseff (@dilma).

[...]

Por outro lado, nem todo mundo que tem Twitter *tuita*. Uma pesquisa do Pew Research Center’s Internet & American Life Project apurou que 8% dos internautas americanos têm conta no Twitter, mas apenas metade deles usa o *microblog* diariamente.” (O GLOBO, 11/12/2010, p. 39)

1.7 Critérios para o reconhecimento de um neologismo

A identificação de construções neológicas está diretamente ligada à novidade no contexto de produção que pode ocorrer, como já dito, na língua de especialidade, na geral ou comum ou por criatividade do autor verificadas por meio da divulgação midiática e de obras literárias. Seu reconhecimento está no uso, na inclusão em textos de acordo com a realidade vivenciada pela comunidade linguística. Apenas, como exemplificação, uma das manchetes do jornal O GLOBO, do dia 21 de outubro de 2018, apresentava a seguinte construção *Do Lulismo ao Bolsonarismo*, e encontramos duas construções neológicas formadas a partir dos nomes *Lula* e *Bolsonaro* somados ao sufixo *ismo* na formação de substantivos abstratos que indicam um posicionamento ideológico dos eleitores, os que seguem a ideologia de Lula ou a de Bolsonaro. O redator se baseou no campo político vivenciado no Brasil, na disputa eleitoral, para a criação desses dois termos, ao criar estes dois neologismos de forma.

O reconhecimento dos neologismos de sentido é menos laborioso por se tratar de uma palavra reconhecida na composição do léxico da língua e por esta já se encontrar dicionarizada, apenas com um novo sentido em sua aplicação de acordo com o contexto. Entretanto, a forma de reconhecimento é a mesma: através do uso, do contexto de produção. Como neologismo é a palavra ou sentido não dicionarizado, o uso de dicionários de referência continua a ser o critério metodológico usado para a verificação do caráter neológico das palavras.

Como princípio metodológico, o critério seguido para a consideração do caráter neológico ou não de uma unidade lexical tem sido o da filtragem por meio de um *corpus de exclusão*. Essa denominação, criada por Boulanger (1979), designa um conjunto de dicionários de língua que exerce o papel de filtro para caracterizar uma unidade lexical como neológica ou não neológica. (ALVES, 2010, p. 65)

Nesta pesquisa, seguiremos o mesmo princípio metodológico adotado por Alves (2010), o uso de um *corpus de exclusão* na verificação do caráter neológico ou não neológico do novo significante ou significado. Na escolha dos dicionários de referência encontram-se quatro dicionários de língua, sendo três impressos – Aurélio (2010), Houaiss (2011)⁴ e UNESP (2011) – e um eletrônico, Caldas Aulete. A escolha de um dicionário eletrônico possibilita uma verificação com atualizações constantes da composição do léxico da língua, além de apresentar um número maior de lexemas em sua composição – já que muitas vezes os

⁴ O Dicionário Houaiss também possui sua versão on-line acessível pelo site da UOL.

dicionários impressos são resumidos devido à quantidade de folhas que podem utilizar de acordo com a orientação da editora de publicação, limitando por vezes sua composição –, por isso seu uso na composição deste *corpus*.

A escolha das palavras para verificação de seu caráter neológico foi feita durante a leitura do *corpus* de análise e foram selecionadas seguindo três critérios. O primeiro, a presença de palavras usadas no campo semântico da informática e da tecnologia, englobando estrangeirismos e suas transformações no léxico da língua portuguesa; o segundo, a verificação de novidade, de caráter pessoal, no uso das palavras usadas no contexto da informática; e o terceiro, a frequência de uso, principalmente dos neologismos de forma, nos textos analisados. Os vocábulos selecionados na verificação de seu caráter neológico tanto de forma quanto de sentido apenas serão considerados neologismos caso não estejam presentes em nenhum dos dicionários de referência utilizados no *corpus de exclusão*.

A passagem temporal, relativa ao uso de uma nova construção vocabular ou semântica, compõe um aspecto na ponderação dos lexicógrafos na dicionarização ou não desse novo lexema acrescida de uma verificação pragmática da aplicação dessa novidade pelos usuários da língua. Assim, é possível verificar a aceitação do novo significante ou significado no âmbito sociolinguístico. Contudo, individualmente, a condição de novidade do neologismo sofre variações, pois para alguns ela pode ter o valor neológico, enquanto para outras apresentar um uso comum, baseado no conhecimento linguístico de grupos diferentes.

O período de tempo exigido na inserção de um neologismo nos dicionários de referência não é abordado em nenhuma das obras consultadas nesta pesquisa, apenas a verificação constante das inovações lexicais nas bases de neologismos e comparações entre os lexemas dos dicionários gerais são feitos com frequência para a inserção de novas unidades léxicas ou semânticas em um dicionário e outro. O assunto sobre a inserção de palavras nos dicionários será abordado com maior dedicação no capítulo 2, baseado em obras de Herbert Andreas Welker, Francisco Borba e Claudia Xatara.

Portanto, a escolha de um *corpus de exclusão* para a constatação do valor da neologicidade das palavras aqui selecionadas em um *corpus* midiático da linguagem da informática possibilita um resultado ponderado e eficaz na investigação proposta de alguns neologismos conceptuais e vocabulares presentes na língua portuguesa.

2 A RENOVAÇÃO LEXICAL NO ÂMBITO DA INFORMÁTICA E O DICIONÁRIO

A língua é a representação sociocultural de um povo, sua identidade impressa ao longo da História por seus usuários na representatividade lexical, que sofre alterações de ordem semântica e formal na renovação do conjunto de palavras que a compõem. As transformações sobre o significante e o significado estão diretamente relacionadas às mudanças históricas e culturais de um povo vivenciadas em suas novas experiências e realidades. Surgem, neste contexto, alguns neologismos a fim de satisfazer as necessidades linguísticas na nomeação de novos termos e/ou conceitos na língua geral ou técnica, baseados em realidades recentes inseridas na interação social de uma comunidade linguística.

Mensurar com exatidão a quantidade de palavras que compõem uma língua é algo improvável, é uma tarefa de muito difícil execução, pois, quando em uso, ela é viva e mutável. Sofre variações em sua construção a cada dia com novas unidades e sentidos aplicados no discurso. Entretanto, nem todos os neologismos de forma e sentido são aceitos e incluídos no léxico. Muitos surgem, são empregados por um período de tempo, mas são esquecidos e excluídos do uso social. A aceitação ou não do neologismo é vista de acordo com o seu uso na comunidade linguística, só então, ocorrerá a possível consolidação no grupo lexical de uma língua. A quantidade de palavras de uma língua está em constante variação. Há as já dicionarizadas e outras, em uso, ainda não registradas nos dicionários impressos ou digitais que compõem o conjunto de vocábulos ativos de uma sociedade.

A presença da informática na formação cultural brasileira fomentou a criação neológica na caracterização dessa nova realidade a partir da segunda metade do século XX até os dias atuais e abriu um vasto campo lexical nas interações sociais dos usuários da língua. A internet, em primeira instância discada, a partir da década de noventa passa a ser uma realidade nas casas brasileiras e representa mais um avanço tecnológico em nossa cultura. A língua precisou se adaptar a essa nova realidade ao empregar palavras inéditas ou ampliar o significado de algumas já existentes na formação de seu léxico na representatividade da nova realidade cultural tecnológica.

O surgimento das inúmeras redes sociais – *Orkut, Twitter, Facebook, What's up* entre outras – amplia ainda mais a renovação lexical nesta nova fase, agora denominada, era digital no século XXI. As necessidades lexicais na interação se expandem nesta nova era com neologismos formais e semânticos, além de empréstimos de outras línguas, que são analisados

em seus usos ao longo do tempo a fim de serem ou não incluídos nos dicionários, compêndios que procuram registrar as palavras de uma língua.

Novos gêneros textuais como o *e-mail* e o *blog* são criados nessa nova realidade em que a comunicação ocorre de forma veloz e quase instantânea. Uma nova linguagem surge na elaboração das mensagens usadas nas redes sociais por seus usuários com abreviações, siglas, ausência de vogais e sinais gráficos – contudo, a linguagem entrecortada das redes sociais não será o foco desta pesquisa. Toda essa realidade colabora para a renovação lexical da nossa língua com a criação de vários neologismos na era da informação.

Neste capítulo, visualizaremos a relação entre a cultura e a renovação lexical da língua portuguesa, assim como o papel dos dicionários no registro das palavras constituintes do léxico da língua geral ou comum empregada nas interações sociais.

2.1 A influência da cultura na formação do léxico

A formação do léxico de uma língua comporta várias palavras influenciadas por traços culturais na produção de seu significado e uso social. Estes novos usos e sentidos são produzidos em uma comunidade linguística de acordo com as experiências e realidades vivenciadas por seus integrantes. Antes de analisarmos tais influências, vejamos estes dois termos, *cultura* e *léxico*, e alguns conceitos construídos sobre eles. No dicionário UNESP (2011), Francisco Borba nos apresenta cultura como

1. Estado ou estágio do desenvolvimento de um povo ou de um período, caracterizados pelo conjunto das obras, instalações e objetos criados pelo homem desse povo ou período.
2. Sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma determinada sociedade.
3. Atividades ligadas à criação e difusão das belas artes, ciências humanas e afins.
4. Ação de cultivar.

O desenvolvimento de um povo ou de um período (acepção 1) impõe novas experiências, transformações e descobertas na vida de uma sociedade. A língua sofre alterações na representação de novas ideias, conhecimentos, na nomeação dos artefatos, o que gera a produção de neologismos. O homem busca novas palavras e cria novos conceitos na interação social, o vocábulo se veste de determinado significado no momento da produção linguística, seu sentido é partilhado e não isolado. O homem faz adaptações e aplicações

inéditas dos vocábulos na apresentação de seu discurso, alterando a formação do léxico de sua língua em um crescimento lexical.

Definamos léxico como “o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p.27). Este repertório pode relacionar-se de forma ampla ou específica a um grupo de pessoas de acordo com o uso pretendido pelos falantes nos contextos sociais em que estão inseridos, assim como a intenção na produção do discurso.

A relação semântica entre a palavra e o que ela significa está diretamente ligada ao contexto do ato de fala. É por meio das palavras que o ser humano se expressa verbalmente na escrita ou na oralidade. E o instrumento dessa comunicação verbal reflete as intenções comunicativas do emissor e receptor. Devido a necessidades linguísticas para nomear algo novo inserido na realidade de um grupo social, o indivíduo assume a criatividade na produção e renovação do léxico.

As palavras vestem o novo sentido de acordo com a intenção do emissor na produção do discurso e sua interação com o receptor. Ao relacioná-las ao contexto da comunicação e à intenção dos falantes na produção do discurso, depreende-se uma análise léxico-discursiva no estudo da neologia de forma e de sentido. Uma palavra vista de forma isolada pode apresentar significados diversos; assim deve ser analisada dentro de um contexto. A verificação do significado de um vocábulo não pode ser feita de outra maneira, a não ser dentro do discurso.

Léxico e cultura estão vinculados um ao outro, de forma histórica, política e social, pois “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas” (SAPIR, 1980, p. 165). Um mesmo signo linguístico pode apresentar significados distintos no momento da enunciação, porém assumem um específico na interpretação da mensagem, pois um vocábulo pode conter mais de um significado em sua essência. O léxico é o componente “que faz a conexão entre o sistema linguístico e a realidade” (BORBA, 2003, p. 302) na expressão cultural de um povo.

Cada indivíduo possui um conjunto lexical em sua memória, ativado no momento da comunicação, seja oral ou escrita, de forma dinâmica. Todavia, cada ser apresenta conjuntos lexicais com diferenças em relação ao armazenamento vocabular, em que um possui o conhecimento de algumas palavras que o outro não utiliza, ainda que constituam o léxico da mesma língua. Neste campo, observamos as diferentes experiências vividas pelos usuários, que estão em constante aprendizado linguístico.

Se o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de ‘memória’ representativa das ‘matrizes cognitivas’ construídas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa. (ANTUNES, 2012, p. 28)

O uso da linguagem, logo, relaciona a competência cognitiva, a memória lexical e a realidade cultural do indivíduo no contexto discursivo em que está inserido. Como a língua está em constante transformação, a seleção vocabular efetuada por seus usuários também está e varia de acordo com o contexto cultural de cada sociedade ou grupo social. Sendo assim, a transformação do léxico de uma língua está diretamente ligada à cultura, de quem sofre influência na representação de sua realidade sociolinguística.

2.2 A informática na renovação lexical

Os computadores surgem na segunda metade do século XX, na década de 50, em um período de guerras e conflitos nos Estados Unidos. O Departamento de Defesa norte-americano tentou o desenvolvimento de projetos que auxiliassem na defesa do país contra ataques aéreos e bombardeios. Surgem, nesse contexto, os primeiros computadores instalados em *bunkers* de grandes dimensões, pois as máquinas eram enormes e ocupavam um grande espaço. O escopo de sua produção estava direcionado à resolução de cálculos matemáticos baseados em dados coletados na guerra com aplicabilidade nas bases militares.

Ao longo dos anos, os computadores deixam de ser apenas de uso militar para serem utilizados pelo governo e pela sociedade. A evolução da informática gera benefícios em outras áreas sociais como na comunicação, na telecomunicação e na educação. O surgimento da internet disponibiliza uma melhor comunicação em ordem mundial com troca de dados diversos, não apenas em cálculos matemáticos, mas em todas as áreas do conhecimento.

No Brasil, a informática também tem início na segunda metade do séc. XX, mas ganha maior aplicabilidade nacional a partir de 1970 na formação de bancos de dados, no gerenciamento de informações e no desenvolvimento das telecomunicações e na educação. Algumas instituições de ensino superior brasileiras começaram a usufruir desta nova tecnologia em seus projetos científicos e na comunicação entre as universidades.

A rede de computadores chega às casas da população brasileira na década de noventa. O acesso à internet abre uma conexão entre usuários de várias regiões e países distintos ao

mesmo tempo. Temos a cultura da informática presente em nossas vidas influenciando a linguagem no processo comunicativo com ganhos no léxico da língua.

A realidade da informática no mundo acarretou a inserção de novas palavras na composição de nosso léxico além de acréscimos no significado em significantes já existentes. “A informática é, aliás, uma área em que a renovação linguística torna-se constante.” (VALENTE, 2012, p. 22) com várias criações de língua e de autor, além de alguns empréstimos de palavras usadas na caracterização da informática. Entre elas temos *internet*, *internauta*, *micreiro*, *blog*, *blogar*, *rede*, *janela*, *vírus*, *mouse*, *print*, *twitter*, *tuitar*, *CD* (*compact disk*), *deletar* entre outros que serão apresentados no capítulo concernente à análise do *corpus* coletado.

Observam-se, com esses exemplos, neologismos de forma baseados em anglicismos oriundos da informática. Alguns sofreram adaptações para o português como *deletar*, proveniente do vocábulo *delete*, cujo significado é *apagar* que emprega a formação por derivação sufixal na produção de um novo verbo, o que também ocorre com *blogar* e *tuitar*. Outras formações vocabulares presentes nos exemplos dados são: *internauta* (*internet*+ *nauta*), composição por aglutinação; *micreiro* (*micro* + *eiro*), por sufixação e *CD* (*compact disk*), por sigla.

Outros são representantes do neologismo de sentido, no período de introdução da informática na comunidade linguística, como *rede*, *vírus* e *janela*. Os três utilizam o recurso da metáfora na produção do novo sentido. O primeiro representa a conexão entre os computadores ou a própria *internet*; o segundo representa um ser digital que contamina o computador e causa problemas em seu funcionamento; o terceiro corresponde a uma abertura nos programas da rede, um caminho aberto para o usuário. Os significantes não alteram a forma, apenas ganham novos significados. As palavras *mouse* e *print* são empréstimos linguísticos, estrangeirismos, não sofrem alteração na escrita nem no sentido, adotadas em nosso léxico ativo com os dois primeiros vocábulos já dicionarizados em nossa língua. *Blog* já apresenta forma aportuguesada no VOLP: *blogue*.

2.3 Aspectos na dicionarização de uma palavra.

Começemos com uma frase ainda repetida pelo senso comum “Se a palavra não está no dicionário, ela não existe”. A ideia de que o dicionário é o livro que abarca todas as palavras da língua não pode ser válida, pois não há como uma única obra comportar todas as palavras usadas em um idioma, já que a língua renova-se constantemente e a quantidade de palavras continua a crescer. Se esta fosse uma verdade, os neologismos não seriam considerados palavras e afirmaríamos que a língua é estática, imutável. Entretanto, o léxico está em constante mudança, renova-se a cada dia.

A constante expansão do léxico da língua se efetua pela criação de novas palavras (doleiro, internetês), pela incorporação de palavras de outras línguas (deletar, mouse, leiaute, tuitar, blogar), pela atribuição de novos sentidos a palavras já existentes (salvar, fonte, vírus), processos que costumam coexistir e deixar o léxico em um ininterrupto movimento de renovação. (ANTUNES, 2012, p.31).

Os dicionários são obras de grande valor, pois procuram registrar a língua ao longo do tempo. Inicialmente, sua criação apresentava dois propósitos: um de valor puramente didático ao “estabelecer equivalências entre palavras do latim e do grego, e de línguas modernas como o espanhol, o francês e o português” (PNLD – Dicionários, 2012, p. 10); o segundo propósito era sistematizar o conhecimento de línguas de nações conquistadoras unido aos estudos gramaticais desenvolvidos pelos estudiosos da língua. As duas primeiras definições do lexema *dicionário* registrada no *Novíssimo Dicionário Aulete (2011)* são

1. Obra que reúne, em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou termos referentes a uma matéria específica, e descreve seu significado, uso, etimologia etc, na mesma língua ou em outra (dicionário de cinema/ de inglês). 2. O conjunto das palavras ou termos reunidos nessa obra.

O escopo do dicionário permanece na didática e na sistematização da língua. Os consulentes procuram este tipo de obra lexicográfica na busca do significado, na construção ortográfica, ou de outras informações sistêmicas da língua que a obra lhe ofereça no ato da consulta. Ademais, não se limita apenas a uma lista de palavras com definições, dispõem de outros textos em sua composição, denominados textos externos em que estão incluídos “prefácio, introdução, lista de abreviaturas usadas no dicionário, informações sobre a pronúncia, resumo da gramática, lista de siglas e/ou abreviaturas [...], bibliografia, fontes, às vezes, curiosidades” (WELKER, 2004, p.78-79) entre outros.

A tipologia desse tipo de obra abarca uma grande quantidade de classificações que varia de acordo com o enfoque dado por seus autores. Welker (2004)⁵ nos apresenta um estudo sobre esse tema, no qual encontramos diversos tipos e especifica as formas de composição, objetivos de cada um, extensão, tempo (sincronia/diacronia), público alvo entre outras informações. “Há uma grande variedade de obras que recebem o nome de dicionário: dicionário bilíngue, terminológico, escolar, infantil entre outros. Cada um possui características específicas; entretanto o dicionário de línguas é o mais típico de todos” (KRIEGER, 2012, p. 17). Neste estudo, daremos enfoque ao dicionário geral (ou de língua) e o eletrônico, usados na verificação dos neologismos nesta pesquisa.

O dicionário geral busca apresentar um apanhado representativo do léxico de uma língua em determinado período de tempo e “se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando sobretudo os lexemas da língua comum” (WELKER., 2004, p.43). Apresenta-se de duas formas: seletivos, em cuja composição, são encontrados os lexemas realmente em uso; e os muito extensos “às vezes chamados de tesouros que incluem numerosos lexemas e termos não empregados na língua comum, como Aurélio, Michaelis e Houaiss que além de tesouros, podem denominar gerais extensos” (WELKER., 2004, p. 43). A quantidade de entradas é o que diferencia um do outro, contudo, essa quantidade apresenta variações de acordo com o autor. A base aqui escolhida é a proposta por Welker: entre 50.000 e 100.000 entradas, temos os seletivos; acima de 100.000, os extensos.

Os dicionários eletrônicos, bastante utilizados atualmente, estão disponíveis em aplicativos para computadores, celulares e outros aparelhos como tablets, smartphones. Segundo Welker, são aqueles usados “no processamento computacional da linguagem natural, em CD-ROM, *on-line* (acessíveis na internet) e portáteis” (2004, p.225). Facilitam ao consulente a busca pelo lexema, pois é preciso apenas digitar a palavra e a busca é feita automaticamente. Geralmente, são baseados em sua versão impressa. Alguns são construídos, enquanto disponíveis para consultas *online*, com a coparticipação da comunidade digital. Outra vantagem é o espaço disponível para sua construção, oportunizando maior quantidade de lexemas, usos lexicais e informações adicionais.

Ao surgir um novo vocábulo empregado no discurso dos falantes, ele passa por um período de observação e análise de uso baseada no estudo de *corpus* a fim de verificar sua real necessidade na constituição do léxico de uma língua. Quando registrada no dicionário, a palavra deixa de ser um neologismo, pois passou pelo período de aceitação e inclusão na

⁵ Para maiores estudos sobre a tipologia dos dicionários, consultar WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. revista e ampliada. Brasília: Theasaurus, 2004.

língua dos falantes. O mesmo ocorre com o novo significado inserido em um significante já presente na língua.

Estas obras lexicográficas são revistas de tempo em tempo – não com muita frequência, as impressas – tendo como base a renovação lexical vivida no percurso da História de um povo. Por conseguinte, novas palavras ou conceitos, os neologismos, são inseridos nas novas edições desses compêndios lexicográficos. “As primeiras bases de neologismos, criadas para descrever de maneira sistemática as inovações lexicais em uma língua, tinham a finalidade de contribuir para a atualização de dicionários” (ALVES in XATARA, 2012, p.67). Elas são usadas na verificação do novo uso e como se dispõem na sociedade.

Xatara (2012) propõe um questionamento acerca dos critérios usados para o registro de novas entradas e /ou sentidos nos dicionários gerais, que é respondido por dois autores: Ieda Maria Alves e José Horta Nunes. Alves toma por base “a constituição de *corpora* que envolva aspectos da vida contemporânea, ou seja, que representem a realidade linguística de uma comunidade, na inserção do neologismo nesse tipo de dicionário.”

O critério que nos parece mais pertinente para a inserção de neologismos em dicionários gerais baseia-se na constituição de *corpora* que abarquem distintos aspectos da vida contemporânea – jornalismo, literatura, materiais técnico-científicos de divulgação, emissões radiofônicas e televisivas, revistas para diferentes faixas etárias, comunicação digital, publicidade em diferentes meios de comunicação, letras de música...” (XATARA., 2012, p. 68)

José Horta Nunes informa, na mesma obra, que um critério comumente utilizado na inserção de neologismos é a verificação desses vocábulos em um uso geral e que não circulem apenas em grupos pequenos ou de modo raro em campos especializados. Em suas palavras: “Um caminho que me parece produtivo para o tratamento dos neologismos é o de considerar sua dimensão processual, ou seja, levar em consideração o processo de inserção e de generalização do neologismo na língua” (XATARA, 2012, p.69).

Quando inseridos nos dicionário, Alves nos afirma que as novas unidades lexicais devem ser tratadas da mesma forma que as demais lexias na composição da microestrutura proposta pelo dicionário, contudo, quando houver algum traço que revele um uso neológico, este deve ser enfatizado. Nunes defende um tratamento especial para os neologismos em que o dicionário geral deve levar em conta os domínios em que estas produções se destacam.

Xatara (2012) na mesma obra, *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*, faz um questionamento a Nelly Carvalho e Carlos Alberto Faraco em relação à inserção de estrangeirismos nos dicionários. Segundo as respostas de ambos, os

estrangeirismos devem ser inseridos nos dicionários de acordo com a frequência de uso e o domínio de seu sentido pelos falantes ou por algum outro fenômeno que indique que a palavra está de fato incorporada. Faraco afirma que

[...] é recomendável que não haja pressa na inserção de estrangeirismos em dicionários gerais da língua. Caberia inseri-los quando possam ser considerados empréstimos efetivos, seja por sua frequência de uso, seja por outros fenômenos que também indicam estar a palavra de fato incorporada, tais como sua utilização como base de derivados (*internet*, por exemplo, já aparece em *internetês*, *interneteiro*, *internauta*) e a ampliação de seu alcance semântico (*deletar*, por exemplo, deixou de ser usada exclusivamente para designar determinado procedimento computacional e passou a ocorrer no sentido amplo de *fazer desaparecer*, *eliminar*, *apagar*). (XATARA, 2012, p. 64-65)

Os estrangeirismos, quando inseridos nos dicionários, são assinalados de alguma forma, por algum símbolo. Se apresentarem a forma aportuguesada, são relacionados como empréstimos linguísticos, ou, pelo menos, assim deveria ser, como afirma Faraco, pois nem sempre essa marcação é feita. Segundo o autor, há dois casos para esta não ser feita: a resistência da forma gráfica original e a admissão das duas formas – original e aportuguesada – pelo VOLP. Quanto ao tipo de informação que deve ser apresentado sobre eles, Carvalho indica: datação de entrada, categoria gramatical, língua de origem, campo de aplicação, forma de adoção, adaptação fonética, adoção de forma original ou tradução, indicação de derivados vernáculos, além de indicar se segue a regra vernácula de formação de feminino ou de plural.

Ao surgir um novo vocábulo empregado no discurso dos falantes, ele passa por um período de observação e análise de uso. Observa-se a frequência de uso baseada no estudo de *corpus* a fim de verificar sua real necessidade na constituição do léxico. A frequência no uso de um neologismo de forma ou sentido caracteriza a aceitação da palavra pela comunidade linguística em que foi inserida, o que torna real a inclusão deste novo vocábulo no léxico. Ao ser registrada no dicionário, a palavra deixa de ser um neologismo, pois passou pelo período de aceitação e inclusão na língua dos falantes. O mesmo ocorre com o novo significado inserido em um significante já presente na língua.

O trabalho realizado pelos profissionais na construção de uma obra como esta é árduo e incessante, sempre baseado na coleta de *corpora* literários e/ou midiáticos para a verificação das transformações do léxico da língua. Há um estudo constante “de muito levantamento, acerca do que já está sedimentado lexicalmente; supõe muita observação dos itens que, por acaso, tenham entrado mais recentemente em uso” (ANTUNES, 2012, p. 140).

Os dicionários de referência, nas pesquisas sobre neologismos, constituem um *corpus de exclusão* na verificação dos vocábulos em estudo. É por meio deles que a palavra é considerada ou não um neologismo.

3 O TEXTO MIDIÁTICO E O NEOLOGISMO

A mídia seleciona meios de comunicação para a veiculação de suas mensagens de forma impressa, digital, oral e visual. Apresenta-se, diariamente na vida do cidadão, de múltiplas formas na exposição de informações variadas de nossa realidade. Entre os meios utilizados, exemplificados pelo Novíssimo Aulete (2011) no verbete *mídia*, encontramos “jornal, televisão, cinema, propaganda, página impressa etc”.

Tais meios estabelecem uma exposição da realidade social em que o homem está inserido, cuja produção linguística é calcada na relação entre o produtor, a mensagem e o receptor. “Os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que *são significativos* para os indivíduos que os produzem e os recebem.” (THOMPSON, 1998, p. 19, grifo do autor). O conteúdo veiculado na mensagem deve, então, satisfazer tanto o seu produtor quanto a quem se destina a fim de que a transmissão da mensagem tenha êxito.

O funcionamento da mensagem ocorre tendo em vista a finalidade de transmitir – uma vez que participam do processo comunicacional: um *emissor* que envia a mensagem a um *receptor*, usando do *código* para efetuar-la; esta, por sua vez, refere-se a um *contexto*. A passagem da emissão para a recepção faz-se através do suporte físico que é o *canal*. (CHALHUB, 2000, p. 5, grifos do autor.)

A linguagem utilizada, neste processo, deve permitir uma aproximação entre produtor e receptor – alvo da produção midiática –, por isso, na construção de suas mensagens, a mídia tenta aproximar a linguagem empregada na produção dos textos à realidade linguística de seu público-alvo na busca da compreensão textual por todos os seus leitores, desde o mais simples ao mais elitizado.

É nesse contexto que a jornalista Silvana Ramiro – uma das vozes participante da mesa sobre *Mídia, discurso e ensino*, realizada no II CONELP-UERJ/2018 –, diz que “o texto jornalístico de hoje procura ser mais atrativo para o público”, e faz um comentário acerca do uso de uma linguagem menos formal, mais despojada e próxima da realidade falada utilizada nos telejornais de hoje, contrapondo esta prática com o uso de uma linguagem mais formal, utilizada, antigamente, pelos jornalistas.

No jornalismo impresso, existem vários periódicos destinados a públicos diferentes desde as camadas mais populares às mais elitizadas. A linguagem utilizada em cada um deles

é estruturada de acordo com o seu público-alvo, na organização da escolha lexical, estilo de produção e extensão de seus textos na transmissão das mensagens.

O texto jornalístico disponibiliza aos seus leitores novas informações da realidade que os cerca em vários enfoques: sociais, políticos e econômicos ao longo de suas seções, pois “os meios de comunicação de massa têm função política, econômica, educativa, diversional, consequentes de sua função principal, a informativa, centro e razão de ser dos mesmos” (CARVALHO, 1983, p. 53)

O jornal é um meio empregado na comunicação, cuja linguagem deve ser acessível, de fácil compreensão e representativa da contemporaneidade. Todos os jornais, dos populares aos elitizados, são representativos da linguagem e seus jornalistas são participantes ativos na produção de novos termos e sentidos no uso social e os empregam na produção jornalística.

A mídia, portanto, na busca de atingir seu receptor e conquistá-lo, aplica mudanças e adaptações tanto na forma de apresentação quanto na construção do discurso. “A linguagem jornalística, como a coloquial, apresenta com frequência desenfocamentos semânticos, na preocupação de demonstrar originalidade e riqueza de vocabulário” (Ibid., 1983, p. 56) na escolha do léxico utilizado em suas produções, nas quais encontramos algumas cores neológicas.

3.1 O texto midiático e as investigações neológicas.

O texto midiático exhibe várias produções neológicas, já que refletem, hodiernamente, a realidade através do tempo. A linguagem utilizada na produção dos textos midiáticos é baseada em seu momento de construção, pois “a informação jornalística (jornal, do latim, *Diurnalis*, diário) seria a informação organizada periodicamente, sistematizada no tempo” (DINES, 1986, p. 61). Seus produtores frequentemente exercem a criatividade lexical e semântica na produção textual de acordo com as necessidades na composição do discurso. Manifestam novos significantes e significados na composição do léxico de uma língua, o que coloca essa forma de produção linguística no quadro de textos usados nas investigações lexicais.

Em nossa opinião, o modelo mais democrático para a redação em língua luso-brasileira deve ser pesquisado nos meios de informação. É com o texto do jornal, do rádio, da revista e da televisão que os membros das camadas pobres da população

têm maior contato. Por outro lado, do ponto de vista linguístico, os mass-media estão industrialmente vinculados a um projeto de objetividade, simplicidade e clareza do texto. (SODRÉ; FERRARI, 1987, p.1)

A linguagem jornalística objetiva, simples e clara é construída tendo por base a principal função do jornal: informar. Nesse contexto, “o leitor e quem o ausculta – o jornalista – são os interpretes do processo jornalístico” (DINES, 1986, p. 54), um não existe sem o outro. O ato de escrever é intencional, é preciso um propósito para sua realização, caso contrário, sua prática é vaga e incerta. O jornalista, ainda que não direcione sua produção para uma pessoa específica, direciona para um possível leitor. Sua intenção é transmitir a mensagem da mídia, informar algo aos leitores.

A estrutura linguística utilizada no processo comunicativo deve satisfazer as necessidades de seus interpretes dentro da evolução da língua, que podem ocorrer dentro dos níveis de fala e serem transpostos para a escrita. Na transposição, a linguagem do jornal acolhe “termos neológicos julgados outrora vulgares ou triviais” (CARVALHO, 1983, p. 54). Como já dito na seção 1.2, os neologismos ganharam uma nova visão no estudo da língua. São construções benquistas na representação do novo, vistas não como deturpações do léxico, porém como expressão da evolução de uma língua.

As novas realidades motivam o escritor, jornalista, convidado, colunista do jornal a exercer sua criatividade na composição de termos e expressões neológicas, motivadas por um novo contexto sociocultural – como a informática – com inovações que podem, em um momento futuro, ser inseridas permanentemente no conjunto de palavras que compõem a representação lexical de uma língua.

As produções midiáticas, portanto, desempenham valioso papel na representatividade do léxico e em suas transformações em uma investigação léxico-discursiva, em que as palavras são analisadas sempre dentro de um contexto. Os meios midiáticos são, constantemente, utilizados na investigação dos neologismos vernaculares, assim como dos estrangeirismos inseridos na língua no dinamismo lexical, tanto na representatividade de um léxico social quanto técnico. Neste último, está inserida a informática com representatividade também na língua comum em uma transformação lexical no âmbito sociodiscursivo, ou seja, na interação social.

3.2 A renovação lexical no âmbito da informática.

A introdução da informática na vida humana constitui um avanço tecnológico que passa por uma construção lexical baseada na nomeação de termos técnicos para sua expressão no mundo. Nessa representação em língua portuguesa, muitas palavras sofreram alterações semânticas, dentro do princípio de economia da linguagem, ao mesmo tempo em que há a introdução de termos e expressões estrangeiras em sua representação quanto na produção de novos significantes.

Entretanto, essa linguagem não é empregada apenas entre os profissionais da área de informática. Várias pessoas não especializadas passam a ter acesso aos computadores em suas residências e fazem uso desta inovação tecnológica da qual constroem conhecimentos tanto de uso quanto vocabular. Com esta nova realidade, alguns jornais desenvolvem os chamados *Cadernos de Informática*, entre eles, o jornal O GLOBO, fonte desta pesquisa. Em sua produção, procuram alcançar as pessoas que querem conhecer mais deste novo mundo dos computadores com informações técnicas e auxílios na resolução de possíveis problemas, além de artigos que abordem a prática do usuário nos programas de computadores como um socorro a esses leitores.

Inicialmente, diante de um público-alvo formado por possíveis profissionais da informática e alguns curiosos da área, ou seja, “aficionados por inovações tecnológicas” – palavras usadas pelo próprio jornal em matéria produzida em 2010 acerca de seus leitores –, o jornal busca uma linguagem na caracterização desta nova realidade cultural com o aparecimento de novos termos, sentidos e usos com trocas de informações entre seus leitores e também com a criação de grupos através da internet, o BBS, grupo de interação dos *micreiros*, onde poderiam desenvolver discussões sobre quaisquer assuntos, fossem relacionados à informática ou não.

Na composição do texto jornalístico abaixo, direcionado ao Caderno de Informática, vários termos vernaculares e estrangeiros são utilizados em sua caracterização. O autor trata da dificuldade de conexão desses usuários aos grupos BBS's, pois na época a forma de acesso à internet ainda era a conexão discada, que demorava a se realizar, principalmente em determinados horários de congestionamento – período em que várias pessoas tentavam acesso ao mesmo tempo –, além das constantes quedas na conexão.

Estrelas de Nêutrons

Já faz uns três meses que você não se *conecta* a nenhum *BBS*. Reserva uma noite, prepara seu *micro*, aciona seu *soft de comunicação* e programa sua

máquina para uma saraivada de discagens para alguns *BBS's* mais concorridos. Prudentemente coloca ao alcance das mãos uma revista ou um livro. Afinal de contas, são cerca de 17:30h. Um dos horários mais congestionados dos *BBS's*. Você está certo que vai esperar um bom tempo antes e ter a sorte de conseguir vencer os inúmeros outros *usuários* que estão tentando a mesma coisa neste exato instante: *discar* para o Eureka, por exemplo. Resignado diante da triste sina de ouvir por dezenas senão centenas de vezes o sinal de ocupado, você taca o dedo no *ENTER*e inicia a “*attack dialling*”.

Mas, opa: atendeu de prima! Manoel por Silvio! (fale rápido: “mas não é possível”) Dois toques e lá veio a doce portadora. O chiado asmático do *modem* lhe abala. Por essa surpresa você não esperava. Seus joelhos tremem e os olhos ficam rasos de salinas lágrimas. Você acabou de conseguir um dos mais almejados troféus na vida de um *bbs-zeiro* carioca. [...] (O GLOBO, 13/05/91, p. 4, grifo nosso)

A evolução tecnológica abre portas para as redes sociais, novos gêneros textuais – produzidos na internet –, novas empresas tecnológicas, novos conceitos do âmbito digital, cujo vocabulário é introduzido na língua geral, continuando a fomentar a produção de neologismos nesta área, agora, denominada digital, nos textos jornalísticos.

Democracia blogueira: o grande auê

Na semana passada, pela primeira vez, bani um *usuário* dos comentários do *blog*. Resolvi contar isso para os leitores por um motivo muito simples: não sei quanto tempo o comentário ofensivo ficou no ar, não sei quantas pessoas o viram e depois não o viram mais, e não quis que ninguém ficasse pensando que é hábito meu suprimir do *blog* comentários dissidentes. [...] (O GLOBO, 12/08/02, p. 28, grifo nosso)

Contudo, o público-leitor muda, as necessidades são outras, temos uma nova geração que nasceu durante o avanço tecnológico dos computadores, o que muda a forma de abordagem no discurso desse assunto nos textos midiáticos. O jornal *O GLOBO* deixa de produzir o *Caderno de Informáticae* dilui o assunto nas suas páginas, em outras seções do

jornal a partir do ano de 2010, concomitante com a produção digital de suas publicações até então apenas impressas. Os neologismos continuam a ser produzidos, mas sua fonte de pesquisa não se limita mais à produção em cadernos específicos, está nos classificados, na seção de economia, em várias colunas assinadas, artigos e reportagens.

AQUI VOCÊ RESOLVE

PORTALDOASSINANTE.COM.BR

Com o autoatendimento do portal do Assinante você resolve todos os detalhes da sua assinatura, na hora que quiser, sem demora e sem espera.

SERVIÇOS DISPONÍVEIS

- Transferência de entrega do jornal
- Segunda via de boleto
- Alteração do meio de pagamento
- Atualização dos dados do assinante
- Dúvidas, reclamações e sugestões

Atendimento também por *chat*.

CHAT

Online

(O GLOBO, 31/10/2017, grifo nosso)

Uma gama de palavras utilizadas na linguagem técnica da informática passa a fazer parte do vocabulário da língua geral, incluídos em dicionários de referência como o *Aurélio*, o *Aulete*, o *Houaiss* e o *UNESP*. A população, em geral, devido à vivência do uso da tecnologia digital em seu cotidiano passa a empregar vários de seus termos com naturalidade. É nesta perspectiva, que esta pesquisa se desenvolve, ao utilizar dicionários da língua geral na verificação dos neologismos produzidos na língua, criados na informática, na esfera digital.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Optaremos pela análise de *corpus* midiático neste estudo semântico de natureza documental – tendo como fonte a imprensa escrita – com caráter analítico do significado dentro de uma abordagem qualitativa e quantitativa. A metodologia de investigação utilizada nesta pesquisa conta com a composição de dois *corpora*: um midiático e outro de exclusão. O primeiro serve de base para a seleção de palavras do campo da informática na investigação dos neologismos de forma ou de sentido; o segundo, para averiguar se as palavras selecionadas do *corpus* midiático podem ou não ser consideradas neologismos da língua. A abordagem léxico-discursiva surge na interpretação das palavras dentro de seu contexto de produção, pois não podemos analisar a construção de um sentido com a palavra isolada.

O *corpus* midiático é composto por trinta e cinco textos do jornal O GLOBO em um recorte temporal de 27 anos (1990 – 2017), provenientes da seção de informática e de artigos diversos que tenham como tema a era digital. Estes artigos foram coletados do acervo digital do jornal O GLOBO – liberado, somente, após assinatura do jornal digital – e outros textos de sua versão impressa. O *corpus de exclusão* conta com quatro dicionários em sua composição, já citados na seção 2.3.

4.1 O uso de *corpora* na pesquisa

O uso de *corpus* na construção da pesquisa científica tem um grande valor na análise descritiva da língua, pois através dele é possível analisar as mudanças lexicais e conceituais através dos anos. “De um modo geral, *corpus*, na área da Linguística, indica uma coleção de textos reunidos, de áreas variadas ou não, com um propósito específico de análise” (FROMM, 2003, p. 69). Devem-se seguir alguns critérios em sua seleção e organização a fim de não criarmos um *corpus* de maneira inadequada, prejudicando a pesquisa em seu desenvolvimento. Sardinha (2000) apresenta alguns critérios para sua composição: modo (falado ou escrito), tempo (sincrônico, diacrônico, contemporâneo, histórico), seleção (de amostragem, monitor, dinâmico, estático, equilibrado), conteúdo (especializado, dialetal ou regional, multilíngue), autoria (de aprendiz, de língua nativa), disposição (paralelo ou alinhado) e finalidade (de estudo, de referência, de treinamento ou teste).

Neste trabalho, como já mencionado, há dois tipos de *corpora*, um de estudos e outro de exclusão. O primeiro pertence à modalidade escrita, compreende um período de vinte e sete anos (1990-2017). Os textos contemplam produções da área de informática, e escritos por falantes nativos. O segundo é formado por quatro dicionários de referência da língua portuguesa: Aurélio, Houaiss, Unesp e Caldas Aulete na verificação da inclusão ou não das palavras, aqui, investigadas.

4.2 A construção do *corpus* de análise

Inicialmente, foi feita a tentativa de acesso ao arquivo do jornal através de uma pesquisa pelo buscador Google que apresentou na busca a página do acervo com o endereço <<http://acervooglobo.com/>>, entretanto, a liberação para leitura das páginas digitalizadas não eram autorizadas para quem não fosse assinante do jornal, sendo necessária a criação de uma assinatura do jornal.

O caderno de informática, o *Informáticaetc* – depois renomeado *Infoetc*, em 2007 –foi escolhido na busca de uma seleção vocabular pertinente a este campo lexical e sua publicação ocorria de forma semanal, entretanto, a publicação deste caderno foi suspensa após a primeira década do século XX. Contudo, O GLOBO não findou suas publicações nesta área, ao contrário, amplia a abordagem destes textos na construção de artigos diversos sobre a era digital em outras de suas seções do jornal impresso; além de expandir suas publicações para o jornal digital. Tais publicações deixam de ser semanais e passam a quase diárias com diversas informações do mundo tecnológico desde artigos sobre games até as grandes empresas. O jornal publica uma matéria explicando essas mudanças.

A editoria de Economia do Globo amplia seu foco e se moderniza. A partir de amanhã, a cobertura de tecnologia e mídia terá mais espaço diariamente para acompanhar o mundo que muda rapidamente. Serão duas páginas toda segunda-feira no jornal e, pelo menos, uma por dia, de terça a sábado, publicadas na Economia numa nova seção intitulada Digital & Mídia. Esse espaço, que reforça também a cobertura de mídia, vai absorver – e ampliar – o conteúdo que antes era publicado semanalmente na Revista Digital. [...]

–Tecnologia não é mais um nicho para ficar segregado a um único dia da semana – resume o diretor de Redação do GLOBO, Rodolfo Fernandes, ao explicar as mudanças. Este é um passo ousado e inovador entre os jornais. Tenho certeza de que nossos leitores vão sair ganhando com a novidade. (O GLOBO, 2010, p. 49)

O acervo digital foi o acesso ao material impresso – de forma digitalizada – do final do século XIX e início do século XX – até o ano de 2016 –, em que os textos obtidos pela internet eram referentes aos artigos publicados no jornal impresso desse período, ou seja, ainda que obtidos via internet, caracterizam a produção impressa.

Neste novo contexto, o *Informáticaetc* deixa de ser a única fonte de coleta. Outras publicações foram selecionadas do Caderno de Economia, Boa Chance e Classificados. A produção dos textos com temas de informática e da era digital mudam sua abordagem aos leitores. Continuam a produzir informações sobre avanços tecnológicos, contudo ampliam as informações ao abordar assuntos sobre games, novas tecnologias, discussões sobre negócios, comportamento e cultura digital entre outros. Também empregam uma linguagem mais clara e acessível na composição de seus textos com menos tecnicismo.

A escolha dos textos foi feita a partir da busca no acervo digital, com a leitura de alguns exemplares e seleção de acordo com os textos que apresentassem caracterizações deste campo semântico em um vocabulário de uso geral, ou seja, ainda que dentro de uma língua de especialidade, caracterizasse um uso mais popular, menos técnico, o que nos leva a escolha de um *corpus de exclusão* baseado em dicionários gerais.

A distribuição dos textos foi feita da seguinte forma:

1990-1999	<ul style="list-style-type: none"> • 10 publicações do Informáticaetc. (material do jornal impresso) retiradas do acervo digital.
2000-2010	<ul style="list-style-type: none"> • 10 publicações de seções diversas - Informáticaetc, Infoetc, Boa Chance, Economia (material do jornal impresso) retiradas do acervo.
2011-2017	<ul style="list-style-type: none"> • 15 publicações de seções diversas (material do jornal impresso) retiradas do acervo e do jornal impresso de 2017.

A seleção de textos ocorreu ao longo do primeiro ano da pesquisa, ou seja, de abril de 2017 a dezembro do mesmo ano. Todos os textos foram digitados e salvos em arquivos do Word. A análise quantitativa dos textos contou com o programa *WordSmith Tools* usado na contabilização das recorrências das palavras investigadas e na seleção de trechos das ocorrências a fim de uma melhor visualização do uso de cada vocábulo no contexto em uma abordagem léxico-discursiva.

4.3 A abordagem qualitativa

A abordagem qualitativa deve analisar o material coletado durante todo o processo investigativo, “tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados.” (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p.53). A coleta desses dados deve seguir alguns procedimentos para que não haja o risco de se coletar dados difusos e irrelevantes. Ludke nos apresenta, segundo sua visão, cinco procedimentos mais relevantes sugeridos por Bodgan e Bickden (1982) na organização do trabalho em uma análise qualitativa: a delimitação progressiva do foco de estudo; a formulação de questões analíticas; o aprofundamento da revisão de literatura; a testagem de ideias junto aos sujeitos; e o uso extensivo de comentários, observações e especulações ao longo da coleta. Destacaremos três nesta pesquisa: a formulação de questões analíticas, o aprofundamento da revisão de literatura e o uso de observações e especulações ao longo da coleta de dados.

A análise qualitativa é igualmente importante em relação à pesquisa quantitativa. Esta trabalha com números, contabiliza os dados para a formulação de uma resposta direta e objetiva e aquela “possibilita a compreensão do significado e a descrição densa dos fenômenos estudados em seus contextos” (GOLDENBERG, 2004, p. 50). Ambas podem ser utilizadas dentro do mesmo estudo, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa, pois diferentes abordagens podem ajudar a esclarecer diferentes questões.

[...] É o conjunto de diferentes pontos de vista, e diferentes maneiras de coletar e analisar os dados (qualitativa e quantitativamente) que permite uma ideia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema.

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. (GOLDENBERG, 2004, p.62)

A hibridização dessas duas abordagens (qualitativa e quantitativa) contribui, portanto, para o desenvolvimento desta pesquisa, no estudo linguístico das transformações lexicais da língua portuguesa ao analisar o uso de neologismos da informática na produção midiática na análise de *corpus*.

A seleção dos vocábulos conta com o método qualitativo tanto na escolha quanto na análise da neologia de sentido e de forma, sendo estes escolhidos por mim, a pesquisadora. O levantamento foi feito de forma organizada e direcionada, pois a base da investigação, o

campo lexical da informática na mídia, conduziu a seleção de palavras que caracterizam esse contexto no discurso. A escolha dos vocábulos foi motivada no uso de lexias simples do campo lexical da informática usadas pela população geral e empregadas na esfera midiática, ou seja, procurou-se investigar palavras mais acessíveis ao público em um contexto de uso social na esfera da informática e criações de autor de acordo com as necessidades lexicais na construção do texto.

4.4 A abordagem quantitativa

A abordagem quantitativa tem como base a quantificação dos dados de uma pesquisa com o propósito de ser o mais objetivo e imparcial possível na investigação científica, por meio de dados matemáticos. Os pesquisadores que utilizam essa abordagem “coletam dados e estudam a relação de um quadro de dados com outro. Eles usam técnicas na produção de quantificações e, se possível, conclusões generalizadas.”⁶ (BELL, 2005, p.7, tradução nossa)

O uso do programa *WordSmith Tolls* proporcionou uma melhor visão e análise do *corpus midiático*. A construção de lista de palavras em seu sistema de busca, uma de suas funções disponíveis na barra de ferramentas, possibilitou a seleção de todas as ocorrências das palavras investigadas, além de salvar em arquivos todas as listas produzidas. A palavra inserida no campo de busca retornava como resposta a produção de uma lista de todas as ocorrências desta no *corpus* em um recorte do texto. Essa lista também disponibilizava o retorno ao texto de origem ao clicar em um dos trechos recortados, o que proporcionou maior facilidade de análise no contexto de produção, pois com apenas um clique íamos para o texto e retornávamos à lista.

A quantificação foi relativa apenas ao sentido da informática, sendo excluída, qualquer ocorrência com outra significação. O registro desses dados encontra-se na produção dos gráficos de quantificação das palavras investigadas, apresentados no último capítulo desta pesquisa, assim como na quantificação das recorrências apresentadas na Tabela 6, presente no mesmo capítulo.

⁶ O texto em língua estrangeira é: “Quantitative researches collect facts and study the relationship of one set of facts to another. They use techniques that are likely to produce quantified and, if possible, generalizable conclusions.”

4.5 A descrição da pesquisa e suas etapas

Os vocábulos investigados como neologismos serão divididos em dois quadros, um com os neologismos vocabulares, em que os estrangeirismos estão incluídos; outro, com os neologismos semânticos. Em seguida será feita a verificação dessas palavras no *corpus de exclusão*, caso haja a ocorrência de um desses vocábulos investigados em um dos dicionários de referência usados nesta pesquisa, a ideia neológica será descartada, ou seja, a palavra não será considerada um neologismo.

A primeira verificação será dos neologismos vocabulares. Caso, as palavras estejam incluídas nos dicionários, apresentaremos os significados presentes em cada obra lexicográfica com uma comparação de sua ocorrência no *corpus* de estudo. Nesta análise será usado o programa *WordSmith Tools* a fim de analisarmos se os sentidos usados no contexto correspondem aos já dicionarizados. Os vocábulos que forem analisados como neologismos, ou seja, não constarem no *corpus de exclusão* serão listados e analisados quanto a sua formação na seção 5.3.

A segunda verificação corresponde aos neologismos semânticos, cuja análise será feita de acordo com o sentido e forma de uso no contexto, caso se verifique um sentido não dicionarizado ou um novo emprego no uso social, este será apresentado; assim, de acordo com esta verificação a palavra será vista como um neologismo de sentido ou não. Os sentidos, usados no contexto da informática, que já estiverem dicionarizados, serão apresentados. O estudo do novo sentido será apresentado na seção 5.4.

Na verificação quantitativa, serão apresentados os gráficos de ocorrência das palavras investigadas dentro do *corpus* de estudo, tanto as já dicionarizadas quanto as consideradas como neologismos. Primeiro, serão apresentados os gráficos referentes à TABELA 1, neologismos vocabulares, depois à TABELA 2, neologismos semânticos. Além de uma análise quantitativa concernente à dicionarização dos neologismos e ao processo de produção de palavras nos neologismos formais.

Tabela 1 –Palavras investigadas como neologismos vocabulares

1	Antitecnológico	22	Link
2	Backup	23	Mailbox
3	BBS-zeiro	24	Micreiro
4	Blog	25	Micrista
5	Blogosfera	26	Microblog
6	Blogueiro	27	Microblogging
7	Chat	28	Neteira
8	Chip	29	Offlainista
9	Cibercultura	30	Online/on-line
10	Cybercriminoso	31	Post
11	EBay	32	Printar
12	e-mail/email	33	Programeto
13	Estartar	34	Retuitado
14	Fanpage	35	Retuitar
15	Globosfera	36	Self
16	Hackeado	37	Site
17	Hi-tech	38	Supertecnologizado
18	InfoETC	39	Tuitar
19	Informata	40	Tuiteiro
20	InteraETC	41	Tweet
21	Internauta		

Tabela 2 –Palavras investigadas como neologismos semânticos

1	Acesso	16	Janela
2	Antivírus	17	Menu
3	Baixar	18	Navegar
4	Buscar	19	Navegação
5	Clicar	20	Navegador
6	Clique	21	Página
7	Colar	22	Porta

8	Conectar	23	Postado
9	Conectado	24	Postar
10	Conexão	25	Rede
11	Conta	26	Salvar
12	Endereço	27	Teclar
13	Ferramenta	28	Tela
14	Infectar	29	Viral
15	Imprimir	30	Vírus

5 ANÁLISE DO *CORPUS*

Uma vez que surge uma nova realidade no contexto sociocultural de uma população, surge a necessidade de se nomear e caracterizar o novo. Ao surgira informática em nosso contexto comunicativo, novas palavras foram adotadas, criadas e exploradas no discurso, há uma nova realidade léxico-discursiva. Assim como muitas palavras surgiram, novos sentidos se manifestaram. Um vasto campo neológico irrompe em nossa língua. Contudo, alguns já foram absorvidos no léxico, outros tiveram um pequeno período de existência e muitos ainda são criados. É nesse contexto que a investigação proposta neste trabalho toma corpo.

Nesta seção serão expostas as palavras investigadas como neologismos do *corpus* de textos de informática coletados dentro do período que se inicia em 1990 e se estende até 2017. A investigação aqui proposta tem por base o estudo de lexias simples, devido à extensão do trabalho e ao curto período de análise e pesquisa. Entretanto, exploraremos algumas lexias complexas presentes no *corpus* midiático de análise. Uma investigação acerca de neologismos baseada em lexias complexas compõe uma rica pesquisa dos neologismos de especialidade, mas requer um *corpus* de análise maior do que o usado nesta pesquisa a fim de obter um melhor resultado nesta área – uma proposta para futuras investigações.

O estudo da formação dos neologismos vocabulares e por empréstimos conta com uma observação nos processos de composição e derivação a fim de examinar quais os mais recorrentes nos textos investigados. Em relação aos neologismos semânticos, há a verificação do novo significado e de sua produção de acordo com os estudos de Louis M. Guilbert apresentados no tópico 1.5.

5.1 Apresentação das palavras investigadas

Na tabela abaixo, estão relacionadas todas as palavras selecionadas no *corpus de estudo*, em ordem alfabética, para que sejam analisadas como possíveis neologismos. A totalidade desses vocábulos atinge o número de setenta e um, sendo quarenta e um investigados como possíveis neologismos vernaculares e por empréstimos e trinta como neologismos semânticos. Quanto a estes, a primeira verificação é quanto à inclusão de

acepções da informática na construção da definição do lexema; em seguida, baseado no *corpus* de análise, verificar a existência de algum significado não incluído no dicionário.

O propósito desta análise é verificar quais, entre os vocábulos listados na TABELA 3, apresentados a seguir, são considerados neologismos da língua. Ao término da verificação, apresentaremos um estudo quanto à forma de produção dos neologismos constatados, ou seja, a construção e seu uso no contexto léxico-discursivo.

Tabela 3 - Palavras investigadas

1.	Acesso	37.	Janela
2.	Antitecnológico	38.	Link
3.	Antivírus	39.	Mailbox
4.	Backup	40.	Menu
5.	Baixar	41.	Micreiro
6.	BBS-zeiro	42.	Micrista
7.	Blog	43.	Microblog
8.	Blogosfera	44.	Microblogging
9.	Blogueiro	45.	Navegação
10.	Buscar	46.	Navegador
11.	Chat	47.	Navegar
12.	Chip	48.	Neteira
13.	Clicar	49.	Offlainista
14.	Cliques	50.	Online / on-line
15.	Colar	51.	Página
16.	Conectar	52.	Porta
17.	Conectado	53.	Post
18.	Conexão	54.	Postado
19.	Conta	55.	Postar
20.	Cibercultura	56.	Printar
21.	Cybercriminoso	57.	Programeto
22.	EBay	58.	Rede
23.	e-mail/email	59.	Retuitado
24.	Endereço	60.	Retuitar
25.	Estartar	61.	Salvar

26.	Fanpage	62.	Self
27.	Ferramenta	63.	Site
28.	Globosfera	64.	Supertecnologizado
29.	Hackeado	65.	Teclar
30.	Hi-tech	66.	Tela
31.	Imprimir	67.	Tuitar
32.	Infectar	68.	Tuiteiro
33.	InfoETC	69.	Tweet
34.	Informata	70.	Vírus
35.	InteraETC	71.	Viral
36.	Internauta(s)		-----

5.2 Verificação dos neologismos no *corpus de exclusão*

Os dicionários escolhidos para formação deste *corpus* fazem alusão à presença de termos da informática em sua composição. O dicionário Aurélio (2010) em sua 5ª edição comemorativa do centenário de Aurélio nos revela, em seu prefácio, ser esta obra uma “edição revista, atualizada e acrescida com milhares de vocábulos de diversas áreas do conhecimento (informática, biologia, genética, botânica [...] medicina, culinária, etc.) e de níveis e registros diferentes”. Classificado como um dicionário geral extenso, inclui numerosos lexemas e termos não empregados na língua comum. O dicionário Houaiss Conciso (2011) expõe termos da informática, internet e tecnologia sem seus 41.243 verbetes e 1.497 locuções. O Dicionário Unesp(2011) em seu texto introdutório, expõe dois objetivos: “estimular a pesquisa vocabular e a reflexão sobre o uso da língua” em um conjunto de 58.237 entradas em uma pesquisa datada a partir de 1950.

Estabeleceu-se o conjunto de entradas (58.237 no total) pelo critério de ocorrência num *corpus* de cerca de 90 milhões de itens lexicais em textos escritos no Brasil a partir de 1950. Extraiu-se esse material do banco de dados do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, já com 200 milhões de ocorrências de palavras em textos escritos em português do Brasil. (BORBA, 2011, p. VII)

A tabela a seguir apresenta a verificação dos lexemas nos quatro dicionários que compõem o *corpus de exclusão* a fim de identificar quais palavras podem ser consideradas neologismos da língua.

Tabela 4 – Análise dos neologismos vocabulares.

	Aulete digital	Aurélio	Houaiss	Unesp
Antitecnológico	X	X	X	X
Backup	X	X→	X	X
BBS-zeiro	-----	-----	-----	-----
Blog	X	X→	X	X
Blogosfera	-----	X	X	-----
Blogueiro	X	X	X	X
Chat	X	X→	X	X
Chip	X	X→	X	X
Cibercultura	-----	-----	-----	-----
Cybercriminoso	-----	-----	-----	-----
eBay	-----	-----	-----	-----
e-mail/email	X1	X1→	X1	X1
Estartar	-----	-----	-----	-----
Fanpage	-----	-----	-----	-----
Globosfera	-----	-----	-----	-----
Hackeado	-----	-----	-----	-----
Hi-tech	X	-----	-----	-----
infoETC	-----	-----	-----	-----
informata	-----	-----	-----	-----
InteraETC	-----	-----	-----	-----
Internauta	X	X	X	X
Link	X	X→	X	X
Mailbox	-----	-----	-----	-----
Micreiro	X	X	X	X
Micrista	-----	-----	-----	-----
Microblog	-----	-----	-----	-----

Microblogging	-----	-----	-----	-----
Neteira	-----	-----	-----	-----
Offlainista	-----	-----	-----	-----
On-line/online	X1	X1→	X1	X1
Post	X	-----	-----	-----
Printar	-----	-----	-----	-----
Programeto	-----	-----	-----	-----
Retuitar	-----	-----	-----	-----
Selfies	-----	-----	-----	-----
Site	X	X→	X	X
Supertecnologizado	-----	-----	-----	-----
Tuitar	-----	X	-----	-----
Tuiteiro	-----	-----	-----	-----
Tweet	-----	-----	-----	-----
Viralizar	-----	-----	-----	-----

Legendas

X – presença do lexema no dicionário

X1 – presença da primeira forma do lexema no dicionário

X→ – lexema marcado como estrangeirismo

----- – ausência do lexema no dicionário.

Os dicionários Aulete, Houaiss e Unesp não usaram símbolos nas entradas de palavras estrangeiras, entretanto, indicam a origem na entrada do verbete. Somente o dicionário Aurélio fez uso de símbolo (→) para indicar estrangeirismo.

Verifica-se, portanto, que as seguintes palavras não constam no *corpus de exclusão*: antitecnologizado, BBS-zeiro, cibercultura, cybercriminoso, eBay, estartar, fanpage, Globosfera, hackeado, infoETC, informata, interaETC, mailbox, micrista, microblog, microblogging, neteira, offlainista, printar, programeto, retuitar, retuitado, self(ies), supertecnologizado, tuiteiro e tweet. São, portanto, consideradas neologismos da língua e serão analisadas no tópico 5.3.

A verificação dos neologismos semânticos conta com a apresentação dos novos sentidos em uma abordagem léxico-discursiva. No quadro a seguir, apresentaremos os sentidos inseridos no dicionário. Entretanto, somente os produzidos para a informática serão

apresentados. Quando não houver significado produzido para a informática nas definições do lexema com entrada específica ou alguma inferência à informática nos conceitos apresentados, um tracejado será utilizado no espaço do quadro. Ademais, serão apresentadas informações relativas à posição (numeração) em que se encontra a acepção relativa à informática e como estas entradas aparecem nos dicionários, com ou sem entradas específicas como *Inform.*, INF ou *Inf.* ao identificar o significado que assume na tecnologia.

Tabela 5 - Análise dos neologismos semânticos

Acesso	
Aulete digital	7. Inf. Possibilidade de estabelecer ou estabelecimento de comunicação com computador ou rede de computadores para obter e utilizar dados, programas, serviços etc. 8. Inf. Possibilidade de conexão ou conexão com a internet ou com um <i>site</i> da internet feita por um usuário de computador.
Aurélio	9. <i>Inform.ato</i> ou efeito de acessar (1); comunicação entre dispositivos computacionais. 10. <i>Inform. Restr. Acesso</i> (9), por meio do qual se utilizam os serviços ou recursos oferecidos em uma rede de computadores.
Houaiss	4 INF comunicação com um dispositivo, unidade de rede, arquivo etc., visando receber ou fornecer dados.
Unesp	-----
Antivírus	
Aulete digital	Inf. Programa us. como proteção contra entrada ou permanência de vírus em computadores.
Aurélio	<i>Inform.</i> Diz-se de, ou programa destinado à detecção e/ou remoção de vírus.
Houaiss	INF (programa) que detecta e elimina vírus de computador.
Unesp	-----
Baixar	
Aulete digital	10. Inf. Obter cópia de (arquivo localizado em uma rede de computadores ou na internet).
Aurélio	4. P. ext. <i>Inform.</i> Receber, através da rede de computadores (cópia de um arquivo localizado em uma máquina remota). [Trad., nesta acepç.,

	do v. inglês. (to) <i>download</i> .
Houaiss	4 INF (prep. de, para) transferir (dados) de um programa (para outro).
Unesp	-----
Buscar	
Aulete digital	7. Inf. Tentar localizar (informação) por computador, usando como referência palavra(s)-chave.
Aurélio	-----
Houaiss	-----
Unesp	-----
Clicar	
Aulete digital	2. Inf. Pressionar e soltar botão do <i>mouse</i> , ou fazê-lo estando o cursor devidamente posicionado em ponto na tela ou naquilo que está aí representado.
Aurélio	1. <i>Inform.</i> Apertar e soltar o botão do <i>mouse</i> , sem mover este, produzindo um clique (1) característico que, ger., indica a seleção de um objeto ou a ativação de um programa.
Houaiss	1apertar (um botão, a tecla do <i>mouse</i> do computador etc.)
Unesp	1pressionar uma tecla.
Cliques	
Aulete digital	1. Ação ou resultado de clicar. 5. Expressão onomatopaica us. para representar um estalido breve e seco
Aurélio	1. Onomatopeia que exprime estalido seco ou crepitação. 3. Ato ou efeito de clicar
Houaiss	1. Ação de clicar. 2. Som curto e estalado.
Unesp	2 pressão sobre o botão ou tecla de aparelho eletrônico.
Colar	
Aulete digital	10. Inf. Inserir (em documento ou pasta) texto, imagem ou arquivo previamente copiado.
Aurélio	7. <i>Inform.</i> Inserir em um aplicativo ativo (informação ou objeto temporariamente armazenado na área de transferência).
Houaiss	-----
Unesp	-----

Conectar	
Aulete digital	2. Inf. Ligar (computador) a outros computadores (ou ligar computadores entre si), ger. de uma rede ou sistema, e esp. à internet.
Aurélio	4. <i>Inform.</i> Ter acesso à, ou contato com (alguém, determinadas informações, serviços, etc.) através de dispositivos computacionais postos em comunicação entre si.
Houaiss	1. INF. (prep. a) acessar (informações, serviços etc.) por meio de dispositivos, computadores postos em comunicação.
Unesp	1 fazer conexão, ligar, unir. Obs: Não há acepção específica da informática, entretanto, utiliza vários exemplos com áreas diferentes, entre elas, a informática.
Conectado	
Aulete digital	-----
Aurélio	2. <i>Inform.</i> Que está em conexão.
Houaiss	-----
Unesp	-----
Conexão	
Aulete digital	8. Inf. Comunicação entre dispositivos ou computadores para transferência de dados.
Aurélio	7. <i>Inform.</i> Comunicação ou troca de informações entre dispositivos computacionais.
Houaiss	-----
Unesp	3. Contato por meio eletrônico.
Conta	
Aulete digital	-----
Aurélio	13. <i>Inform.</i> Procedimento pelo qual cada usuário de um ambiente computacional tem sua identificação, senha, prerrogativas e características de uso.
Houaiss	-----
Unesp	-----
Endereço	
Aulete digital	5. Inf. Número que identifica um registro, posição ou dispositivo de memória de um computador

Aurélio	2. <i>Inform.</i> Expressão, ger. Numérica, que identifica e permite acesso a informação armazenada em memória principal, ou secundária, de um computador. Identificação que se dá a uma porção de memória do computador à qual o processador ou outro dispositivo faz uso, armazenando informações.
Houaiss	4 INF número ou nome que identifica um registro, uma posição ou um dispositivo de memória; Conjunto de caracteres que identifica um usuário, permitindo que receba mensagens de correio eletrônico pela internet.
Unesp	-----
Ferramenta	
Aulete digital	-----
Aurélio	-----
Houaiss	-----
Unesp	-----
Imprimir	
Aulete digital	5. Inf. Estampar texto ou imagem em papel por meio de impressora eletrônica, a partir de computador.
Aurélio	2. Inform. Reproduzir (dados ou arquivos de computador) em papel ou suporte similar, por meio de periférico de saída, como impressora ou <i>plotter</i> .
Houaiss	4 reproduzir (dados ou arquivos de computador) em papel, ou suporte similar, por meio de impressora.
Unesp	-----
Infectar	
Aulete digital	-----
Aurélio	2. <i>Inform.</i> Causar infecção (em computador, arquivo, etc.)
Houaiss	2 transferir ou instalar vírus de computador em (arquivo, sistema etc.)
Unesp	-----
Janela	
Aulete digital	5. Inf. Área retangular da tela de uma unidade de exibição visual destinada a facilitar o acesso a um programa ou função particular.
Aurélio	7. <i>Inform.</i> Em interfaces gráficas, região retangular na tela do

	computador delimitada pela representação de uma moldura, destinada a exibir as informações de um processo em execução.
Houaiss	2 INF quadro na tela dentro do qual se pode processar um documento, uma planilha, um banco de dados ou qualquer outra tarefa específica.
Unesp	7 (<i>inform</i>) trecho retangular de tela no qual um documento, arquivo, mensagem ou imagem é exibido total ou parcialmente por um programa ou sistema operacional.
Menu	
Aulete digital	3. Inf. Tec. Lista de opções que aparecem na tela do computador, no visor de um telefone celular etc.
Aurélio	2. Inform. Lista exibida na tela do computador e cujos itens representam comandos de um programa, dentre os quais o usuário pode escolher uma opção.
Houaiss	3. INF lista de ações ou entradas postas à disposição do usuário de um computador.
Unesp	-----
Navegação	
Aulete digital	7. Inf. Ato de percorrer um hipertexto em busca de informações, por meio de comandos que estabelecem ligações entre tópicos relacionados
Aurélio	7 <i>Inform.</i> Ato ou efeito de percorrer um hipertexto, utilizando seus recursos de orientação (como elos, índices, históricos, buscas, etc.) e determinando a sequência em que os diversos documentos são consultados.
Houaiss	-----
Unesp	4. busca de informações ou comunicação com pessoa à distância através do computador, via Internet.
Navegador	
Aulete digital	5. Inf. Programa que permite, na Internet, ter acesso às páginas de hipertexto e a todos os recursos da rede de computação; BROWSER
Aurélio	5. <i>Inform.</i> Aplicativo, ou parte de aplicativo, capaz de apresentar o conteúdo de um sistema de hipertexto ou de hipermídia e permitir a navegação neste; <i>browser</i> , leitor de hipertexto.

Houaiss	INF 2. Programa que permite a usuário da internet consultar páginas de hipertexto e ter acesso a todos os recursos dessa rede de computadores.
Unesp	4. programa para conexão e acesso a servidores da rede mundial de computadores.
Navegar	
Aulete digital	2. Inf. Consultar documentos na internet, utilizando-se dos <i>links</i> contidos nesses documentos
Aurélio	5. <i>Inform.</i> Percorrer interativamente hipertexto ou hipermídia, consultando uma sequência de documentos e determinando, a cada passo, qual documento será consultado a seguir.
Houaiss	INF 3 consultar sequencialmente diversos hipertextos, acionando os <i>links</i> neles contidos para passar de um para outro.
Unesp	4 buscar informações, comunicar-se com pessoas à distância através do computador (via Internet).
Página	
Aulete digital	6. Inf. Documento que se pode acessar na <i>web</i> da internet.
Aurélio	7. <i>Inform.</i> Página da <i>Web</i> (q.v.) ou, p. ext., <i>site</i> ou <i>homepage</i> .
Houaiss	3INF conjunto de informações reunidas num documento multimídia que são exibidas simultaneamente no vídeo do computador.
Unesp	-----
Porta	
Aulete digital	-----
Aurélio	13. <i>Inform.</i> Conector que serve para interligar periféricos, ou outro computador, a um computador.
Houaiss	-----
Unesp	-----
Postado	
Aulete digital	2. Enviar <i>post</i> para página da internet
Aurélio	-----
Houaiss	-----
Unesp	-----
Postar	

Aulete digital	2. Enviar <i>post</i> para página da internet
Aurélio	-----
Houaiss	-----
Unesp	-----
Rede	
Aulete digital	14. Inf. Conjunto de dois ou mais computadores interligados. 15. Inf. Conjunto de computadores interligados em nível mundial; INTERNET.
Aurélio	15. <i>Inform.</i> Rede de computadores (q.v.)
Houaiss	7 INF sistema constituído por dois ou mais computadores interligados, para comunicação, compartilhamento e intercâmbio de dados 8INF internet.
Unesp	-----
Salvar	
Aulete digital	5. Inf. Gravar ou armazenar (dados ou arquivos).
Aurélio	14. <i>Inform.</i> Armazenar (um conjunto de informações), de forma a poder recuperá-las posteriormente, gravando-as, ger., em um dispositivo de memória secundária.
Houaiss	4 em informática, transferir (dados digitalizados) para disco rígido.
Unesp	3 (<i>Inform</i>) gravar na memória do disco.
Teclar	
Aulete digital	1. Pressionar teclas de (piano, computador etc.).
Aurélio	3. Comunicar-se, por texto, via telefone celular ou internet.
Houaiss	3 (prep. com) usar o computador para se comunicar com.
Unesp	Acionar; digitar.
Tela	
Aulete digital	7. Inf. Telv. Em monitor de computador, aparelho de televisão etc., superfície onde são visualizadas as imagens.
Aurélio	11. Edit. Elétron. A imagem exibida em uma tela.
Houaiss	6. superfície de TV, computador etc. em que aparece a imagem.
Unesp	5. visor do aparelho de televisão ou do monitor do computador.
Viral	
Aulete digital	-----

Aurélio	-----
Houaiss	-----
Unesp	-----
Vírus	
Aulete digital	2. Inf. Programa que se instala de maneira sub-reptícia em computadores, causando danos de vários tipos.
Aurélio	3. <i>Inform.</i> Programa estranho ao sistema de computador capaz de copiar e instalar a si mesmo, ger. concebido para provocar efeitos nocivos ou estranhos à funcionalidade do sistema ou aos dados nele armazenados.
Houaiss	2 INF programa de computador capaz de criar cópias de si mesmo, que ger. destrói arquivos, memória etc.
Unesp	2 (Inform) programa que causa danos ao sistema operacional do microcomputador, apagando arquivos, travando a máquina e muitas vezes danificando o disco rígido.

5.3 Estudo das composições dos neologismos vocabulares presentes no *corpus de análise*.

Nesta seção, analisaremos a estrutura mórfica das palavras neológicas e apresentaremos um recorte dos textos em que ela está inserida a fim de verificar o sentido construído no contexto léxico-discursivo. As palavras investigadas são: antitecnológico, BBS-zeiro, cyber,eBay, estartar, fanpage, hakeado, infoETC, informata, interaETC, mailbox, micrista, microblog, microblogging, neteira, offlainista, printar, programeto, retuitar, retuitado, selfies, supertecnologizado, tuiteiro, tweet e viralizar.

5.3.1 Formação a partir de siglas

InteraETC e infoETC

O *interaETC* foi um termo criado por Cora Rónai com o propósito de criar uma espaço virtual em que pudesse trocar informações com os seus seguidores, no qual poderiam se expressar e trocar informações acerca de temas diversos. Na criação deste termo, a colunista emprega *intera* + *ETC*, em que, provavelmente, o primeiro termo seja derivado de interação, já que se trata de um blog com a permissão de sua criadora para a expressão das opiniões dos leitores da página. Quanto ao uso de *ETC*, temos a abreviação da expressão latina *et cetera*, destaca em maiúsculas, usada para dar ideia de continuidade. Assim, o vocábulo *interaETC* trata da interação de diversos assuntos expostos no blog da colunista.

No meu blog, porém, cabe a mim zelar pelo meio-ambiente. Quem vai até lá sabe que vai encontrar um determinado padrão de qualidade, baseado em atenção e respeito. Assim como não publico cartas de baixo calão aqui no Info etc., não vou manter comentários de baixo calão lá.

O *interaETC*. não é um hate-blog. A quem detesta gatos, flores, viagens e gadgets eletrônicos em geral, sugiro outras paragens: a internet é vasta, variada, e suficientemente mal frequentada para agradar a todos. (O GLOBO, 12/08/02, p. 28)

No mesmo contexto de produção temos *infoetc* com a redução *info* concernente à informática acrescida da abreviação *etc* na nomeação da página direcionada aos assuntos de informática.

O GLOBO tem tradição de pioneirismo na cobertura do noticiário de tecnologia. Em 1991, quando o assunto ainda era bastante restrito a aficionados por inovações tecnológicas e não fazia parte do dia a dia das pessoas, O GLOBO lançou o suplemento *Informáticaetc.*, um caderno exclusivamente voltado para as notícias sobre o tema.

Em 2006, com novas colunas e projeto gráfico, o suplemento passou a se chamar *Infoetc*. Dois anos depois, tornou-se revista e ganhou mais conteúdo, para que o suplemento já refletisse a relevância do assunto. A Revista Digital já nasceu com um site e uma diagramação arrojada. (O GLOBO, 07/11/2010, p. 49)

Um dos processos bastante usados na produção dos neologismos de língua de especialidade, segundo Alves (2003), é a produção por sigla, visto como um dos processos utilizados na composição de *BBS-zeiro*. É possível observar em sua formação a combinação da sigla *BBS* (Bulletin board system) acrescida do sufixo *-eiro* usado “para indicar indivíduos que exercem uma profissão ou ofício” (AZEREDO, 2018, p. 495-496) em sua estrutura mórfica, além do uso de hífen na ligação entre os dois termos.

Já faz uns três meses que você não se conecta a nenhum *BBS*. Reserva uma noite, prepara seu micro, aciona seu soft de comunicação e programe sua máquina para uma saraivada de discagens para alguns *BBS*'s mais concorridos. Prudentemente coloca ao alcance das mãos uma revista ou um livro. Afinal de contas, são cerca de 17:30h. [...] Mas, opa: atendeu de prima! Manoel por Silvio! (fale rápido: “mas não é possível”) Dois toques e lá veio a doce portadora. O chiado asmático do modem lhe abala. Por essa surpresa você não esperava. Seus joelhos tremem e os olhos ficam rasos de salinas lágrimas. Você acabou de conseguir um dos mais almejados troféus na vida de um *bbs-zeiro* carioca. (O GLOBO, 13/05/91, p. 4, grifo nosso)

Esta palavra surge no contexto do jornal O GLOBO durante a década de 90 para caracterizar aqueles que eram responsáveis por criar e coordenar espaços de encontro no computador entre diversos usuários através da *internet*. A sigla *BBS* caracteriza os espaços criados e, quando acrescida de apóstrofe + *s*, *BBS*'s, o espaço de trabalho de alguém.

Contudo, o vocábulo *BBS-zeiro*, no grupo de textos coletados do jornal impresso, não foi utilizado nas décadas seguintes.

5.3.2 Formação a partir de sufixos

-ISTA e -EIRO

Micrista e micreiro

De acordo com Azeredo (2018), o grupo de sufixos *eiro*, *ário* e *ista* indica o agente de uma profissão ou serviço (já visto na análise de *-eiro* em *BBB-zeiro*) “ou ainda que são adeptos ou seguidores de sistemas ou movimentos políticos, artísticos, socioculturais, filosóficos etc.”. *Micrista* e *micreiros* são formados a partir de *micro*, redução de microcomputador + sufixo, respectivamente, *-ista* e *-eiro*.

Micrista utiliza o sufixo *-ista* em sua formação mórfica com o intuito de caracterizar o agente no ramo da computação, o que sabe manusear o computador. Este vocábulo, em especial, concorre com outro de mesmo sentido, *micreiro*, sendo este o escolhido para caracterizar este agente da informática, enquanto aquele deixa de ser usado no contexto léxico-discursivo de nossa sociedade brasileira.

O primeiro deles é o surgimento há algum tempo de novos hábitos por parte dos *micristas* não iniciantes na arte de acessar BBS's.” (O GLOBO, 13/05/91, p. 4, grifo nosso)

Disse que a coluna seria dirigida ao *micreiro* principalmente, explicando como o micro funcionava e como resolver os problemas mais freqüentes, exatamente aquilo que eu vivia reclamando que faltava na imprensa carioca. (O GLOBO, 30/12/02, p. 9, grifo nosso)

Restrições: “Tivemos que colocar os sistemas como semi-restritos, ou seja, temos usuários não-pagantes, pagantes e VIPs, pois com ajuda de todos podemos investir maciçamente na Inteconet, criando novos sistemas e utilidades, dando um suporte cada vez maior ao *micreiro*”. (O GLOBO, 04/11/91, p. 4, grifo nosso)

Offlainista

Este vocábulo tem com base de construção a expressão *offline* + *-ista*, contudo, a expressão anglicana sofre variação gráfica baseada na sonoridade. A transcrição fonética de *line/lain/* apresenta o fonema /ai/, representado em português pelo ditongo *ai*; e o som final consonantal /n/ acrescido da vogal *i* são usados na construção de *laini* que somado ao sufixo *ista* produz o neologismo *offlainista*.

Tais usuários já se encontram devidamente vacinados contra a execrável mania de ler mensagens e respondê-las on-line, ou seja, durante seu tempo de conexão com BBS. Os próprios Sysops fomentam e apóiam o salutar procedimento “offlainista”: capturar todas as novidades, desligar o telefone e por mãos à obra, dispendendo seu tempo off-line ou sublimemente afã de responder e comentar as novidades. O que ocorre é que, quando tornam a ligar para o BBS, geralmente bem mais tarde que na primeira conexão, descarregam no sistema um carrilhão de dezenas de mensagens-resposta. (O GLOBO, 13/05/91, p. 4, grifo nosso)

No contexto léxico-discursivo a palavra criada tem como objetivo caracterizar um procedimento fora da rede em que os usuários tendem a se desconectar da internet, enquanto estudam as informações capturadas na rede. Neste contexto de produção temos um empréstimo semântico com o uso do significado e adaptações no léxico.

Tuiteiro

Criada a partir de *twitter* sofre substituição de fonemas e letras em sua produção com acréscimo do afixo *-eiro*. Devido ao uso do *twitter* ter se tornado uma prática em nossa sociedade, ainda que pouco usual, pois no Brasil outras redes sociais como Facebook e What’s up são mais usadas, algumas palavras foram produzidas e adaptadas em nosso vocabulário, como veremos na construção do verbo *tuitar* com suas variações no campo fechado estudado no próximo subtópico; em *tuiteiro*, com variação nas desinências de número e gênero: tuiteiro (a) (s).

No contexto léxico-discursivo caracteriza a pessoa que produz tweets.

E quais são os assuntos mais populares nos tweets? Segundo o Pew Research, trata-se de observações sobre o dia a dia pessoal ou no trabalho. Sete entre dez tuiteiros postam mensagens sobre sua vida pessoal, atividades diversas e interesses – cinco entre dez os fazem todos os dias. Já 60% falam de trabalho na rede. (O GLOBO, 11/12/10, p. 39)

Neteira

Tem sua origem na palavra *net* de origem inglesa, redução de *internet*. Utiliza em sua produção mórfica o sufixo *-eira*, na formação de adjetivos originados de substantivos. Azeredo (2018) lista este sufixo no grupo em que significam “relativo a, procedente de”. No contexto léxico-discursivo, é usado como um adjetivo em “Peregrinação ‘neteira’ de duas estrelas da informática em Sampa” (LISKAUSKAS, Suzana. Peregrinação ‘neteira de duas estrelas da informática em Sampa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1996. Informáticaetc, p.3.) significa uma peregrinação procedente da *internet*.

-ATA

Informata

O sufixo *-ata* é usado “para formação de nomes de ação ou resultado de ação” (BECHARA, 2009, p. 358). Encontra-se, na *Moderna Gramática Portuguesa*, no grupo de sufixos que formam palavras derivadas de verbos. Bechara exemplifica o uso do sufixo *-ata* com a palavra *passeata*, que caracteriza uma ação em conjunto com caráter de manifestação. Este sufixo usado na formação de *informata*, deriva do verbo *informar*.

Uma outra análise de construção da palavra *informata*, apresentada pelo Prof. Dr. Flávio de A. Barbosa, que integra o corpo docente do curso *stricto sensu* Letras da UERJ, Doutor em Letras com ênfase nos estudos lexicográficos e filológicos, é a de que este vocábulo é formado por derivação regressiva a partir de *informática*. Afirma que esse processo pode ter sido aplicado por analogia a outros casos, geralmente herdados do francês, como *numisatique* → *numismate*, *diplomatique* → *diplomate*, *bureaucratie* → *bureaucrate*.

Ano novo, micro novo: os *informatas* podem aproveitar o tempo livre dos feriados para limpar os diretórios, cuidar das máquinas, ler as novidades técnicas. (O GLOBO, 20/12/93, grifo nosso)

A solidariedade *informata* chega a Nova Iguaçu. ONG cria novo curso comunitário com micros doados e voluntários. (O GLOBO, 01/06/98, p. 31, grifo nosso)

Será que a gente precisa mesmo dar conta disso tudo? Ou a gente inventa afazeres, e depois culpa a tecnologia, porque no fundo a gente não sabe é lidar

com o tempo livre? Será que todo mundo em aeroporto precisa mesmo usar o celular daquele jeito doente? Ou as pessoas realmente não conseguem (ou sabem ou gostam de) ler, ouvir música, escrever uma carta ou simplesmente ficar quietas, caladas, pensando na vida? Se um *informata* viciado abandona o réveillon de Copacabana para assistir à festa pela internet, o problema está na cabeça deste sujeito ou no poder de fascinação da Rede? (O GLOBO, 25/09/2000, p. 2, grifo nosso)

No contexto léxico-discursivo, *informata* refere-se ao grupo de pessoas ligadas à informação na área da informática. No segundo trecho, em *solidariedade informata*, surge como uma adjetivação ao indicar uma solidariedade baseada na informação tecnológica com doações de computadores para uma ONG que se propõe a ensinar o uso de computadores para uma comunidade de Nova Iguaçu.

A formação morfológica de base sufixal é criada a partir de *informar* + *ata* com variação de número: *informatas*.

-ADO

Hackeado e retuitado

A primeira é criada a partir de *hacker*, “especialistas em programas e sistemas de computador que, por conexão remota, invade outros sistemas computacionais, normalmente com objetivos ilícitos” (NOVÍSSIMO AULETE, 2011), acrescenta ao radical o sufixo *-ado* na formação do particípio do possível verbo *hackear*. No contexto discursivo, imprime a caracterização de invasão do objeto que sofre a ação desse especialista. Em “Motorola Xoom é *hackeado* ao dia do lançamento” (O GLOBO, 26/02/11, p.33, grifo nosso.), a palavra foi empregada a fim de apontar a invasão sofrida no sistema computacional da Motorola Xoom.

Ainda que formadas a partir da palavra *hacker*, um anglicismo consagrado pelo uso em nossa língua e que se encontra dicionarizado, o verbo *hackear* e a forma de particípio *hackeado* ainda não estão dicionarizados.

Retuitado, originado do verbo *retuitar*, criado a partir de *tuitar*, caracteriza a forma de particípio com o acréscimo do sufixo *-ado*: *retuit* + *ado*. No contexto léxico-discursivo, refere-se a *tuitar* novamente um *tweet* anterior: “As notícias representam um papel importante

no Twitter: metade dos usuários compartilha links de jornais on-line. Estes são *retuitados* e também enviados em mensagens diretas para outros membros.” (O GLOBO, 11/12/10, p. 39, grifo nosso)

-ETO

Programeto

A formação mórfica do vocábulo *programeto*: *programa* + *eto* emprega um sufixo pouco usual na formação de diminutivo, que pode referir-se à extensão do programa ou apresentar um teor pejorativo.

O iPhone é belíssimo, mas está longe de realizar todo seu potencial. No dia-a-dia meu k790i dá de dez a zero. O iPhone não filma, não manda nem recebe MMS, não tem rádio FM, não joga no calendário as datas de aniversário dos contatos, tem tecladinhos para dedos de agulha, não “fala” português, não importa nem exporta dados em formatos padrão e não informa se as chamadas recentes são recebidas ou enviadas, além de uma série de outras funcionalidades.

Apesar de tudo isso, o iPhone é o show do bairro. Faz você se transformar na pessoa mais chique do quarteirão. Nas rodas de amigos, você vira ídolo. Quase não consigo mais ouvir os pasmados “Ohh!” quando começo a dar zoom-in em fotos usando dois dedinhos apenas, quando faço girar inercialmente listas e galerias de thumbnails usando apenas um peteleco esfregativo no vidro, e quando viro a máquina 90 graus e a foto vira junto num pulo, adaptando-se à tela. Brincar de YouTube, papear no MSN, ler Gmail, navegar no Safari e sair instalando *programetos*, tudo isso hipnotiza a audiência. (O GLOBO, 08/ 10/07, p. 2, grifo nosso)

Na reportagem, é usado para caracterizar pequenos programas de computador instalados nos iphones, porém percebe-se um teor pejorativo na fala do emissor, pois este não é um grande fã do iPhone como é possível observar no primeiro parágrafo do trecho selecionado acima ao enumerar defeitos e não qualidades do aparelho.

-AR

Estartar, printar, tuitar e retuitar

Outra produção bastante explorada na neologia é a de verbos a partir de empréstimos com adaptações como é o caso de *printar*, originário de *print*; de *estartar*, de *tostarte* de tuitar, de *to tweet*. O sufixo *-ar*, derivado do “latim **are** serve para formar verbos da primeira conjugação” (CARVALHO, 1983, p. 81, grifo do autor.). Baseado nos estudos desenvolvidos por Sandmann (1992) acerca dos empréstimos lexicais, apresentado na seção 1.3 deste trabalho, tais vocábulos apresentam substituições de fonemas na criação de novas palavras de acordo com os elementos estruturais usados no sistema linguístico, denominados campos aberto e fechado.

Valente (2011) aponta a diferença entre os dois: o campo aberto tange ao radical; o campo fechado, às desinências nominais e verbais. Temos, em *printar* a construção *print + a* (vogal temática de primeira conjugação) + *r* (desinência de infinitivo); em *estartar*, o acréscimo do fonema *e* na sílaba inicial (na construção de palavras da língua portuguesa não temos sílabas sem vogais), da vogal temática *a* e da desinência de infinitivo *r* → *estart + a + r*, *estartar*; e em *tuitar*, temos *tuit* (radical com adaptação gráfica) + *a* (vogal temática de 1ª conjugação) + *r* (desinência de infinitivo). Este último dá origem a palavra *retuitar*, criada pelo processo de prefixação: *re + tuitar*.

Particularmente, eram irritantes os artigos que abusavam do jargão e terminologia pseudo- técnica como “estartar” e “printar”, cuja principal finalidade não era transmitir conhecimento mas apenas alardear o saber do autor. (O GLOBO, 30/12/2002, p. 9.)

Twitter: 100 milhões de contas novas

Mas poucos *tuitam*, pelo menos nos Estados Unidos

[...] Quem quiser indicar outros membros célebres para o grupo pode dar sua sugestão com a hashtag #Hindsight2010. Os outros capítulos da retrospectiva serão publicados nos próximos dias na página <<http://yearinreview.twitter.com>>.

Por outro lado, nem todo mundo que tem twitter *tuita*. (O GLOBO, 11/12/10, p. 39, grifo nosso)

Meses depois Justine explicaria que sua intenção era brincar com o estereótipo de um racista tacanho. Talvez seja desculpa, talvez seja verdade. Um de seus 170 seguidores era um jornalista conhecido. *Retuitou*. A bola de neve cresceu. A moça ainda estava dentro do avião quando se tronou o principal tema da rede no mundo. (O GLOBO, 17/11/17, p. 20, grifo nosso)

A adaptação na construção desses verbos torna possível a conjugação com o uso de desinências modo-temporais e número-pessoais, correspondentes ao campo fechado, nas normas da gramática portuguesa. Como exemplificação, tal conjugação no pretérito perfeito do modo indicativo seria: estartei, printei, tuitei, retuitei; estartaste, printaste, tuitaste, retuitaste; estartou, printou, tuitou, retuitou; estartamos, printamos, tuitamos, retuitamos; estartastes, printastes, tuitastes, retuitastes; estartaram, printaram, tuitaram, retuitaram.

5.3.3 Formação a partir de prefixos.

As formações com prefixos na criação vocabular “têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem [...] para determinar uma nova categoria gramatical” (BECHARA, 2009, p. 338). São elementos que “intervêm nos domínios especiais do léxico, no vocabulário técnico e científico” (CARVALHO, 1983, p. 67)

CYBER

Cybercriminosos e cibercultura

Cyber é oriundo da palavra inglesa *cybernetics* e, devido sua origem, atribui à nova palavra o sentido de algo tecnologizado. É muito produtivo na formação de novas palavras e também podem ser empregado como forma livre. É um radical que passou a ser usado

algumas vezes como prefixo. Nesta pesquisa encontramos duas formas de uso de *cyber* (com alteração e sem alteração fonética) na composição de uma nova palavra e de forma livre.

Segundo a companhia os *cybercriminosos* se aproveitam do fato de muitos internautas usarem a mesma senha em diferentes sites além do Facebook, como Gmail ou Outlook Web Access, para obter acesso também a essas contas e a redes corporativas. (O GLOBO, 07/01/12, p. 35, grifo nosso)

Será que existe algo na nossa *cibercultura* atual, dentre fibras ópticas e realidades virtuais, que trabalha contra nosso entendimento participativo e concreto do universo que nos cerca? (O GLOBO, 21/04/08, p. 2, grifo nosso)

Voz sobre IP: a telefonia ‘cyber’ e mais barata

Embora no Brasil a conexão com o STFC seja proibida, as ligações através do exterior são perfeitamente legais. (O GLOBO, 11/10/04, p. 3, grifo nosso)

Cyber pode ser analisado gramaticalmente como prefixo ou radical. No primeiro trecho apresentado, temos a palavra *cybercriminosos*, cujo sentido atribuído é de roubos feitos pela internet, roubos de senhas de usuários para que tenham acesso às informações privadas dos internautas. O prefixo *cyber* é somado à palavra *criminosos* na formação do novo vocábulo. No segundo, temos *cibercultura* com a possível substituição do fonema /aɪ/ por /i/ (as duas formas são empregadas no contexto discursivo, ainda que o uso de /aɪ/ seja mais usual) e alteração da grafia com a troca da letra Y por I. A formação ciber + cultura constrói no discurso o sentido de uma cultura tecnológica vivida em nossa sociedade.

Contudo, no segundo trecho, aparece como forma livre, ou seja, não se une a outra palavra morfologicamente, mas semanticamente. Em *telefonia ‘cyber’*, o sentido permanece inalterado, somente a forma de apresentação é diferente ao assumir uma independência morfológica.

Ainda que não presentes no *corpus* desta pesquisa, há várias palavras formadas por este prefixo como *cybercafé*, *cyber-amigo* e uma bem recente, publicada em janeiro de 2019 pelo jornal O GLOBO, *cybertattoo*.

SUPER

Supertecnologizado

Super, prefixo de origem latina, segundo Borba (2011) pode atribuir a ideia de intensidade, de estar acima ou em cima de algo, muita resistência, algo em excesso, muito grande e por último, de excelência. Em *supertecnologizado*, temos a formação *super* + *tecnologizado*, em que o prefixo *super* assume o sentido de excesso, ou seja, refere-se a um contexto de muita tecnologia. A reportagem faz uma crítica ao excesso de tecnologia na vida de nossas crianças, que acabam vivendo em um quadrado cercado por televisão, DVDs e Web, deixando de usufruir das brincadeiras infantis que envolviam movimento e socialização face a face na idade pueril.

[...] vivem nesse novo mundo encaixotado, enlatado, engaiolado, emparedado e *supertecnologizado*? Se a escola e o lar não oferecerem elementos para abrir os horizontes dos pequenos, então eles ficarão imersos num subconjunto da realidade onde os mais relevantes conteúdos serão programas de TV, DVDs, videogames e a web. (O GLOBO, 21/04/08, p. 2, grifo nosso)

No contexto informal, *super*, quando usado de forma livre, assume o sentido de algo considerado muito bom. Ao dizer que algo ou alguém é *super*, este recebe uma valorização de suas qualidades morais, profissionais ou sociais.

ANTI

Antitecnológicos

O prefixo *anti*-, de origem grega, denota, segundo Azeredo (2018) “condição contrária” na construção do sentido da palavra.

Fazendo questão de ressaltar que não compartilha das ideias radicais do Unabomber, terrorista americano célebre por seus ideais *antitecnológicos*, a Cora me surpreendeu ao dizer que acredita, sim, que a vida moderna e suas inevitáveis máquinas estão fazendo dos seres humanos criaturas menos sociáveis, um ponto de vista, aparentemente, paradoxal em relação às máquinas – em geral, e não apenas computadores. Sua tese é a seguinte: o problema

crucial é quando o homem vira uma extensão da máquina. Porque a máquina, acredita, pode ser uma extensão do homem – mas nunca o contrário. (O GLOBO, 25/09/2000, p. 2, grifo nosso)

Em *ideais antitecnológicos*, o prefixo *anti-* expõe a ideia de ser contrário à tecnologia, defendida pela colunista Cora na construção do pensamento de que o homem está se tornando menos sociável devido à relação com as máquinas, com a tecnologia que nos cerca.

5.3.4 Empréstimo lexical

Fanpage, eBay, tweet e selfies

As quatro palavras estão incluídas nos empréstimos lexicais segundo A. Sandman (1992), quando o vocábulo é inserido em outra língua sem alteração da forma, da escrita. *Fanpage* refere-se à página criada por fãs para homenagear um ídolo (cantor, ator, jogador, escritor etc.); *eBay*, à página de ofertas de produtos diversos, em que o usuário apresenta o produto que deseja negociar; *tweet*, às mensagens enviadas em grupos de conversação, especificamente, o Twitter; e *selfies*, plural de *self*, tem seu uso concernente a fotografias, tirar uma foto de si mesmo. Esta última se popularizou com o uso de celulares para tirar fotos.

[...] os cientistas resolveram leiloar todo o equipamento no *eBay*, para levantar fundos para a compra de uma nova cafeteira para o novo prédio, e conseguiram arrecadar 3.350 libras. (O GLOBO, 01/01/18, p.23, grifo nosso)

Em outras palavras, uma publicação feita numa *fanpage* com meio milhão de seguidores não será vista por mais do que dez mil pessoas, e olhe lá. (O GLOBO, 26/12/2017, p. 18, grifo nosso)

E quais são os assuntos mais populares nos *tweets*? Segundo o Pew Research, trata-se de observações sobre o dia a dia pessoal ou no trabalho. (O GLOBO, 11/12/10, p. 39, grifo nosso)

Mas o Moto X4 tem muitos pontos positivos, entre eles proteção IP68, que garante que ele pode se molhar sem maiores riscos, uma boa dupla de câmeras

traseiras com 12MP e 8MP, e uma câmera de *selfies* bastante competente de 16MP. (O GLOBO, 31/10/17, p. 23, grifo nosso)

Mailbox

Este é um dos exemplos que Ieda Maria Alves (2003) nos apresenta como “concorrência entre elementos vernaculares e empréstimos de outros idiomas”, pois utilizamos com maior frequência a expressão *caixa de e-mail*, porém as duas formas são usadas no contexto discursivo.

O ocaso dos blogs

O Facebook deu fim à era de ouro dos chamados ‘botequins virtuais’, que brilharam na década passada.

Cora Rónai

O início: “Sábado de madrugada, depois de dar comida pra Família Gatto e checar minha *mailbox*, comecei a brincar com este blog. Deviam ser umas duas da manhã. Agora são quatro e tanto (você podem chegar pela marca da hora aí embaixo) e, finalmente, a coisa parece estar funcionando. [...] (O GLOBO, 03/08/13, p. 28, grifo nosso)

5.3.5 Empréstimo estrutural

Sandman apresenta em seus estudos sobre neologia os empréstimos estruturais que ocorrem com o emprego da mesma estrutura sintática usada em uma língua estrangeira como apresentado no tópico 1.3. Nesta investigação, encontramos um exemplo deste tipo de empréstimo em *web brinquedinhos* em uma estrutura híbrida (inglês + português) ao empregar a estrutura determinante + determinado, usada na estrutura da língua inglesa, o inverso da estrutura usada em nossa língua. No contexto léxico-discursivo este sintagma nominal refere-se aos blogs considerados no contexto de produção como brinquedinhos da web.

Criada em 1999, o Blogger ainda estava em pleno desenvolvimento. O permalink – URL (endereço) de cada post – havia sido lançado em 2000, e os sistemas de comentários ainda eram feitos, e hospedados por voluntários abnegados; o Blogger só viria a ter um sistema próprio e 2004, depois de ter sido comprado pela Google. Até lá, usei uma quantidade de sistemas diferentes, até que um colega blogueiro, Fábio Sampaio, me ofereceu uma vaga no seu excelente Falou e Disse, do qual tenho saudades até hoje.

Até 11 de setembro de 2001, os blogs eram considerados *web brinquedinhos*. Aí houve o ataque terrorista aos Estados Unidos. Enquanto os sites dos jornais e das emissoras de TV saíram do ar, derrubados pelo excesso de tráfego, os blogueiros nova-iorquinos contavam ao mundo o que estava acontecendo. Depois disso, ninguém mais achou que o blog, como ferramenta, era bobagem. (O GLOBO, 03/08/13, p. 28, grifo nosso)

5.3.6 Formação por hibridismo

Microblog e microblogging

De acordo com Bechara (2009) o hibridismo trata das formações de palavras com elementos de idiomas diferentes. Neste contexto encontramos duas ocorrências: *microblog* e *microblogging*.

Bechara (2009), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, apresenta *micro-* na lista de radicais gregos: *micros*, *mikrós* (pequeno). *Microblog* e *microblogging*, no contexto léxico-discursivo do texto atribuem o sentido de um algo pequeno. *Blog* e *blogging*, de origem inglesa, assumem o papel de radical na construção do novo vocábulo: *micro + blog* e *micro + blogging*

O Twitter deu ontem início a sua retrospectiva de 2010, listando as principais celebridades que criaram suas contas este ano. O site de *microblogging* ganhou mais de cem milhões de usuários. Alguns deles são

famosos como Bill Gates (@billgates), Cher (@cher), Tiger Woods (@tigerwoods), o presidente da Rússia, Dmitri Medvedev (@MedvedevRussia), e a presidente eleita do Brasil, Dilma Rouseff (@dilma).

Quem quiser indicar outros membros célebres para o grupo pode dar sua sugestão com a hashtag #Hindsight2010. Os outros capítulos da retrospectiva serão publicados nos próximos dias na página <<http://yearinreview.twitter.com>>.

Por outro lado, nem todo mundo que tem twitter tuíta. Uma pesquisa do Pew Research Center's Internet & American Life Project apurou que 8% dos internautas americanos têm conta no twitter, mas apenas metade deles usa o *microblog* diariamente. (O GLOBO, 11/12/10, p. 39)

Blog é uma página destinada a publicações de cunho pessoal sobre assuntos diversos, sem limite de extensão dos textos. No contexto em que surgem os dois vocábulos em análise, esse espaço destinado à escrita tem um limite de caracteres para publicação em que não se pode ultrapassar esse número de caracteres que é pequeno, pois se trata do *Twitter*. Originalmente, permitia o uso de 140 caracteres em sua composição, mas a partir de 2017 aumenta para 280 de acordo com o site <www.meioemensagem.com> acessado em 11/01/2019. Assumem, no contexto de produção, o sentido de um blog pequeno (microblog) e de pequenas publicações (microblogging)

5.3.7 Formação por composição (justaposição e aglutinação)

O processo de composição ocorre pela “junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante” (BECHARA, 2009, p. 351) e pode se apresentar por justaposição ou aglutinação.

No *corpus* de investigação desta pesquisa, encontramos alguns casos de justaposição na formação de neologismos da língua. “Os lexemas que participam de um composto podem colocar-se lado a lado, conservando acentuação própria. A esta forma de composição chama-se **justaposição**.” (AZEREDO, 2018, p. 483, grifo do autor.).

Nas formações justapostas consideradas neológicas, encontramos três na língua vernácula e uma em língua estrangeira: *usuário-chave*, *mensagens-resposta*, *tecnologias-chave* e *hate-blog*.

[...] torna-se cada vez mais difícil acessá-los e muitos desses *usuários-chave* vão se afastando aos poucos [...] geralmente bem mais tarde que na primeira conexão, descarregam no sistema um carrilhão de dezenas de *mensagens-resposta*. (O GLOBO, 13/05/91, p.4, grifo nosso)

Isso vem se traduzindo na indústria de computadores através do desenvolvimento de algumas *tecnologias-chave*, [...] (O GLOBO, 23/11/91, p. 1, grifo nosso)

O interaETC. não é um *hate-blog*. (O GLOBO, 12/08/02, p. 28, grifo nosso)

Em *Globosfera* temos um caso de criação analógica que emprega como base de composição a palavra *blogosfera*, já dicionarizada em nosso léxico. Esta é composta por aglutinação, processo de formação de palavras que causa perda de fonemas na construção da palavra. Em *blogosfera* temos a formação: BLOG + ESFERA, com perda de fonema.

Para captar a riqueza de ideias que circula pela blogosfera, O GLOBO decidiu criar no jornal e no site o espaço Na *Globosfera*. Nele, os jornalistas da casa farão uma curadoria dos posts mais relevantes sobre o mundo digital, extraídos de blogs de autores nacionais e estrangeiros. (O GLOBO, 07/11/10, p. 49, grifo nosso)

5.4 Estudo dos neologismos semânticos presentes no *corpus* midiático.

Como já dito, a neologia de sentido é uma produção econômica que requer uma observação bem apurada para ser identificada no contexto linguístico, pois trata-se de novos significados para significantes já presentes no léxico da língua. Segundo Guilbert (1975 apud VALENTE, 2012), esse fenômeno pode ocorrer por meio das figuras de linguagem, da conversão e da transposição do uso da palavra especializada para o contexto social.

A produção do novo significado não ocorre de forma aleatória, está diretamente condicionada às necessidades léxico-discursivas na produção do ato comunicativo. Sua difusão é efetuada a partir da aceitação do novo sentido pelos usuários da língua.

A criação de um sentido novo para o mesmo significante não deve ser encarada como a realização de um significado virtual. Também sua difusão não é um acaso. A criação semântica é o resultado da atividade linguística consciente de um falante, dentro de um sistema linguístico e sua difusão depende das condições de comunicação, dentro de um contexto sócio-linguístico. (CARVALHO, 1983, p. 59)

A investigação acerca dos neologismos semânticos tendo como base a presença de informação relativa ao campo da informática na produção das acepções de cada lexema investigado resultou em uma verificação da presença da maioria das palavras analisadas na composição do léxico da língua, ainda que não estivessem presentes em todos os dicionários que compuseram o *corpus de exclusão* desta pesquisa.

Conta, conectado, e buscar, por exemplo, estão presentes em apenas um dos quatro dicionários utilizados na investigação, não o mesmo. Os dois primeiros no Dicionário Aurélio, o último no Dicionário Aulete Digital. Apenas três vocábulos, ainda que com certa frequência de uso no discurso, não apresentaram acepção correspondente ao campo léxico-discursivo da informática: *ferramenta, clique e viral*. *Ferramenta*, ainda que com frequência de uso, não tem sua acepção relativa à informática registrada nos dicionários, como ações próprias de um programa representadas por ícones na página de acesso, presentes na *barra de ferramentas* de diversos programas: ferramentas do Word, Power Point, Excell etc. ou ainda um instrumento da informática usado para efetuar ações maiores, como um programa.

Após uma chuva de críticas, a empresa veio a público negar que os televisores estivessem monitorando os consumidores e esclareceu que os dados eram coletados apenas quando a *ferramenta* de reconhecimento de voz era acionada. (O GLOBO, 10/09/17, p. 19, grifo nosso)

[...] mas foi no Blogger que encontrei a *ferramenta* prática e amistosa que me permitiu tomar gosto pela coisa. (O GLOBO, 03/08/13, p. 28, grifo nosso)

Apenas acessamos o microfone dos telefones das pessoas quando elas estão utilizando ativamente alguma *ferramenta* específica que requer áudio e somente quando elas autorizam a utilização, como, por exemplo, em gravações de vídeos”, explicam os responsáveis pela rede social, em um comunicado. (O GLOBO, 10/09/17. P.19, grifo nosso)

Tive que aprender a decifrar as *ferramentas*: como funcionam, potencial, target, usabilidade. (O GLOBO, 29/01/12, p.4, grifo nosso)

Depois disso, ninguém mais achou que o blog, como *ferramenta*, era bobagem. (O GLOBO, 03/08/13, p. 28, grifo nosso)

Em suma, para todos que usam Macintosh como *ferramenta* no lidar com a criação visual. (O GLOBO, 25/12/95, p. 2, grifo nosso)

Sócio da Agência Kindle, Bruno Chamma ministra um curso de férias sobre mídias sociais na ESPM [...] uso de *ferramentas* e análise de cases. Hoje, ele divide o escritório com dois ex-alunos que se destacaram em sala [...] (O GLOBO, 29/01/12, p. 4)

Com imagino que outros proprietários do ótimo tecladinho possam estar passando pelo mesmo perrengue, aí vão as instruções para transformá-lo numa *ferramenta* acentuadora. (O GLOBO, 11/12/10, p. 39, grifo nosso)

Um terceiro mostra a lista de *ferramentas* que se tornaram inoperantes em função da nova versão 1.1.1, cujo lançamento foi contra os que se aventuraram e seguiram o mote “Think different” (Pense diferente), slogan da Apple. (O GLOBO, 08/10/07, p. 2, grifo nosso)

[...] ganharam um charme extra de montagens feitas a partir dos famosos “scraps” ferramenta de edição para a montagem de álbuns originais. (O GLOBO, 03/04/06, p. 2, grifo nosso)

Outro risco é a espionagem por governos. Em março, o WikiLeaks divulgou *ferramentas* usadas pela Agência de Segurança Nacional dos EUA (NSA, na sigla em inglês), incluindo um malware, apelidado como “Weeping Angel” [...] (O GLOBO, 10/09/17, p. 19, grifo nosso)

O vocábulo *clique* no campo lexical da informática produz o sentido de acesso, número de acessos a determinada página da internet ou imagem.

[...] seduzidos pela facilidade dos *cliques* e pelo barateamento nos custos das imagens. Se antes era necessário bancar o preço de filme e revelação, agora basta comprar uma boa câmera, bateria/pilha e sair armazenando as imagens. (O GLOBO, 03/04/06, p. 2, grifo nosso)

São sites que geram conteúdos com base em termos de pesquisa corriqueiros e em uma infinidade de links (que valem ouro no sistema de buscas da Google), de modo a atrair mais *cliques*. (O GLOBO, 26/02/11, p. 33, grifo nosso)

O vocábulo *viral* assume, no contexto léxico-discursivo da informática, a ideia de multiplicação de uma mensagem, imagem, ideia e textos diversos de forma rápida na internet, isto é, algo que é transmitido de um usuário para outro com vários acessos.

O resultado é uma falta de estratégia de atuação que acaba afastando o cliente daquela marca – acentua Sabrina. – Uma boa dica, muito explorada nas aulas, é estudar *cases*, principalmente os polêmicos.

Sócio da Agência Kindle, Bruno Chamma ministra um curso de férias sobre mídias sociais na ESPM. Em pauta, temas como controle de conteúdo, ações promocionais e *virais*, uso de ferramentas e análise de *cases*. (O GLOBO, 29/01/12, p. 4, grifo nosso)

A partir de *viral*, já temos, em nosso contexto sociolinguístico, a produção do verbo *viralizar*, muito empregado nas mídias sociais para inferir a ideia de atingir uma grande proporção de visualizações, compartilhamentos e outras ações na rede, além de ser empregado na língua comum com o mesmo sentido.

O caráter sociológico na produção de neologismos semânticos tem sido bastante utilizado no campo da informática. Ainda que não presentes neste *corpus*, pois os textos selecionados são de especialidade, algumas palavras como *deletar* (mencionada no item 1.5) e *conectado* estão presentes no contexto social ao atribuir seus sentidos para ações fora do campo de especialidade. Uma pessoa conectada, por exemplo, corresponde à ideia de alguém que domina várias informações concernentes ao mundo atual.

Os sintagmas nominais também produzem novas construções neológicas baseadas em vocábulos já cristalizados no uso. Destacamos alguns, ainda que não apresentem valor neológico, pois apresentam frequência de uso e seus sentidos já estão fixados no contexto da língua de especialidade. Como a extensão do *corpus* de análise é pequena, poucos sintagmas nominais foram encontrados nesta investigação. São eles:

[...] que se conectam a uma *porta USB* do computador e fazem o papel de microfone e alto-falante (O GLOBO, 11/10/04, p. 3, grifo nosso)

[...] a partir dos famosos “scraps” *ferramenta de edição* para a montagem de álbuns originais. (O GLOBO, 03/04/06, p. 2, grifo nosso)

[...] quando aparecem as *contas dos usuários* não consigo clicar sobre qualquer conta. (O GLOBO, 21/04/2008, p. 2, grifo nosso)

[...] quando as *redes sociais* despontaram como uma oportunidade real. (O GLOBO, 29/01/2012, p.4)

[...] se transformou numa das primeiras atrações da recém-criada *rede mundial de computadores*. (O GLOBO, 31/12/17, p. 23, grifo nosso)

[...] se interessaria por isso, até que recebemos reclamações de pessoas que viam a *tela preta*. (O GLOBO, 31/12/17, p. 23, grifo nosso)

[...] poderá se deleitar com *telas gráficas* de altíssimo apuro estético. (O GLOBO, 20/01/92, p. 4, grifo nosso)

[...] com saída para *conexão de modem*. (O GLOBO, 23/11/92, p. 1, grifo nosso)

[...] uma infinidade de links (que valem ouro no *sistema de buscas* da Google), de modo a atrair mais cliques. (O GLOBO, 26/02/11, p. 33, grifo nosso)

Os primeiros *navegadores web* liam apenas textos, [...] (O GLOBO, 31/12/17, p. 23, grifo nosso)

A maneira mais fácil de achar a *página de download* é buscar na internet [...] (O GLOBO, 21/04/08, p. 2, grifo nosso)

[...] com 100 megabytes de *disco rígido*. (O GLOBO, 04/11/91, p. 4, grifo nosso)

Permite conferência (tipo “*sala de chat*”) transferência de arquivo [...] (O GLOBO, 11/10/04, p. 3, grifo nosso)

[...] chegam cerca de 500 megabytes dos *sistemas irmãos*. (O GLOBO, 04/11/91, p. 4)

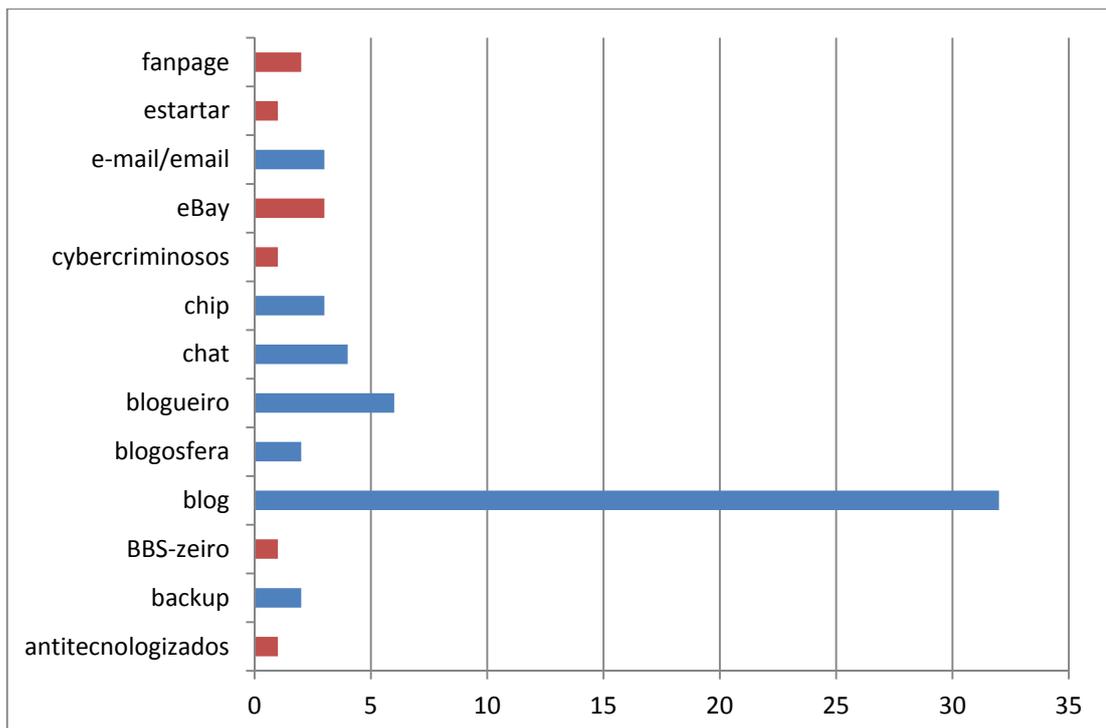
6 VERIFICAÇÃO QUANTITATIVA

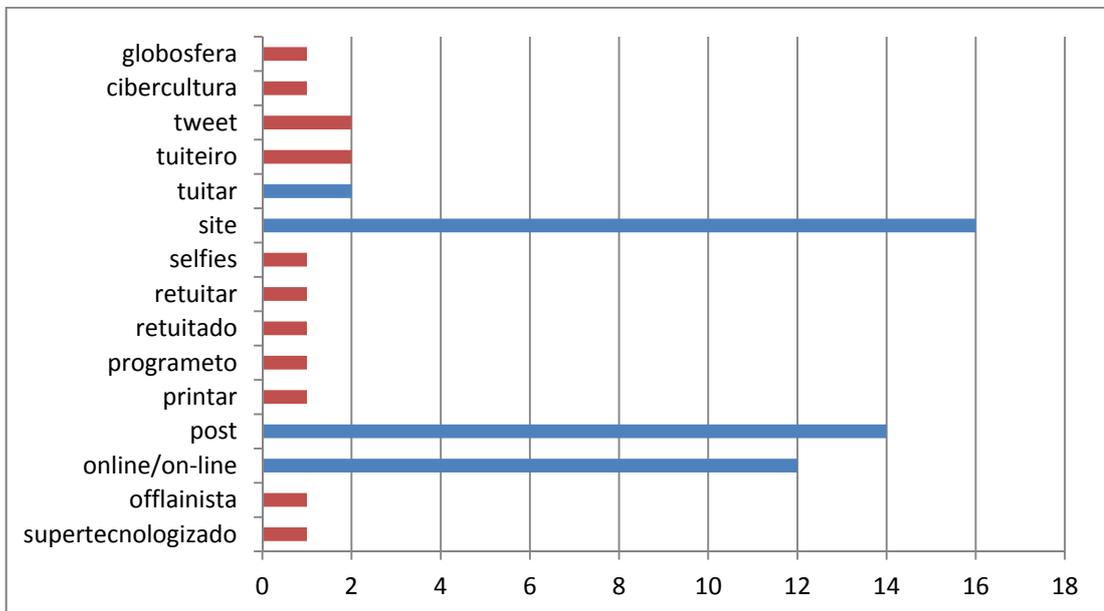
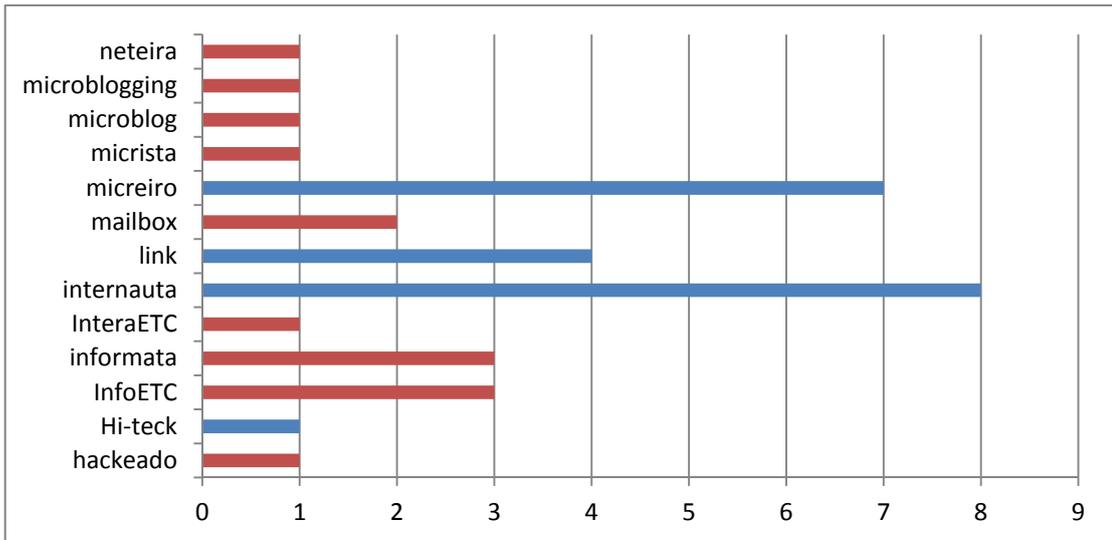
Este capítulo se destina a apresentar dados de ocorrências de todas as palavras que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa, tanto os neologismos quanto as palavras já inseridas no léxico da língua portuguesa com o objetivo de examiná-las quantitativamente dentro do processo de renovação lexical da língua portuguesa.

Os primeiros gráficos apresentam a quantidade de ocorrências de cada palavra presente nas tabelas 1 e 2 correspondentes, respectivamente, às investigações de neologismos vocabulares e semânticos. Os três primeiros gráficos correspondem à tabela 1 e os três últimos à tabela 2.

6.1 Gráficos de recorrências dos neologismos vocabulares.

Os gráficos abaixo abrangem a totalidade das palavras apresentadas na Tabela 1, que engloba tanto as que permanecem como neologismos quanto as que já foram dicionarizadas. Os neologismos estão representados pelas barras vermelhas e os vocábulos dicionarizados pelas barras de cor azul.

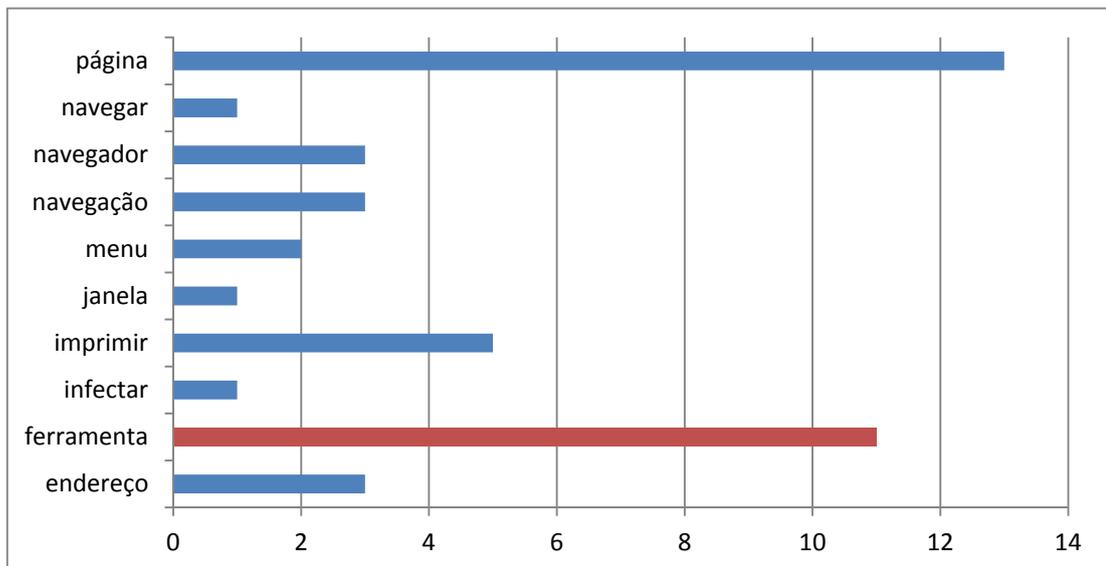
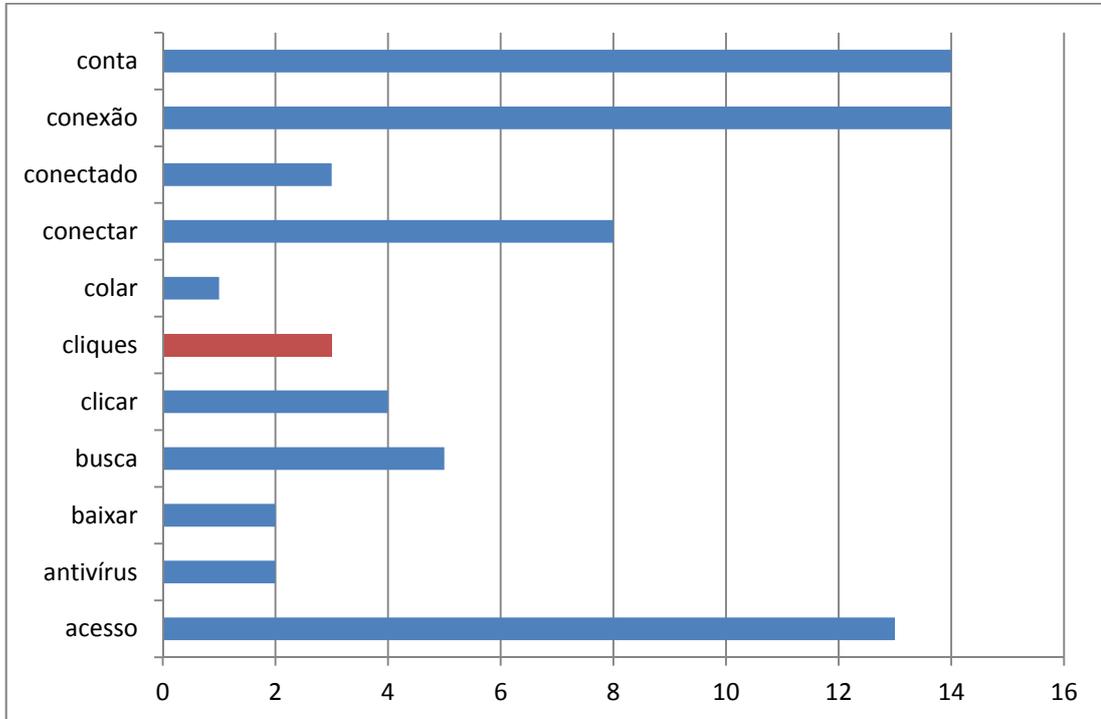


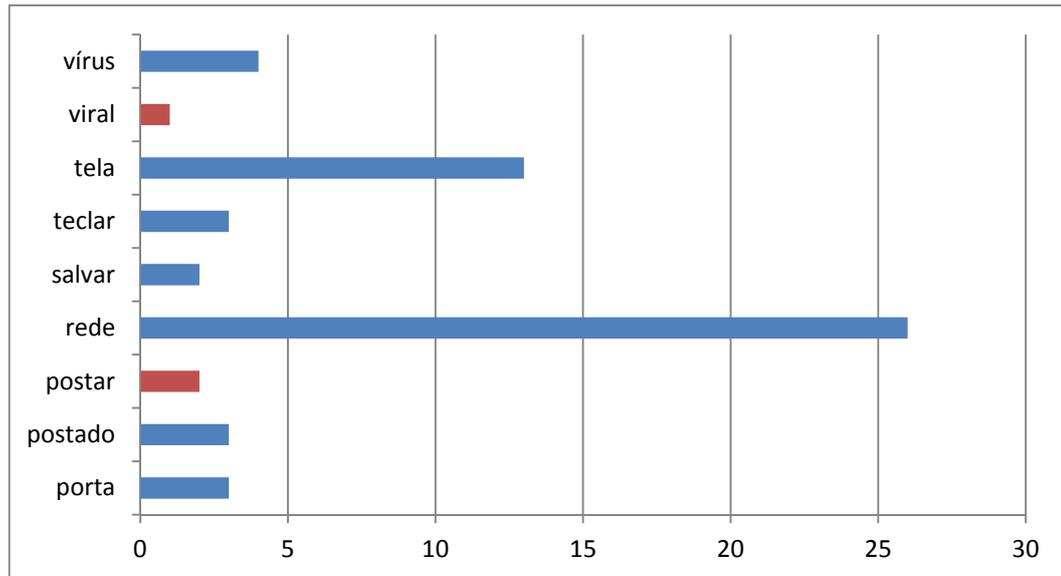


De acordo com os gráficos apresentados, as palavras já dicionarizadas apresentam um número maior de recorrência do que as verificadas como neologismos. Estas apresentam em sua maioria de uma a três recorrências enquanto aquelas apresentam o mínimo de duas até 32 recorrências no *corpus* midiático de análise.

6.2 Gráfico da recorrência dos neologismos semânticos.

Os gráficos seguintes fazem referência às palavras apresentadas na Tabela 2. Usaremos as mesmas cores empregadas nos gráficos do tópico 6.1 para a leitura diferenciada entre os neologismos e as palavras já dicionarizadas: vermelho para os neologismos e azul para as dicionarizadas.

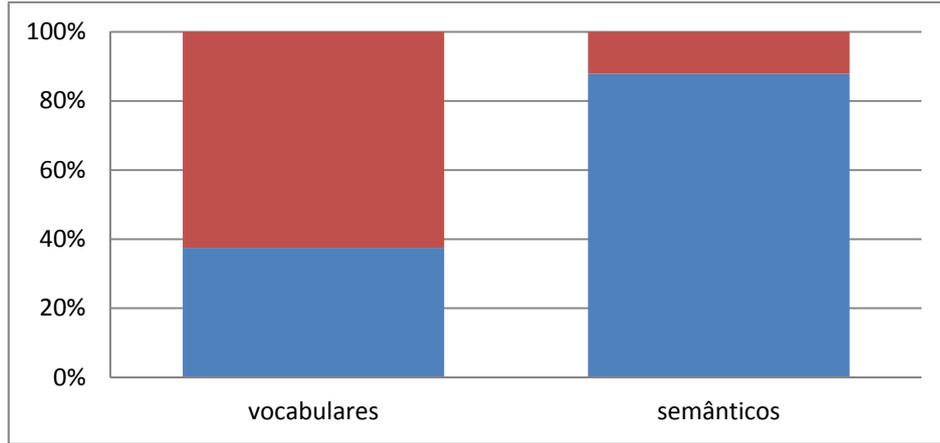




De acordo com os gráficos deste tópico as palavras da tabela 2 apresentam um maior número de recorrências em comparação com as da tabela 1. Esta apresenta 63,41% das palavras com até duas recorrências e 36,58% acima de três; enquanto aquela, referente ao sentido, apresenta, entre suas palavras, 36,69% com até duas recorrências e 63,39% acima de três recorrências no *corpus* midiático. Há uma quantidade menor no grupo de palavras que compõem cada tabela (T1: 41, T2: 30), porém a tabela 2 apresenta maior quantidade na dicionarização.

6.3 Gráfico da inserção dos neologismos nos dicionários

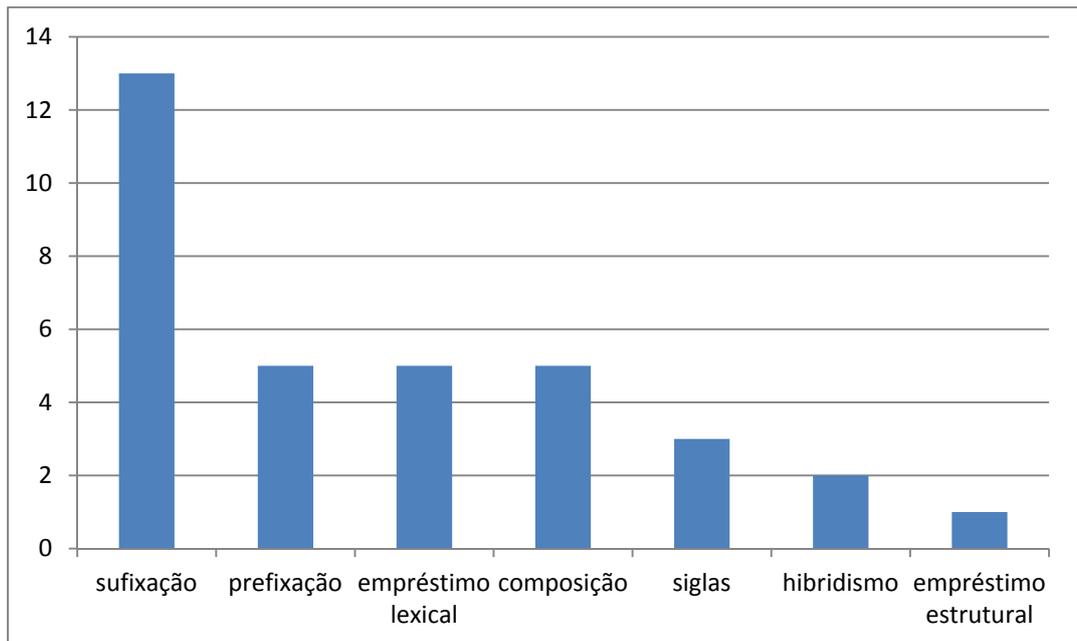
O gráfico seguinte representa a porcentagem das palavras investigadas que foram dicionarizadas, ou seja, passaram a constituir o léxico da língua portuguesa. A neologia de sentido, embora apresente mais dificuldade em seu reconhecimento por parte dos usuários da língua, aponta maior aceitação e dicionarização de seus sentidos. Verifica-se nos novos significados uma inclusão de quase 88% no grupo de palavras que compõem o léxico da língua portuguesa. Em contrapartida, os novos significantes apresentam uma menor porcentagem em sua dicionarização, ao atingir 37,5% da totalidade dos vocábulos investigados como neologismos vocabulares.



- inseridas
- não inseridas

6.4 Gráfico dos processos de formação de palavras dos neologismos vocabulares.

O processo de formação de palavras mais encontrado entre as palavras classificadas como neologismos vocabulares presentes no *corpus* midiático desta pesquisa foi o de sufixação, seguido de prefixação, empréstimo lexical e composição (com a mesma quantidade), siglas, hibridismo e empréstimo estrutural.



6.5 Recorrência das palavras investigadas por décadas.

O quadro abaixo apresenta o período de ocorrências das palavras investigadas no *corpus* midiático construído para a investigação de neologismos semânticos e vocabulares.

Tabela 6 – Recorrência por década das palavras investigadas

	1990-1999	2000-2010	2011-2017
Acesso	3	2	8
Antitecnológico	---	1	---
Antivírus	1	---	1
Backup	---	1	1
Baixar	1	1	---
BBS-zeiro	1	---	---
Blog	---	17	16
Blogosfera	---	1	1
Blogueiro	---	2	4
Buscar	---	---	5
Cibercultura	---	1	---
Chat	2	2	---
Chip	2	---	1
Clicar	---	4	----
Cliques	---	2	1
Colar	---	1	---
Conectar	2	2	4
Conectado		2	1
Conexão	7	6	1
Conta	---	7	3
Cybercriminoso	---	---	1
eBay	---	---	3
e-mail/email	---	1	1
Endereço	---	1	2

Estartar	---	1	---
Fanpage	---	---	2
Ferramenta	1	3	7
Globosfera	---	1	---
Hackeado	---	---	1
Hi-tech	---	---	1
Imprimir	1	2	2
Infectar	---	---	1
InfoETC	---	3	---
Informata	2	1	---
InteraETC	---	1	---
Internauta	1	5	2
Janela	---	1	---
Link	---	1	3
Mailbox	---	---	2
Menu	2	---	---
Micreiro	5	2	---
Micrista	1	---	---
Microblog	---	1	---
Microblogging	---	1	---
Navegação	---	---	3
Navegador	---	---	3
Navegar	---	1	---
Neteira	1	---	---
Offlainista	1	---	---
Online / on-line	1	5	6
Página	1	1	11
Porta	1	1	1
Post	---	2	8
Postado	---	1	2
Postar	---	---	2
Printar	---	1	---

Programeto	---	1	---
Rede	4	6	16
Retuitado	---	1	---
Retuitar	---	---	1
Salvar	1	1	---
Self	---	---	1
Site	1	9	6
Supertecnologizado	---	1	---
Teclar	---	1	1
Tela	3	6	4
Tuitar	---	1	1
Tuiteiro	---	2	---
Tweet	---	2	---
Vírus	2	---	2
Viral	---	---	1

De acordo com o quadro acima, no período de 2000 a 2010 houve uma crescente produção neológica no campo da informática, ainda que algumas palavras tenham sua primeira ocorrência na década de 90. No período de 2011 a 2017, há a produção de outros neologismos, porém em uma quantidade menor.

Algumas palavras como *antivírus*, *menu* e *vírus* não surgem nos textos usados na composição do *corpus* midiático da pesquisa no período de 2000 a 2010, mas estão presentes no campo lexical da informática desde a década de 90 e perduram até 2017. O objetivo deste quadro é verificar o período de maior produção neológica e não estabelecer quando surge cada um dos vocábulos aqui investigados.

CONCLUSÃO

Observamos nesta pesquisa que a produção de neologismos na área da informática e tecnologia atinge não apenas a área técnica como também a social ao espelhar a realidade cultural dos avanços tecnológicos vivenciados no contexto sociodiscursivo. A inserção desses novos significantes e significados em dicionários gerais tem sido constante, principalmente os neologismos semânticos. A criatividade lexical da imprensa muito contribuiu e contribui para a renovação do léxico com maior velocidade em sua propagação.

A realidade tecnológica vivenciada nos séculos XX e XXI tem proporcionado o surgimento de neologismos semânticos e vocabulares no contexto léxico-discursivo da sociedade.

As principais fontes de criação e surgimento de novas palavras no século 20 são a ciência e a tecnologia.

A necessidade de nomear as novas criações faz com que contribuam não só para a linguagem técnica ou científica, mas para a linguagem em geral, pois ambas, ciência e técnica, participam do nosso cotidiano, transformando-o, facilitando as tarefas, mudando os hábitos, acelerando o ritmo, modificando os padrões comportamentais. (CARVALHO, 1984, p.9)

O contexto cultural está diretamente ligado à renovação do léxico que “tem caráter dinâmico e não estático” (VALENTE, 2012, p.11) com a produção de neologismos semânticos e vocabulares, principalmente desde a segunda metade do século XX ao início do século XXI, período em que vivemos.

A realidade tecnológica contribuiu para a adoção de muitas palavras estrangeiras como *internet, backup, blog, chat, chip, Hi-tech, link, post, site* entre outras de origem anglicana introduzidas em nosso contexto social e aplicadas sem estranhamento ou dificuldade pela nova geração tecnológica, além de muitas já estarem dicionarizadas. Os neologismos de especialidade, como os da informática, tendem a se fixar com mais facilidade no léxico da língua ao responder “a uma necessidade, ditada pelo desenvolvimento das ciências e das técnicas” (ALVES, 2001, p. 161)

Como vivemos na era da tecnologia, as novas gerações já nascem em contato com essa realidade tecnológica e fazem uso de vários termos técnicos em suas vivências através do uso de celulares, *tablets, smartphones* entre outros aparelhos que exercem funções dos computadores. Tal fato resulta no uso dessa linguagem técnica em qualquer lugar de convívio, tanto em âmbito formal quanto informal.

As produções vernaculares apresentam alto índice de produtividade neste contexto como *micreiro*, *internauta*, *tuiteiro*, *informata*, *blogueiro* entre outros presentes no *corpus* de análise, além de alguns passarem para o uso na língua comum, com a construção de neologismos de caráter sociológico.

Entre os processos de formação aplicados na produção dos neologismos de forma, o que mais se destaca nesta pesquisa é o da sufixação na produção de substantivos, adjetivos e verbos; seguido pelo processo de prefixação, com prefixos de alta produção vocabular como *cyber* e *anti*. Os estrangeirismos desempenham um grande papel neste contexto, pois a linguagem técnica da informática tem seu início na língua inglesa. Assim, muitos já compõem o léxico da nossa língua e perdem a ideia neológica, mas também são fonte de novas produções como *hackeado* e *printar*.

Os neologismos semânticos apresentam maior porcentagem de inserção na língua, quanto à dicionarização, provavelmente, por ser uma forma econômica na renovação lexical. Como visto na análise quantitativa, 87% das palavras investigadas neste trabalho como neologismos semânticos estão dicionarizadas, entre elas: *janela*, *vírus*, *antivírus*, *baixar*, *conta*, e *endereço*.

De acordo com as formas propostas por Guilbert (1975 apud VALENTE, 2012) na produção dos neologismos semânticos, podemos destacar como forma mais frequente o uso das figuras de linguagem, seguido da transposição de algumas palavras especializadas para o uso comum como *deletar* e *conectado*.

A dicionarização dos neologismos “é sempre necessária, pois um dicionário de língua geral deve refletir o desenvolvimento de uma sociedade, que se manifesta linguisticamente por meio das unidades lexicais neológicas” (ALVES in XATARA, 2011, p. 67); desta forma, muitos termos da informática e tecnologia já estão dicionarizados em nossa língua, o que não elimina a produção de outros neologismos nesta área, apenas os inclui no léxico representativo da língua portuguesa de acordo com a aceitação na realidade léxico-discursiva da comunidade linguística.

A imprensa muito contribui para a criação de novos significantes no contexto discursivo como em *Globosfera*, *Infoetc*, *retuitar* entre outros produzidos na linguagem midiática. Esta tem sido uma grande fonte para as investigações lexicais nas produções de trabalhos acadêmicos, na investigação da língua e produções de dicionários.

Ademais, a mídia disponibiliza uma grande propagação da informação produzida, alcança milhões de pessoas em pouco tempo e facilita o contato entre o usuário da língua e os

novos significantes e significados produzidos no contexto léxico-discursivo por vários profissionais da imprensa.

A produção de neologismos é fonte inesgotável de pesquisa, pois o léxico é dinâmico e os usuários da língua, grandes produtores de palavras e expressões. A língua é mutável, sofre transformações de acordo com o período histórico e a realidade cultural vivida na construção do léxico representativo da comunidade linguística.

Encontra-se, em anexo, o grupo de textos usados para a realização desta pesquisa a fim de disponibilizar o *corpus* midiático produzido para investigações futuras no campo lexical como a inserção de palavras anglicanas em nosso vocabulário assim como na investigação neológica para composição de dicionários. Esperamos com esta investigação no campo da neologia colaborar para o crescimento da pesquisa científica na área de descrição da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALUÍSIO, S. Maria; ALMEIDA, G .M. Barcellos. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. *Calidoscópio*, v. 4, n.3, p.156-178, 2006.

ALVES, Ieda Maria (org.). *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

ALVES, Ieda Maria. Aspectos criativos da linguagem: a neologia lexical. In: VALENTE, André (org.). *Aulas de Português: Perspectivas inovadoras*. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. *Revista Alf*, São Paulo, n.40, p.11-16, 1996.

ALVES, Ieda Maria. O léxico nas línguas especializadas. In: HENRIQUES, Claudio Cezar (org). *Linguagem, conhecimento e aplicação: estudos de língua e linguística*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2003.

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. organizador Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3.reimpr. da 3. ed. de 2010. São Paulo: Publifolha, 2013.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 4.ed. São Paulo: Publifolha:Instituto Houaiss, 2018.

BAGOT, R. Estopà. Sobre neologismos y neologicidad: reflexiones teóricas com repercusiones metodológicas. In: ALVES, Ieda Maria; PEREIRA, E. Simões (org.). *Neologias das Línguas Românicas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015.

BAKER, M. Corpus in Translation Studies: an overview and some sugestions for future research. *Target* . Amsterdam: John Benjamins, v.7, n.2, p.223-243, 1995.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

BAUER. W. Martin ; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELL, Judith. *Doing your research Project: a guide for first-time researchers*. In: EDUCATION and social science. 3. ed. Bucking: Open University Press, 1999.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD: 2012: Dicionários. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Brasília, 2012

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Brasília: [S.l.], 2012.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Michel Bréal; trad. Aída Ferrás... et al. São Paulo: EDUC, 1992.

CABRÉ, M. Tereza. Bases para uma teoria de los neologismos léxicos: primeras reflexiones. In: ALVES, Ieda Maria; PEREIRA, E. Simões (org.). *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015.

CARVALHO, Nelly. A criação neológica. *Revista Trama*, v.2, n.4, p.191-203, 2006.

CARVALHO, Nelly. Caminhos do neologismo no Brasil. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

CARVALHO, Nelly. *Linguagem jornalística: aspectos inovadores*. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.

CARVALHO, Nelly. O processo de nomeação na Publicidade: neologismos de marca. In: ALVES, Ieda Maria; PEREIRA, E. Simões (org.). *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DICIONÁRIO Houaiss Conciso. Instituto Antônio Houaiss, organizador; [editor responsável Mauro de Salles Vilar]. São Paulo: Moderna, 2011.

DIGITAL & MÍDIA: um novo espaço da Economia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 nov.2010. Economia, p. 9.

DINES, Alberto. *O papel do Jornal: uma releitura*. 6.ed. atual. São Paulo: Summus, 1986.

FERREIRA, A. B. de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FROMM, Guilherme. O uso de corpora na análise linguística. *Revista Factus*, São Paulo, v.1, n. 1, p. 69-76, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GUILBERT, M. Louis. *Lá créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975 apud VALENTE, André. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

LUDKE, M. ; ANDRÉ, M. W. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 1. ed., 3.reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Gramática expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos & Co, 1907.

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Grammatica expositiva e Grammatica histórica*. 2. ed. melhorada. São Paulo: Secção de obras d' "O Estado de S. Paulo", 1919.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANDMAN, Antonio J. Morfologia lexical. São Paulo: Contexto, 1992 apud VALENTE, André. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

SAPIR, Edward. *A linguagem*. Tradução de J. Mattoso Camara Jr. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

SARDINHA, Tony Beber. Linguística de corpus: histórico e problemática. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.16, n.2, p. 323-367, 2000.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *O texto nos meios de comunicação: técnica de redação*. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1987.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VALENTE, André. A produtividade lexical em diferentes linguagens. In: AZEREDO, J. Carlos. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VALENTE, André. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia*. 2 ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, C.R.; HUMBLÉ, P.R.M. (org.). *Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ANEXO – *Corpus* midiático da pesquisa

O GLOBO.Informáticaetc. 13 de maio de 1991, página 4

Estrelas de nêutrons
(Carlos Alberto Teixeira)

Já faz uns três meses que você não se conecta a nenhum BBS. Reserva uma noite, prepara seu micro, aciona seu soft de comunicação e programe sua máquina para uma saraivada de discagens para alguns BBS's mais concorridos. Prudentemente coloca ao alcance das mãos uma revista ou um livro. Afinal de contas, são cerca de 17:30h. Um dos horários mais congestionados dos BBS's. Você está certo que vai esperar um bom tempo antes e ter a sorte de conseguir vencer os inúmeros outros usuários que estão tentando a mesma coisa neste exato instante: discar para o Eureka, por exemplo. Resignado diante da triste sina de ouvir por dezenas senão centenas de vezes o sinal de ocupado, você taca o dedo no ENTER e inicia a “attack dialling”.

Mas, opa: atendeu de prima! Manoel por Silvio! (fale rápido: “mas não é possível”)

Dois toques e lá veio a doce portadora. O chiado asmático do modem lhe abala. Por essa surpresa você não esperava. Seus joelhos tremem e os olhos ficam rasos de salinas lágrimas. Você acabou de conseguir um dos mais almejados troféus na vida de um bbs-zeiro carioca. Agora respira fundo, retoma o controle emocional, apela para a lógica pura, racionalizando o grande feito à moda Spock, fazendo o sinal de “vida longa e próspera” com os dedos esticados e a palma voltada na direção da tela do seu micro. Você retornou as BBS's numa época de baixa estação.

Talvez o relato acima lhe pareça um tanto exagerado. Mas não é. O comportamento dos BBS's é eminentemente cíclico. Na fase atual, a dificuldade de se acessar os BBS's cariocas tem sido grande, maior que nunca. Dizem os oráculos da comunidade que a causa desse fluxo gigantesco é a divulgação feita semanalmente por certo jornal cujo nome começa com “O” e termina por “GLOBO”. É inegável que ao caderno Informática etc. pode ser atribuída grande parte da culpa. Mas há outros fatores que contribuem em muito para este fenômeno.

O primeiro deles é o surgimento há algum tempo de novos hábitos por parte dos micristas não iniciantes na arte de acessar BBS's. Tais usuários já se encontram devidamente vacinados contra a execrável mania de ler mensagens e respondê-las on-line, ou seja, durante seu tempo de conexão com BBS. Os próprios Sysops fomentam e apóiam o salutar

procedimento “offlainista”: capturar todas as novidades, desligar o telefone e por mãos à obra, dispendendo seu tempo off-line ou sublime afã de responder e comentar as novidades. O que ocorre é que, quando tornam a ligar para o BBS, geralmente bem mais tarde que na primeira conexão, descarregam no sistema um carrilhão de dezenas de mensagens-resposta.

Outra causa do engarrafamento é o fato de os abnegados e sacrossantos Sysops, na ânsia de proporcionar um serviço cada vez melhor à comunidade, estarem se esforçando para tornar disponíveis mais “nodes” aos usuários, através da aquisição ou realocação de novas linhas telefônicas, aumentando o número de portas disponíveis para conexão. É óbvio que isso também contribui para engrossar o caldo.

Como se não bastasse, temos ainda as apaixonantes polêmicas que tomam conta dos BBS's de tempos em tempos. É extremamente divertido quando alguém que não entende nada de um assunto resolve dar uma de sabe tudo e começa a dizer asneiras sem o menor pudor. A negada cai em cima dos incautos impiedosamente. Não quero dizer que só se diga “small pumpkins” (abobrinhas) nos BBS's. Muita opinião abalizada é emitida e, não raro, as torrentes verbais baseiam-se em sólida argumentação.

Para animar mais a bagunça temos a Confraria dos Neófitos do Portuga, fundada pelo tremendo e super-poderoso Paulo Pinto. Trata-se de um grupo de cultores do idioma pátrio, que com severas e divertidíssimas reprimendas, reduz a pó os ignaros que assassinam nossa língua. Os sangrentos duelos entre os adeptos dessa agremiação são dignos de atenção, lançando os competidores numa tal frenesi que pode ser considerado falha grave responder às mensagens sem um bom dicionário ao lado da máquina.

Mas a natureza é sábia. Os BBS's imitam as estrelas. Uma estrela cresce, aumentando de tamanho até se tornar um gigante astro vermelho. Este astro implode transformando-se numa estrela anã branca. Poderá voltar a implodir numa nova ou supernova e eventualmente entrar em colapso novamente dando origem a um quasar, uma estrela de nêutrons ou até um buraco-negro. Com os BBS's o que ocorre algo similar. Acompanhe.

Há diversos tipos de usuários num sistema BBS. Uma destas categorias é composta por uma plêiade de figuras que frequentemente injetam novidades e assuntos fora do comum no intenso blá-blá-blá entre usuários. São estes participantes que dão origem às celeumas e às discussões. Um belo dia alguém aparece com um estudo sobre os bondes do Rio antigo. Outro vem com uma lista de lojas vendendo carburador barato. Um outro resolve elaborar um dicionário satírico de informática. Um comilão aparece com uma receita maravilhosa, outro distribui dicas sobre um restaurante em Portugal. Entretanto, com o congestionamento dos BBS's, torna-se cada vez mais difícil acessá-los e muitos desses usuários-chave vão se

afastando aos poucos. A consequência disso é que o papo nos BBS's perde a qualidade. Os assuntos passam a ficar enfadonhos e o papo torna-se chato. Só se fala de micro, program, linha, modem, bit e byte. E a coisa toda literalmente implode. Os BBS's vão literalmente esvaziando e a paz volta a reinar por curto tempo.

Meses depois, os focos da cizânia e da confusão sorratamente voltam a acessar. Um a um os velhos colegas se reencontram e iniciam nova fase de embates, futucadas, insultos e provocações. Mais cedo ou mais tarde a roda torna a girar e os girar e os sistemas voltam a se congestionar. E a história se repete...

O GLOBO. Informáticaetc. 04 de novembro de 1991, página 4.

O malabarista
(Carlos Alberto Teixeira)

É assombroso ver um malabarista jogando suas garrafas para o alto. Como consegue ele coordenar os movimentos daquela maneira? Como consegue agarrar e relançar aquelas massas para o alto sem deixá-las cair? Fantástico. Mas toda essa habilidade parece mera brincadeira, comparada a de um Sysop que se propõem a tocar 3 (três) BBS ao mesmo tempo. É o caso de um cidadão chamado Leo, que é Sysop do Leo's BBS, do Contact BBS e do ReadBack BBS. Parece até exagero, mas o Leo tira de letra essa sobrecarga de serviço.

Entrei em contato com o Leo há cerca de um mês. Indaguei sobre seus BBS e acabamos combinando um encontro num evento esportivo anual pouquíssimo divulgado, o XVII Campeonato Mundial de Luta com Navalhas, realizado pela primeira vez no Brasil, aqui em São Gonçalo. Entre respingos de sangue, dedos decepados, buchos furados e taludas doses de Ouro e Arak, conversamos animadamente durante horas. Nome: Leonardo Aragão Goss. Idade: 25 anos, formação: engenheiro eletrônico com ênfase em telecomunicações. É também piloto de aeronaves. Hobbies: aprender cada vez mais sobre esse mundo vasto de eletrônica digital e aprimorar conhecimentos para a escolhinha da Varig do Sul. Preferências: "Na área de computador tudo me fascina, porém simuladores são meu maior forte." Família: "Sempre unida, se bem que às vezes pinte algum ciúme da esposa e de meu filhinho de 1 ano e nove meses". Passado micreiro: Tudo começou com um TK95 Color. Depois veio um Prologica CP300. Em seguida partiu para um PC-XT. Agora está com PC-AT386 20MHz com 100 megabytes de disco rígido.

Entre os três BBS que gerencia, o Leo's BBS foi o primeiro deles. A motivação para tornar-se Sysop surgiu em função do desejo de ter um ponto de encontro de amigos, troca de conhecimentos e troca de programas. Depois montou o Contact BBS. Associou-se a um amigo, também piloto e achou por bem fundir os dois BBS sob uma única coordenação: a Interconet. O terceiro BBS, chamado ReadBack, está em fase de configuração e em breve entrará no ar. O maior empecilho é, naturalmente, o dinheiro – problema que afeta a (quase) todos nós.

Amigos: “Todos os usuários, pois faço absoluta questão de ser amigo de todos, sendo gentil, agradável e tentando solucionar os prováveis problemas do pessoal”. Inimigos: “Graças a Deus não tenho nenhum, já basta o mundo aí de fora, onde ninguém entende ninguém. Guerras, brigas entre irmãos e muitas coisas mais. Temos que nos conscientizar que o mundo é nosso e não ganhamos nada com essas besteiras todas. Mas o ego do Homem está cada vez mais incontrolável”. Apoio como Sysop: “Tive apoio de muita gente, mas tenho que mencionar a excelente boa vontade e paciência do Luciano Zoppe, do Prisol BBS, e do Daniel Fuks, da efêmera Skylab”. Escravidão: “Não me considero escravo, pois adoro gerenciar os sistemas e sempre aprendo um pouco com todos os usuários que conectam os meus BBS”. Configurações: Leo's BBS: PC-386 20MHZ, HD (Hard Disk) de 100Mb e 4Mb RAM; Contact BBS: PC-386, 20Mhz, HD 50Mg e 4 Mb RAM; ReadBack BBS: PC-AT286, 16MHz, HD 50Mb e 2Mb RAM. Todos os BBS usam modems Everfax24/96MNP5. Software: Remote Access1.01, incluindo FrintDoor 1.99c, Tick, Bimodem1.24, Cassino, Rafiles, ScanCmp, Razip, Ramail, Time Bank e outros módulos menores. Tempo de funcionamento: Leos's BBS 5 meses, Contact BBS 3 meses e Interconet 2 meses.

Custos: “Telegones alugados, placas que param de funcionar de uma hora para outra, manutenção mensal, correspondência postal e ligações internacionais”. Filosofia: “Sempre manter um alto nível de camaradagem, ajuda, amizade e respeito nos BBS”. Restrições: “Tivemos que colocar os sistemas como semi-restritos, ou seja, temos usuários não-pagantes, pagantes e VIPs, pois com ajuda de todos podemos investir maciçamente na Inteconet, criando novos sistemas e utilidades, dando um suporte cada vez maior ao micreiro”. Rotina do Sysop: “Árdua porém gratificante: noite em claro, barba sempre por fazer e cabelos arrepiados”. Volume: “Cada vez maior. Nos dois BBS, por dia, temos uma média de 150 conexões sendo o maior pique das 21h às 3h”. Áreas restritas: “Temos áreas restritas para usuários pagantes e não-pagantes, mas nenhuma visando pirataria, pois somos avessos a esta prática, muito embora seja difícil controlar a massa de programas que são enviados pelos usuários”. Mensagens: “Tem aumentado muito o número de mensagens devido à nossa

entrada na rede Fidonet, que particularmente acho excelente. Tanto é que em cada evento (ocasião em que os BBS Fidonet, se interligam) chegam cerca de 500 mensagens dos sistemas irmãos”.

Situação engraçada: “Houve uma ocasião em que um usuário conectou à Leo’s e estava tendo problemas com um menu. Era principiante e não entendia nada. Resolvi ajudá-lo e acionei um “chat” (modo em que o Sysop conversa com o usuário via teclado). Perguntei: Caro amigo, em que posso ajudá-lo? O usuário rapidamente escreveu: Ué, quem é você? Por que que você está junto da minha conexão, será linha cruzada?”.

Chupadores de arquivos: “Já os enfrentei, mas contornei o problema com o “ratio” (razão) entre Downloads e Uploads”. O Globo: “Acho o caderno **Informática etc.** genial, foi uma ótima ideia. As matérias são muito bem elaboradas e redigidas com um espírito astral. Dicas: “A orientação que sempre dou aos usuários [...] Vírus: não peguei nenhum vírus[...]

O GLOBO. Informáticaetc. 20 de janeiro de 1992, página 4.

BBS MANIA

(Carlos Teixeira)

Porta dos fundos

Tem nome de profeta: David Ben Svaiter, mas é conhecido em seu reino por “Cave”, estranha alcunha cujo significado se mantêm secreto. Figura sempre engravatada e elétrica, logo que o conheci numa das Cumbucas do Leme, notei que fazia parte de uma raça em extinção: os cavaleiros. Sujeito de fino trato e imaculada educação, Cave é o Sysop de um interessante e esmeradíssimo BBS carioca chamado BackDoor.

Quem se aventurar pelos meandros do BackDoor, munido do adorável device Ansi.sys em seu Config, poderá se deleitar com telas gráficas de altíssimo apuro estético. Torna-se claro que o sysopeamento do BackDoor é conduzido com preciosismo e minúcia, além de inegável bom gosto no visual. Fundado em beta-teste em 1 de junho de 1991, entrou no ar para valer 17 dias depois. O nome do BBS gerou pequena celeuma em algumas confrarias de verbo livre, mas logo o BackDoor se firmou por si só.

Já no início, o sysop Cave articulou a participação do BackDoor na rede FidoNET. Por amor ao ofício, investimentos têm sido feitos para aumentar a qualidade e disponibilidade do serviço. Detalhe importante: BackDoor é um BBS gratuito e completamente aberto ao

público. Foi o sistema que mais rapidamente cresceu no Rio em termos proporcionais. Com seis meses de funcionamento, está hoje em condições de competir com qualquer tradicional BBS da cidade.

Desde a fundação do BackDoor, o mago David Bem Svaiter desenvolveu seis utilitários, incluindo o Arjview – facilidade pioneira no ramo dos BBS. Já passou por três versões do Remote Access (atualmente 1.10) e por duas do FrontDoor (uma versão 2.02). Criou mais dez áreas de mensagens e seis de arquivos, tendo realizado um atlético salto em termos de winchester: pulou de mirrados 30Mb, marca que será mantida até a bacia transbordar. “Aí partiremos para maiores capacidades”, revelou Cave.

O BackDoor não faz por menos: efetua mais de 200 minutos de conexão internacional exclusiva. Foi o primeiro a oferecer alguns hot shares, como o antivírus Scanv84 e um dos primeiros a padronizar o fabuloso compactador ARJ (release 2.22). Implantou protocolos externos de ótima performance – Jmodem, Zmodem Mobyturbo e GSZ – e já trocou duas placas-mãe.

Para o futuro próximo: mais uma ou duas linhas; mais um modem 2400/MNP5 para o BBS e um modem 9600 exclusivo para as ligações internacionais, conexão exclusiva com BBS internacionais coligados (fora da FidoNET) e a formação de uma das maiores bibliotecas de shareware do Brasil, inicialmente 1 Gb, nada menos que mil megas.

Além das tradicionais áreas de mensagens que todo bom BBS oferece ao usuário, o BackDoor apresenta algumas áreas e doors especiais. For Hungry Guys (rango); piadas em que usuário pode ler e escrever piadas; e Muro, um arquivo de perfis e hobbies para quem procura novas redes.

O nível dos usuários BackDoor costuma ser rigoroso. Se bem que às vezes surgem figuras meio absurdas dois dias depois da totalmente atrapalhada entre os menus. [...] curtindo férias do sysop viu uma nova usuária no BBS. Cave entra no chat para tentar ajudá-la, gritou “Hello” e ela “Help”. O próprio Cave fez o resto. [...]

O GLOBO. Informáticaetc 23 de novembro de 1992, página 1.

Milagres da recessão, presságios da nova era

Cristina de Luca

A recessão faz milagres: sucesso de público e crítica, a palestra de Bill Gates deixou claro quem vem ditando os caminhos do sucesso. Disse Microsoft? Enganou-se. Seríamos

nós, os usuários. Ou, pelo menos, nisso é que querem que a gente acredite. Segundo Gates, já há alguns anos, a indústria de computadores percebeu que, para não perder o glamour – e os preciosos dólares que a fazem girar – precisava inovar, fazendo dos micros simples bens de consumo. Subliminarmente, ele deu a entender que a grande revolução, responsável pela mudança radical hoje observada, foi a interface gráfica, que desencadeou uma sequência de inovações no hardware. Mérito da Xerox, pela concepção inicial, da Apple, por saber aproveitá-la e demonstrar sua viabilidade, e, da própria Microsoft, por transformar concepção e viabilidade num bom negócio.

O que se viu este ano foi a concretização, ainda tímida, da tendência precocemente percebida por Bill Gates. Ou seja, a confirmação de que o usuário deseja mesmo é usar o computador para gerar e obter informações, estejam elas apresentadas na forma de um texto, de uma fala, de um vídeo. O mais rápido possível, não importando onde se esteja – se ao lado da máquina ou a quilômetros de distância. Isso vem se traduzindo na indústria de computadores através do desenvolvimento de algumas tecnologias-chave, a respeito das quais micreiros veteranos estão cansados de ouvir falar, como redes locais, correio eletrônico, reconhecimento de voz, captura e conversão de imagens, mídias poderosíssimas para armazenamento de dados.

A grande novidade dessa Comdex é que todas essas tecnologias com as quais muitos de nós nos divertimos apostando em quantas dezenas de anos elas se tornariam realidade comercial, já deixaram de ser mero discurso ou experimentação tecnológica. A hora de usá-las chegou. Estão todas aí, disponibilizadas, de uma forma ou de outra, por fulano ou sicrano – IBM, Microsoft, Motorola, Intel, enfim, todas as empresas famosas ou não, que fizeram essa roda girar, sem que exista um grande líder determinando a direção ou a velocidade do giro. O negócio é disputar coração (e dólares) dos usuários. O caminho todas conhecem bem: oferecer o melhor produto, pelo menor preço.

Produtos como o OS/2 da IBM, e todos os seus pares para multimídia e integração de sistemas. Ou como o Windows for Workgroups, o banco de dados Access, o Windows Sound System e o Voice for Windows, da Microsoft, que possibilitaram o desenvolvimento de mais de 260 aplicações expostas na Comdex e já disponíveis no mercado americano, para multimídia, pen computing, workgroup computing, comunicação de dados e conectividade. Perdi a conta de quantos software para uso de vídeos em aplicações Windows vi aqui no rastro do Vídeo for Windows.

É ainda como a própria versão do Quicktime, da Apple, para o Windows; a meia dúzia de placas aceleradoras para a interface gráfica da Microsoft; a quantidade de soluções de

comunicação (fax e modem) e armazenamento de dados (memórias flash, RAM, ROM, EEPROM) disponibilizadas nos pequeninos cartões padrão PCMCIA 2.0, semelhantes a cartões de crédito, que fizeram o seu debut na Comdex há dois anos, e nesse mereceram o prêmio Technical Excellence da “PC Magazine” na categoria “Padrão de Hardware”; os pen computers, agora menores, semelhantes a pequenos blocos de notas, com saída para conexão de modem (quando já não vem com ele embutido, facilitando o aparecimento do computador pessoal); e, muitas outras coisas que, se não chegaram a surpreender os usuários, os deixaram muito felizes, como o protótipo de um micro holográfico da Sun, rodando uma aplicação de realidade virtual, e que requer um óculos 3D e uma pistola (ou caneta) laser para ser usado.

O GLOBO. Informáticaetc. 23 de novembro de 1992, página 1.

A crise revela uma ‘nova’ estrela no pedaço: o usuário

Cora Rónai

LAS VEGAS EUA – Mais uma Comdex chega ao fim, trazendo desta vez, uma novidade absolutamente extraordinária: a sensação de que a gente, nós, **we**, simples usuários!, não somos, afinal, os seres insignificantes que parecíamos ser. Gerentes de compras e chefes de CPD ainda, são, certamente, figuras de grande peso neste universo engravatado, mas cada vez mais empresas vão descobrindo o que sempre pareceu óbvio a qualquer micreiro: em última análise, as necessidades do mercado são ditadas pelo usuário final.

É verdade que este usuário é, hoje, um ser altamente sofisticado, e que os computadores que usa são máquinas poderosíssimas – mas nisso é, apenas, um reflexo da indústria que alimenta. A grande responsável pela mudança de atitude das empresas que, até recentemente achavam que usuário bom é usuário que não dá palpite, é uma pequena palavra de cinco letras: C-R-I-S-E.

O que o usuário quer é lei. Ele quer compatibilidade? Não seja por isso: todos se esforçam em mostrar que são compatíveis com tudo. Que bom preço? Oquêi, terá bons preços. O maior exemplo dessa nova mentalidade parte, aliás, de quem menos se esperava: disposta a reconquistar o terreno perdido, a IBM tirou o terno e a gravata, descentralizou decisões, arregaçou as mangas e foi à luta. Encheu Las Vegas com posters de um grande Gato de olhos azuis, com a promessa de um novo tempo, e com um grito de guerra lançado por Jim Cannavino, o mais dinâmico dos seus homens fortes:

–A IBM está voltando com **força total** aos micros pessoais. Assim seja

O GLOBO. Classificados. Informática etc. 20 de dezembro de 1993.

Ano novo, micro novo: os informatas podem aproveitar o tempo livre dos feriados para limpar os diretórios, cuidar das máquinas, ler as novidades técnicas.

O GLOBO. Informática etc. 19 de fevereiro de 1996, página 3.

Suzana Liskauskas

Peregrinação 'neteira' de duas estrelas da informática em Sampa

Unisys e IBM penam para inaugurar seus serviços de acesso na capital paulista

Instalar um serviço de provedor de acesso em São Paulo é quase tão complicado quanto conseguir uma linha telefônica sem ruído no Rio de Janeiro. Depois de muitas barreiras físicas para inaugurar seu ponto de presença na capital paulista, a Unisys se deparou com mais um problema: atrasos na emissão do CGC. Contornando esse percalço, a empresa se prepara para inaugurar oficialmente o serviço em São Paulo, onde poderá atender, a princípio, 2500 usuários.

A IBM também não deu muita sorte na terra da garoa. Pronta para por o serviço no ar em 30 de janeiro, a grande azul atrasou seu cronograma porque o canal de ligação com o Backbone da Embratel apresentou erros. Newton Castilhos, gerente da unidade de Negócios. Internet na IBM/GSI, explica que na fase de testes do canal a Embratel verificou que ainda havia muita instabilidade na ligação e resolveu que só iria liberá-lo quando todos os erros fossem eliminados.

—O canal só entra no ar quando tivermos a certeza de que ele funcionará bem 24 horas— afirma Castilho.

Na Unisys, a estratégia é anunciar o funcionamento do serviço em São Paulo logo depois do carnaval. Para Marcus Vinicius Pinheiro, gerente de negócios internet na Unisys, não há mais empecilhos depois que o problema do CGC foi resolvido. Agora a preocupação é aumentar as vantagens para os usuários. A empresa acaba de fechar um acordo com a Universidade de Oregon (EUA) para trocar conferências da Usenet. Essa parceria será repetida em outros dois provedores americanos. Assim, a Unisys vai oferecer a seus associados acesso a cerca de 16 mil conferências de todas as partes do mundo.

Enquanto procura contornar os contratempos em São Paulo, a IBM expande seus domínios no país. Depois do Rio, Salvador e Fortaleza, onde os serviços já estão no ar, a Grande Azul instalará pontos de acessos em Campinas, Ribeirão Preto, Porto Alegre e Belo Horizonte. Castilho diz que na capital gaúcha e nas duas maiores cidades do interior de São Paulo já obteve o sinal verde das operadoras do Sistema Telebrás. Nessas três cidades, o serviço deve começar a funcionar em dois meses. Em Belo Horizonte o prazo se estende por mais 30 dias.

-Nosso plano é atuar em dez capitais, além das duas cidades mais importantes do interior de São Paulo – conta Castilho.

A IBM também está oferecendo serviços de hospedagem de home Page e já reuniu entre os clientes, um time de peso: Antarctica, Volkswagen, IRB e Gillete. Os custos variam de acordo com o projeto de cada empresa.

Os preços para usuários de IP discado continuam os mesmos nas duas empresas. A IBM cobra R\$39,75 de matrícula e o mesmo valor para uma mensalidade que dá direito a 12 horas. Quando o usuário ultrapassar a cota, ele paga R\$2,75 por hora extra. Na Unisys, a mensalidade para 20 horas custa R\$30 e para 30 horas é R\$40. O valor da matrícula é igual ao da mensalidade. Para acesso de 20 horas, a hora extra é R\$3. No caso de 30 horas, cai para R\$2.

Os pedidos de inscrição podem ser feitos por telefone. Na IBM o número é 0800-11-14-26. Quem preferir pode usar o fax 0800-13-34-26. O telefone da Unisys é 0800-22-19-58.

O GLOBO.Informáticaetc. 25 de dezembro de 1995, p. 2.

MACetc

Marcos fadiga

Natal para a turma do 'visu'

Caso você ainda não esteja se recuperando dos excessos da ceia de ontem, com a cabeça zunindo e sensações de “quem sou?”, “para onde vou?”, permita-me lembrá-los: hoje é dia 25 de dezembro, data da qual a população católica comemora o Natal. E o natalício de Jesus, além de data religiosa, é também um festival de dar e receber presentes. Este ano além dos tradicionais votos de Feliz Natal e Próspero Ano Novo que a coluninha sempre endereça aos usuários de Mac (e de todas as outras plataformas, de quebra), resolvi dar um presente

especial para a única galera que não abandona o Macintosh de forma alguma. Para o pessoal ao qual eu me refiro, ele é tão importante quanto um tender à Califórnia ou o desgastado sorriso da Tia Cotinha ao presentear mais uma cuequinha ou meia: o pessoal do design gráfico, da comunicação visual, da multimídia, do processamento de imagens, etc.

Em suma, para todos que usam Macintosh como ferramenta no lidar com a criação visual. Seguem, então, as últimas do métier.

.....

Site incrementadíssimo para os apaixonados por design gráfico, especialmente para quem curte tipografia. A Letraset (é, aquela das letrinhas) está com uma página na Web, cuja URL é <http://www.leterset.com/leterset>. Dê um pulo lá e, se a vista estiver 100%, você pode acabar fazendo o download gratuito de uma fonte da empresa.

.....

Depois do download, você certamente vai se lembrar de um dos grandes problemas na sua vida micreira: o excesso de fontes e a dificuldade de gerenciá-las. Certamente você, assim como eu, tem centenas de fontes que, por motivos óbvios, não mantém instaladas. Perdidão, chega à conclusão de que a única maneira de a coleção fazer algum sentido é ter um catálogo próprio, contendo todos os espécimes possíveis. O problema é que, até agora, os softwares para geração desse catálogo, como Typebook, somente scaneiam as fontes instaladas, dando muito mais trabalho e requerendo um boot com todas elas no seu Fonts Folder.

O Typeindexer, que custa US\$50 e ocupa apenas 325K de espaço em disco, lê todas as fontes PostScript Tipo 1 contidas em qualquer mídia e organiza o catálogo a partir daí. Ele tem a opção de salvar um arquivo tab-delimited com as seguintes informações, entre outras: nome da fonte Tipo 1, nome da fonte de tela, onde elas se encontram, nome da família e versão. Desta forma, você pode exportar uma lista de fontes para montar um sistema que a gerencie com um software de banco de dados.

Uma versão demo pode ser baixada nos seguintes sites: <http://www-chem.ucdavis.edu/mac/v13/1Mp9513.html#item17> ou <http://users.aol.com/tindexer/TI.htm>.

.....

Ainda no assunto gerenciamento de fontes, aí vai uma notícia quente. A Symantec está começando os testes da versão beta do novo Suitcase. Aguardem notícias mais detalhadas em breve, quando botar as mãos na minha beta copy.

.....

Lidar com imagens é estar sempre espremendo a capacidade de processamento do micro e buscando soluções de hardware mais rápidas. Por enquanto, o chip PowerPC 640, que é usado no 8500 e 9500, é o mais rápido microprocessador que temos à mão. A situação não deve perdurar por muito tempo, mudando talvez mesmo antes de a Motorola disponibilizar o 620, que está bastante atrasado.

Uma pequena empresa, formada com capital em parte proveniente da Apple, a Exponential Technology, está desenvolvendo uma nova geração de chips, de altíssima performance, baseados no design BICMOS. Eles garantem que a nova CPU, totalmente compatível com os PPC da Motorola, terá clocks até quatro vezes mais rápido do que eles e, quando lançada, em início de 97, atingirá até três vezes o poder de processamento dos Pentium topo de linha no mercado hoje.

Vale a pena esperar.

O GLOBO.Informáticaetc. 19 de fevereiro de 1996, página 3.

Máquina em confronto

O grande papo micreiro desta semana foi, claro, a fantástica batalha que travaram Gary Kasparov e o Deep Blue, super máquina de jogar xadrez desenvolvida pela IBM.

Quando vocês estiverem lendo esta coluna, na segunda-feira, o resultado final já será conhecido. Por causa do carnaval, porém, tivemos que adiantar muito o caderninho: hoje, quarta-feira, realiza-se a quarta partida, com uma quinta na sexta e uma sexta no sábado (meio confuso, isso...).

O Deep Blue é a mais formidável máquina enxadrista já desenvolvida pelo homem; Kasparov é a mais formidável máquina enxadrista já desenvolvida pela natureza. Até aqui, Kasparov perdeu uma partida, mas ganhou duas.

Quando estive no Rio de Janeiro, há coisa de duas semanas ele estava muito confiante na superioridade das unidades de carbono:

–O computador não se importa se está quente ou não. Ele não tem dor de cabeça nem problemas de família. Em compensação, ele também não tem intuição, e não percebe que o adversário pode estar com segundas intenções.

Entre outras diferenças “psicológicas” apontadas por Kasparov, está uma, interessantíssima, de ordem estética: há certas jogadas de computador que nenhum Grande Mestre faria, por serem feitas demais. Além disso, depois que se conhece o seu estilo, o

computador age de forma previsível: se vê uma torre descoberta, por exemplo, nem considera as tentativas. Pensa: “Ah, lá está a torre!” ... e vai em frente.

Primeiro campeão a levar as maquininhas a sério, Kasparov que é usuário de CheesBase e internauta de carteirinha, promete, para meados do ano, o lançamento de um jogo revolucionário e de uma home-page muito especial.

O GLOBO.Informáticaetc. 01 de junho de 1998, p.31.

A solidariedade informata chega a Nova Iguaçu

ONG cria novo curso comunitário com micros doados e voluntários

Mais 28 jovens de baixa renda vão poder começar a aprender as manhas do computador graças à boa vontade micreira. Já foi inaugurado o primeiro curso de informática da Casa São Francisco de Assis, em Austin, Nova Iguaçu. Os professores do curso são voluntários e o equipamento da escola – sete PCs e uma impressora – foi fruto de doações.

O curso da Casa Francisco de Assis terá quatro turmas e faz parte do Programa de Informática Comunitário (PIC), um dos projetos de acessória a comunidades pobres mantidos pela ONG Centro Ecumênico de Ação e Reflexão (Cear). O PIC tem entre os parceiros a Eletronuclear, que cede professores para preparar os monitores de informática nas comunidades. Com trabalho voluntário e doações, já é possível montar seis escolas comunitárias de informática.

Manguinhos também recebeu micros doados

Outros 14 centros comunitários também fazem parte do programa e em breve vão inaugurar seus próprios cursos. Um deles é a Sociedade Independente de Cultura e Aprendizagem de Manguinhos (Sicam), que recebeu em maio dois micros 386 e seis 286 para montar um cursinho de computação.

O pessoal do PIC de Austin avisa que está precisando de papel A4 para usar nas aulas. Quem puder ajudar pode ligar para (021)763-1799. Outras informações sobre o Cear: (021)221-9748. Ou pelo e-mail<cear@cear.org>.

O GLOBO.Informáticaetc. 25 de setembro de 2000, página 2.

Marcelo Balbio

Papo-cabeça

Tudo começou com uma conversa no carro, na volta para casa, após um longo dia de trabalho. Eu e Cora engrenamos num papo e, lá pelas tantas, estávamos a divagar sobre a interferência da tecnologia no nosso cotidiano. Um assunto até certo ponto comum em nossas lucubrações, visto que a tecnologia não é só matéria-prima do que escrevemos, mas também do que frequentemente pensamos. Naquele dia, a conversa acabou enveredando para um lado, digamos, mais filosófico, e a questão central, que tomou todo o percurso Centro-Ipanema, era: a tecnologia está nos tornando seres mais ou menos humanos?

Fazendo questão de ressaltar que não compartilha das ideias radicais do Unabomber, terrorista americano célebre por seus ideais antitecnológicos, a Cora me surpreendeu ao dizer que acredita, sim, que a vida moderna e suas inevitáveis máquinas estão fazendo dos seres humanos criaturas menos sociáveis, um ponto de vista, aparentemente, paradoxal em relação às máquinas – em geral, e não apenas computadores. Sua tese é a seguinte: o problema crucial é quando o homem vira uma extensão da máquina. Porque a máquina, acredita, pode ser uma extensão do homem – mas nunca o contrário. E basta entrar numa sala de espera de aeroporto para constatar que, no caso dos celulares, por exemplo, foi o homem que virou refém. E isso não acontece só com celular: o homem virou freguês de quase todas as máquinas que inventou, do elevador à secretária eletrônica, da geladeira ao computador, do ferro elétrico ao televisor. Por uma razão: o homem é sempre refém de si mesmo. Freud que o diga...

Porque não entra na minha cabeça que a “culpa”, se é que podemos classificar assim, seja dos aparelhos. Mais otimista com a máquina, mas pessimista com o homem, acredito que a questão esteja centrada na própria natureza humana. Basta olhar para o lado e liberar o ouvido. Nos tempos atuais, é cada vez mais frequente ouvir desabafos do tipo: “Todo mundo dizia que as máquinas iam tornar nossa vida mais fácil. Mas hoje todo mundo trabalha muito mais. Vive muito mais estressado. Tem muito mais coisas a fazer. Os computadores só estão piorando a vida da gente”. Não boto muita fé neste tipo de “niilismo tecnológico”. Ainda sou capaz de dar votos de confiança às máquinas. Mas não aposto um vintém no homem.

Sim, porque se o dia continua tendo 24 horas, mas não dá mais conta de tudo o que temos para fazer, é porque nós não temos uma postura mais saudável em relação não apenas às

máquinas, mas também em relação à vida, de um modo geral. Nós criamos o “efeito armazenamento” e ainda não sabemos lidar com ele. E o armazenamento é o seguinte: não importa o quanto você tenha cumprido suas tarefas, haverá sempre mais tarefas a serem cumpridas. Porque a gente, com a providencial ajuda da tecnologia, não pára de armazenar coisas: na secretária eletrônica, na caixa postal eletrônica, na memória do celular e até no post-it colado na porta da geladeira ou do micro. E isso é muito bom. Ou não?

Será que a gente precisa mesmo dar conta disso tudo? Ou a gente inventa afazeres, e depois culpa a tecnologia, porque no fundo a gente não sabe lidar com o tempo livre? Será que todo mundo em aeroporto precisa mesmo usar o celular daquele jeito doente? Ou as pessoas realmente não conseguem (ou sabem ou gostam de) ler, ouvir música, escrever uma carta ou simplesmente ficar quietas, caladas, pensando na vida? Se um informata viciado abandona o réveillon de Copacabana para assistir à festa pela internet, o problema está na cabeça deste sujeito ou no poder de fascinação da Rede?

Neste ponto, chegamos em casa. E fomos, cada qual, para a sua respectiva máquina.

O GLOBO.Informáticaetc.12 de agosto de 2002, página 28.

Cora Rónai

Democracia blogueira: o grande auê

Na semana passada, pela primeira vez, bani um usuário dos comentários do blog. Resolvi contar isso para os leitores por um motivo muito simples: não sei quanto tempo o comentário ofensivo ficou no ar, não sei quantas pessoas o viram e depois não o viram mais, e não quis que ninguém ficasse pensando que é hábito meu suprimir do blog comentários dissidentes.

Um blog é um veículo de comunicação público, e é direito dos leitores que não gostaram do que leram darem sua opinião. Comentários críticos feitos de boa fé são, aliás, extremamente importantes para o estabelecimento do grande diálogo que faz – e é – a internet. Esses são sempre bem-vindos; me fazem pensar e, eventualmente, rever conceitos.

Comentários pueris, do tipo “este blog é feio”, são... bem, bobagens. Fazem parte da vida online, e temos que conviver com eles. Se não exigirmos maturidade e/ou educação de todo mundo que encontramos fora da rede, por que exigir que, na internet, todo mundo saiba, subitamente, como se portar? Esses comentários ficam. Fazem parte do blog e da sua história.

Mas há um tipo de comentário feito de má fé, fruto não de ignorância ou de simples falta de educação, mas de maldade e de deformação moral, que não pretendo deixar no ar. Sim, eu sei, nós estamos numa democracia; e sim, novamente, eu sou radicalmente contra qualquer espécie de censura – acho que, no **seu** blog, cada um faz o que quer. No **meu** blog, porém, cabe a mim zelar pelo meio-ambiente. Quem vai até lá sabe que vai encontrar um determinado padrão de qualidade, baseado em atenção e respeito. Assim como não publico cartas de baixo calão aqui no **Info etc.**, não vou manter comentários de baixo calão lá.

O interaETC. não é um hate-blog. A quem detesta gatos, flores, viagens e gadgets eletrônicos em geral, sugiro outras paragens: a internet é vasta, variada, e suficientemente mal frequentada para agradar a todos.

Comentários: Vai lá saber o que se passa na cabeça dessa gente que não gosta, escreve o que não gosta e faz questão de prosseguir frequentando só pra continuar a espalhar estupidez aos quatro ventos... [Fausto Rêgo]

* Muito justa a sua reação. É necessário sanear o ambiente em todos os sentidos. Um veículo de comunicação como a internet não pode ser depreciado nem mal utilizado. [Magda C. de Magalhães]

* Eu adoro gatos e seu blog e quase sempre somente observo e não emito comentários. É mais fácil fechar a janela do browser do que emitir comentários indecentes. Se não gostou: Caia fora. [Mingau}

* Um blog não é gestado na cucolândia das nuvens. A comunidade virtual é uma falácia, tal qual a comunidade científica, onde os pesquisadores na verdade se esbofeteiam entre si na fogueira das vaidades. Um blog é feito no mundo, onde habita gente real, do bem, do mal. Um blog não é nossa casa. É uma dimensão de uma esfera pública chamada internet, dos quais os comments são a maior expressão. Todos, através deles, entram e saem, nesse espaço que é democrático, para o bem ou para o mal. A democracia inclui os calhordas e as sumidades. E submete os inaptos ao jugo do escrutínio público pela expressão franca de sua imbecilidade. Coisa que não aprecio nos blogs é o festival de rapapés e louvações quando figuras públicas fazem um gesto qualquer. Esse compadrio virtual hipertrofiado também mereceria ser discutido por alguém que se debruçasse sobre os blogs como objeto de estudo. Também deveria ser um comportamento censurável. Melhor teria sido deixar o comment ali eternizado, indelével, como atestado vitalício da sordidez de alguém, se este fosse o caso (infelizmente a prova do rime foi destruída). A democracia e o bom senso e a discussão franca entre pessoas de bem tratariam de fazer o resto. Seria uma oportunidade didática para desmascarmos

algumas mitologias idealizadas do mundo virtual. Nos modelos de democracia concebidos por filósofos como Habermas, as canalhices são destruídas pela força do melhor argumento, não pela aniquilação da expressão dos detratores. [Cláudio Cordovil]

* Gosto de ler blogs. Porque me parecem um espaço livre de trocas de ideias. Só isso. Livre em todos os sentidos. Livre autor para escrever, inclusive besteiras, até porque o que parece besteira para mim pode ser muito bacana para outros. Livre o leitor para escolher o tipo de troca de ideias que lhe agrada. Livre o “dono” do blog para colocar ou tirar o que lhe bem aprouver do espaço que criou. Livre nós, leitores, para usar o espaço dos comentários. Todas essas liberdades, como qualquer liberdade, requerem bom senso para serem validadas a longo prazo, pois sabe-se que excessos são o caminho mais rápido para o desgaste e fim de um hábito, ou de um relacionamento ...[Vânia]

O GLOBO.Informáticaetc .30 de dezembro de 2002, página 9.

Evitando tecnicismos em 11 anos de coluna

Missão: explicar como funcionam as coisas dentro de um micro, o porquê dos problemas e como resolvê-los.

Fui membro do Centroln, HotLine e Unihey (desde ainda sou: meu sítio está hospedado lá). Uma turma de malucos. Mas nas reuniões periódicas do grupo na praia do Leme fiz alguns de meus melhores amigos. Não vou citar todos, que sempre faltará algum para dever desculpas. Mas, para dar uma ideia de quem por lá se via, cito o grande mestre Júlio Botelho, um dos últimos representantes da quase extinta espécie dos gentlemen.

Em todo aquele período, tinha uma coisa que muito me incomodava: a imensa dificuldade de encontrar informações sobre computadores em linguagem clara e simples. Com raríssimas exceções, quem escrevia sobre informática ou não sabia escrever ou não sabia informática. Particularmente, eram irritantes os artigos que abusavam do jargão e terminologia pseudo- técnica como “estartar” e “printar”, cuja principal finalidade não era transmitir conhecimento mas apenas alardear o saber do autor. Um saber no mais das vezes falso, já que quem realmente sabe não “enrola” (só esconde conhecimento que corre o risco de, cedendo o pouco que tem, acabar sem nenhum). Em suma: quem sabia, não ensinava e, quem tentava ensinar, geralmente não sabia.

O resultado disso é que naquela época quem tinha dúvidas sobre computadores não tinha onde dirimi-las. Para se conseguir formar uma ideia clara sobre uma questão, era preciso garimpar a informação aos pedaços, neste e naquele artigo, até se conseguir uma perspectiva razoável. Chegava-se à resposta, quando se chegava, juntando as migalhas de informações colhidas aqui e ali, na base da educação, já que ninguém fornecia o conhecimento inteiro. Na imprensa do Rio não havia cadernos de informática. Eu lia os de São Paulo, mas sem enfoque era predominantemente corporativo. As revistas de informática, infelizmente, não ficavam muito atrás. Em suma: ninguém se interessava pelo pobre micreiro doméstico, que não tinha a quem recorrer.

“Circuito integrado”: os primeiros contatos.

Havia uma exceção: era uma coluna de informática chamada “Circuito Integrado”. Saía às segundas nas páginas de economia do “Jornal do Brasil”. E, toda segunda-feira, a primeira coisa que eu fazia ao acordar era pegar o jornal na soleira da porta, tomar um café, voltar para a cama e saborear a coluna. Só então me levantava para começar a semana. Quem a escrevia era Cora Rónai, hoje editora deste caderninho que vos fala. O que eu mais admirava nela, além da linguagem clara e coloquial, era a coragem de dizer “não sei”. Quando Cora encucava com um problema, simplesmente escrevia sobre ele e perguntava se alguém tinha a solução.

Um dia calhou dela perguntar algo que eu sabia. Eu nunca fui de mandar cartas para jornal mas achei que aquela era uma boa oportunidade para retribuir uma pequena parte daquilo que vinha aprendendo com ela. E escrevi uma “carta para a redação”. Pois não é que para meu orgulho e espanto um trecho foi publicado na coluna?

Daí para frente a coisa ficou mais ou menos rotineira. De vez em vez eu escrevia para Cora comentando algo que lia na coluna ou que achava interessante e de quando em quando Cora citava alguma coisa ou me telefonava. E assim se passaram muitos meses, sem nenhum contato meu com a Cora além das cartas de cá para lá e telefonemas de lá para cá.

Um belo dia, no início de 91, Cora simplesmente se despediu da coluna e sumiu na poeira. Como eu não tinha outra forma de me comunicar com ela senão escrevendo para a redação onde ela não mais estava, me senti órfão e abandonado. E assim fiquei durante semanas. Até a Cora telefonar e avisar que havia sido convidada para editar um caderno sobre informática no GLOBO. Ora, que bom, respondi, assim eu poderia continuar lendo sua coluna. Lendo nada, retrucou Cora. Ela queria é que eu escrevesse. E, com o telefonema, veio o convite para assinar uma coluna no novo caderno do GLOBO.

Minha primeira reação foi de orgulho. Depois de medo. Finalmente, de bom senso: recusei. Aleguei que de colunista de informática eu não tinha nem cacoete. Faltava experiência, faltava conhecimento, faltava tudo. Cora insistiu. Disse que a coluna seria dirigida ao micreiro principalmente, explicando como o micro funcionava e como resolver os problemas mais frequentes, exatamente aquilo que eu vivia reclamando que faltava na imprensa carioca (lembro aos coleguinhas que no Rio ainda não havia caderno de informática algum). E bastaria manter a coluna no mesmo estilo usado nas cartas que escrevia para ela. Depois de alguma insistência da parte dela e pouca relutância da minha, o bom senso dobrou-se à vaidade e aceitei. Mas, sob uma condição: se a qualquer momento sua experiência indicasse que aquilo não estava dando certo, que me dissesse sem rodeios que eu, discretamente, enfiaria minha viola no saco e recolher-me-ia à própria insignificância. Já lá se vão onze anos. Ou ela não me disse, ou, se disse, me fiz de desentendido. O fato é que continuo por aqui.

Assim surgiu minha primeira coluna, a “Trilha Zero”. Mas como assiná-la? Para um profissional de área tão diversa, usar o próprio nome em uma coluna de informática não seria muito bom para os negócios. Por outro lado, cinquentão, eu já tinha passado da idade de usar pseudônimo. Foi então que dei-me conta que carregava desde o nascimento um nome novinho em folha. Aquele sobrenome do meio, o “Piropo” da família de D. Eulina, estava praticamente sem uso, já que até então eu sempre assinava “Benito P. Da Rin”. E quase ninguém sabia o significado daquele “P”. então, por que não usá-lo à guisa de pseudônimo acompanhado da inicial do meu primeiro nome? E foi assim que nasceu o B. Piropo.

O funcionamento do micro sem tecnicismo

Daí pra frente, vocês conhecem a história. B. Piropo procurou fazer aquilo o que sempre lamentou não encontrar quem fizesse: explicar, em linguagem o mais possível despida de tecnicismo, como funcionavam as coisas dentro de um computador, o porquê dos problemas, qual sua natureza e como resolvê-los. No início, escrevia séries de colunas destrinchando cada tópico, de software a hardware: sistema operacional, memória, discos rígidos, conteúdo dos arquivos de configuração, novos dispositivos e tecnologias. Falou de CD-ROM (quando ainda era novidade), USB, ATA e EIDE, ATX, uso de fitas para cópias de segurança, o que eram interrupções, para o que serve o Registro do Windows e coisas que tais. Houve até uma série dando dicas sobre como escolher uma máquina e seus componentes. De 1991 a 1992 assinou a seção “Memória Virtual”, dedicadas a definir termos e expressões usadas em informática. Em 1992 e 1993, a seção “Feedback com respostas a dúvidas de leitores (que existe até hoje em seu sítio na internet). Em 1994, passou a assinar uma segunda

coluna, a “Microcosmo”, essa bastante didática, com o objetivo específico de analisar o funcionamento do micro (a ideia era transformá-la em um livro do tipo “como funcionam as coisas” mas a coluna foi interrompida em 1996). Todas as colunas, desde a primeira, além dos artigos avulsos escritos por B. Piropo aqui e acolá, permanecem disponíveis na seção Escritos de seu sítio, em <www.wbpiropo.com.br>. Além de outras seções como Dicas e Respostas. Sugiro uma visita.

Em 1995, a internet explodiu e fez mudar o perfil de usuário de micro – e, portanto, do leitor do caderninho. As pessoas ansiosas em destrinchar as entranhas da máquina foram substituídas pelas que apenas queriam usá-las sem percalços. Com a internet o computador passou a ser um eletrodoméstico como outro qualquer. Quem vê televisão não quer saber como ela funciona. Mas se a imagem oscila ou perde a cor, quer saber como reverter a situação. Isso fez mudar também o estilo do caderno, que se voltou para esse novo usuário. A “Trilha Zero” morreu, surgiu no lugar dela a “Coluna do Piropo”, que passou a evitar temas excessivamente técnicos. Nasceu ainda a “Dica do Piropo”, mais voltada para o “como usar” do que o “como funciona”. Mas B. Piropo continua por aqui. E já lá se vão quase onze anos...

Com o nascimento de B. Piropo minha vida mudou. É tal o poder da imprensa que ele, em menos de um ano e sem nem sequer trabalhar na área, passou a ser mais conhecido e respeitado como “sumidade” no campo da informática que eu na engenharia, à qual dediquei mais de 40 anos de trabalho e estudo, com dezenas de trabalhos publicados em congressos e revistas técnicas, consultor internacional e respeitado professor universitário. Parte da minha vida passou a ser comandada por ele, que frequenta feiras e eventos no país e no exterior (e me leva com ele), busca informações técnicas diretamente nas fontes (e é atendido), conquista novos amigos no novo universo que se abriu para ele (que compartilha comigo), sabe com antecedência dos principais lançamentos da indústria. Em suma: tornou-se uma pessoa pública. Escreveu dois livros, chegou a manter um programa na rádio (“Informática CBN”, um boletim sobre informática na rádio CBN que agora transformou-se no Disque Piropo, transmitido por telefone e sobre o qual você encontra informações em <www.disquepiropo.com.br> e a fazer comentários sobre informática na televisão (num programa na extinta rede Manchete). Recebe convites para fazer palestras sobre informática e os aceita, com prazer. E até me obrigou a dedicar a ele uma boa parte da minha vida.

Não reclamo. Pelo contrário, agradeço. A B. Piropo, a Peter Norton e aos demais que lhe ensinaram as coisas que ele sabe e gosta de compartilhar e, sobretudo, a Cora Rónai, que o convenceu a escrever essas bobagens que agora vocês estão lendo. Sem ela não haveria B. Piropo. Além, evidentemente, do maior e mais fundo agradecimento: o dirigido a vocês, que

complacientemente lêem o que ele escreve, já que são os leitores que justificam a existência dos colunistas.

Se eu antes já não reclamava da vida, agora então reclamo menos ainda. Com o nascimento do colunista B. Piropo, ao contrário do que muita gente pensa, não fiquei rico (a quem acha que escrever em jornal torna alguém rico e famoso, garanto que está exatamente 50% equivocado. Mas, sem nenhuma sombra de dúvida, minha vida ficou muito, muitíssimo, infinitamente mais divertida desde então.

Por tudo isso, mais uma vez, obrigado.

O GLOBO.Informáticaetc. 11 de outubro de 2004, página 3.

B. Piropo

Voz sobre IP: a telefonia ‘cyber’ e mais barata

Embora no Brasil a conexão com o STFC seja proibida, as ligações através do exterior são perfeitamente legais

Digitalizar é codificar uma grandeza do mundo real, exprimindo-a em números que usam o sistema binário, ou seja, em bits e bytes. Qualquer grandeza pode ser digitalizada. Inclusive o som, como provam há décadas os CDs de áudio. Logo, não há de ser difícil digitalizar a voz humana.

Tudo o que pode ser digitalizado pode ser transmitido pela internet. Basta juntar os bytes em “pacotes” e transmiti-los usando o protocolo adequado, o IP, ou Internet Protocol. A esse tipo de transmissão de voz chama-se “Volp”, de “Voice over IP”, ou “Voz sobre IP”. Se você dispõe de uma conexão internet de alta taxa de transmissão (ou “banda larga”) e dos aplicativos adequados, sua voz pode ser capturada pelo microfone ligado a seu computador, digitalizada enquanto você fala, transmitida via internet e reproduzida no alto-falante do computador situado na outra ponta da conexão, em tempo real. E se o usuário deste último computador dispuser dos mesmos recursos, poderá lhe responder. E vocês estabelecerão uma conversa à distância, ou seja, uma conversação telefônica.

Para este tipo de aplicação começaram a aparecer no mercado os “telefones IP”. São aparelhos em tudo semelhantes a telefones comuns (inclusive dos pequenos como os celulares) que se conectam a uma porta USB do computador e fazem o papel de microfone e alto-falante. Se os usuários de ambas as pontas da conexão dispuserem desses aparelhos, poderão manter uma conversação telefônica propriamente dita, ou seja, se comunicarão em

tempo real usando aparelhos telefônicos em tudo semelhante aos telefones fixos comuns do chamado “Serviço Telefônico fixo Comutado”, ou STFC.

O problema é que o STFC é regulado por lei. E, embora exista tecnologia para isso, no Brasil você não pode “misturar as bolas”, isto é, ligar de telefone IP (conectado a seu computador) para um telefone fixo da rede pública. É proibido.

É proibido conectar... mas não fora do país

Mas e fora do Brasil? Bem, aí o negócio é diferente. Para confirmar isso, há cerca de dois meses, em um evento sobre telecomunicações patrocinado pela Intel, em São Paulo, expus ao representante da Anatel a seguinte situação hipotética: eu conecto meu computador doméstico, através da internet, a um servidor, digamos, em Miami. De lá, fecho uma conexão para um telefone comum de linha discada, situado seja no Brasil seja no exterior. O telefone de meu interlocutor está ligado à rede pública, mas a ligação foi originada no exterior. Seria isso legal? Eu estaria violando alguma norma, lei ou regulamento?

-Infelizmente, não – respondeu o homem da Anatel.

Entendi o “não”, já que a lei brasileira não tem jurisdição em outros países. Mas não entendi o “infelizmente” e perguntei qual sua razão.

-Porque, embora não seja ilegal, isso rouba mercado das operadoras e faz parte da missão da Anatel proteger os altos investimentos que elas fizeram no setor.

Nesse ponto, retruquei:

-Mas não faz parte também da missão da Anatel defender o bolso do consumidor?

Para minha surpresa, fui vigorosamente aplaudido. E olhe que a platéia (sic) era composta, em sua grande maioria, de especialistas em telecomunicações.

Meu objetivo era, naturalmente, me abster de divulgar algo ilegal. Mas como a resposta foi dada em público, diante de centenas de testemunhas, posso agora, sem receio de estar cometendo alguma ilegalidade, escrever sobre um serviço que poupa uma grana preta a quem tem conexões de internet rápidas (“banda larga”) e usa muito o telefone para ligações de longa distância nacionais e internacionais.

Trata-se do serviço de telefone sobre IP: soube que há diversos, mas conheço apenas três: IP Phone Brasil (<www.ipphonebrasil.com>). Redevox (<www.redevox.com.br>) e Skype (<www.skype.com>).

A forma básica de funcionamento desses serviços é semelhante à dos celulares pré-pagos: compram-se créditos (com pagamento por cartão de crédito) e debitam-se os valores dos telefonemas dados. As tarifas variam de serviço a serviço e não há um que seja “mais barato” (por exemplo: para os EUA a menor tarifa é a oferecida pelo IP Phone Brasil, R\$0,14/

min; para a Argentina, a do Skype, R\$0,09/min; e para o Chile, o Redevox, R\$0,21/min). Chamadas DDD para telefones fixos de qualquer estado do Brasil, em qualquer horário, custam de R\$0,19 (Skype) a R\$0,38 (Redevox) por minuto. A intermediária, do IP Phone Brasil, R\$0,254 por minuto, se comparada às oferecidas pelas principais operadoras de longa distância brasileiras, é vantajosa para qualquer cidade no horário normal e para as cidades distantes mais de 300 quilômetros mesmo no horário reduzido. E chamadas para telefones celulares no Brasil (exceto ligação local) são vantajosas em qualquer horário.

O serviço Skype é o mais conhecido, mas funciona basicamente como um sistema de troca de mensagens instantâneas (“chat”) que usa voz em vez de teclado. Permite conferência (tipo “sala de chat”), transferência de arquivos e tudo o mais que um bom serviço de mensagens instantâneas oferece. O serviço que permite ligar do seu telefone IP para qualquer número em qualquer parte do mundo chama-se SkypeOut. Já o Redevox oferece diversos planos, desde o VoxCard, tipo cartão pré-pago, até o VoxPerfil, com pagamento mensal. E, finalmente, o IP Phone Brasil funciona essencialmente como cartão pré-pago. Além do serviço, oferece ainda telefones IP e acessórios.

Nenhum dos serviços cobra ligação de IP para IP

Minha experiência limita-se a este último. Uso uma conexão tipo internet rápida e já fiz ligações com um telefone IP para diversos estados do Brasil, para os EUA, para o Chile e para a República Tcheca. A qualidade, se não é excelente, também não é ruim. É mais ou menos a mesma de ligações internacionais via satélite. O som não é entrecortado, a potência não oscila. No máximo se percebe um pequeno retardo. Que, considerada a economia alcançada, é mais que tolerável.

Incidentalmente: nenhum deles cobra ligação de telefone IP, ou seja, Você tem um parente ou amigo no exterior com o qual fala frequentemente, basta comprar dois telefones IP e aderir a um dos serviços, que passarão a falar de graça.

O GLOBO.Informáticaetc. 03 de abril de 2006, p.2.

Geração câmera digital: em um ano, mais fotos que os pais em toda a vida
CD, DVD, HD externo: em que mídia salvar as preciosas imagens dos filhos?

Só em 2005, foram vendidas no Brasil mais de 1,6 milhão de câmeras digitais, sendo um milhão no mercado formal e, o resto, fruto de contrabando. Onde vão para todas as fotos produzidas por tanto equipamento? Nos discos rígidos dos computadores do país, seduzidos

pela facilidade dos cliques e pelo barateamento nos custos das imagens. Se antes era necessário bancar o preço de filme e revelação, agora basta comprar uma boa câmera, bateria/pilha e sair armazenando as imagens.

O pequeno Otto Joner Nagel, de apenas três meses, foi abençoado pela era digital duas vezes: não só nasceu na época da popularização das câmeras como teve a sorte de fazer parte de uma família de fotógrafos. Seus pais, Jaqueline Joner e Fábio Nagel, conhecidos na internet como o “Casal Zipper” www.fotolog.net/zipperj já contam com mais de 1.300 imagens do filho armazenadas em HD e CD.

Antes mesmo do nascimento, Otto já era a estrela da família: no futuro, ele poderá se ver dentro da barriga da mãe; ou acompanhar as ultra-sonografias, devidamente transferidas para o mundo digital e salvas em DVD. O parto também foi documentado, assim como o resultado do exame de farmácia que constatou a gravidez que lhe deu origem.

–Os filhos dessa geração, se ficarem famosos e biografados, material é o que não vai faltar – diz Fábio Nagel, pai babão assumido e fotógrafo profissional. – Também procuramos fotos de lugares do Rio, para que ele possa ver no futuro como a cidade mudou.

Seguindo este ritmo, quando chegar ao aniversário de um ano o bebê Otto pode ter tantas imagens guardadas quanto Rafael Rôças Alenberg. Hoje com um ano e três meses, quando ainda estava na barriga da mãe ele já tinha 634 imagens e um endereço na internet <micdani.blogs.pot.com>. Depois de nascer, seus álbuns de papel ganharam um charme extra de montagens feitas a partir dos famosos “scraps” ferramenta de edição para a montagem de álbuns originais. Junta-se algumas imagens e cola-sedigitalmente com tachinhas, cortiça, balõezinhos e tudo o mais que a imaginação das pacientes mães permitir. A mãe Michelle não para de inventar moda e trocar preciosidades com as amigas que fez em comunidades virtuais de mães. Dentre as fontes de scraps vale destacar <www.freedigitalscrapbooking.com>; <www.scrapartist.com> e <www.scrapbook-bytes.com>.

–Em seu primeiro ano de vida, completado em dezembro, o moleque já tinha alcançado a marca de 4.134 fotos e uns 30 filmes editados. Se eu tiver feito as contas certas, dá algo em torno de 3.8Gb de espaço em disco. Só estou contando as fotos tiradas pela minha câmera. Ainda tem tia, avó e as fotos e o DVD profissional da festinha de 1 ano – diz Michelle.

Imprimir só as melhores,mas onde guardar tudo isso?

Mãe de Clara Wanis Belote, de dois meses, outra Michelle também se orgulha de ter ultrapassado a barreira das mil fotos. Na verdade, são mais de três mil imagens salvas em CD e HD, além de filminhos, montagens com scraps e um book por mês, fora o fotolog da avó onde brilha <www.fotolog.com/bwanis>. Tudo isso em dois meses.

-Fotografamos tudo, banhos, a troca de fralda, tudo que podemos. Depois, escolhemos as melhores para imprimir porque eu gosto de ter álbum de papel em casa. Se fosse com filme de rolo não teríamos tudo – diz Michelle.

Fotografar é fácil; difícil é selecionar as melhores fotos – e a gente aqui no caderno sofreu com isso. Como a tarefa é dolorida, as mães acabam preferindo armazenar a maioria. É por isso que a expectativa de armazenamento de dados foi ultrapassada. Há cinco anos, a indústria previa que cada ser humano geraria, no decorrer de sua vida, algo em torno de 1 terabytes, com tendência a aumentar.

-O movimento de digitalização é irreversível. Para se ter uma ideia: hoje você compra um iPod de 6 Gb e nele cabem mil músicas, e você o enche rapidamente. A sociedade está aberta a mídias de altíssimas densidades – diz Hermann Pais, diretor de inovação da EMC, empresa especializada em armazenamento de dados.

Como exemplos de mídias que vêm por aí Hermann cita o disco holográfico, possível sucessor do CD, do DVD e do Blu-Ray. Semana passada, a empresa InPhase lançou, em Londres, um disco deste tipo que armazena nada menos que 300Gb. A vantagem do disco holográfico está na possibilidade de gravar dados por todo o volume do dispositivo, não só em sua superfície, como os CDs e os DVDs. [...]

O GLOBO.Infoetc. 08 de Outubro de 2007, p. 2.

Atingido na nuca por um iPhone

Semana passada, estava andando pela rua à noite e alguém, de um furgão escuro, jogou-me algo bem no meio da nuca. Não era muito pesado, mas com o impacto, caí no chão bastante zozinho. Logo me recobrei. Era uma caixa de papelão onde estava escrito: “Eis o futuro”. Abri a dita cuja e encontrei, para minha surpresa, um iPhone novo em folha, com todos os acessórios. Fui direto para casa, esbaforido, e liguei o bichinho. Olhei para o meu Sony Ericson H790i velho de guerra., pedi licença, abri o capô, arranquei a bateria e dei uma unhada no SIMcard, retirando-o num arroubo. Com um clipe de papel desentortado, cutuquei o buraco na face norte do iPhone, fazendo cuspir a mini-gaveta de alumínio onde entra o chip. Instalei o circuito e, para meu encanto, surgiu na tela mágica o nome da minha operadora. O iPhone estava desbloqueado.

Conectei-o ao Wi-Fi e vi o mundo se abrir. Foi nesse momento que confirmei o que tantas pessoas já haviam dito sobre ele: a interface é fascinante, parece obra de um mago

alienígena. Desde então, não consigo mais olhar para celulares convencionais sem achá-los umas velharias arcaicas. Caindo de boca o iPhone, porém, tem-se a impressão de que a Apple está meio que brincando conosco. Ofereceu à massa ignara apenas uma provinha do que está por vir.

O iPhone é belíssimo, mas está longe de realizar todo seu potencial. No dia-a-dia meu k790i dá de dez a zero. O iPhone não filma, não manda nem recebe MMS, não tem rádio FM, não joga no calendário as datas de aniversário dos contatos, tem tecladinhos para dedos de agulha, não “fala” português, não importa nem exporta dados em formatos padrão e não informa se as chamadas recentes são recebidas ou enviadas, além de uma série de outras funcionalidades.

Apesar de tudo isso, o iPhone é o show do bairro. Faz você se transformar na pessoa mais chique do quarteirão. Nas rodas de amigos, você vira ídolo. Quase não consigo mais ouvir os pasmados “Ohh!” quando começo a dar zoom-in em fotos usando dois dedinhos apenas, quando faço girar inercialmente listas e galerias de thumbnails usando apenas um peteleco esfregativo no vidro, e quando viro a máquina 90 graus e a foto vira junto num pulo, adaptando-se à tela. Brincar de YouTube, papear no MSN, ler Gmail, navegar no Safari e sair instalando programetos, tudo isso hipnotiza a audiência.

Aqui no Brasil, está havendo um derrame de iPhones, em geral por vias muambásticas. Há os insanos que pedem R\$3 mil por um aparelho, outros mais pé-no-chão cobram R\$1.700. para desbloquear, em Sampa, pedem R\$600; no Rio, R\$300. Basta passear pelos classificados. Para ver como funciona a tijolada que desbloqueia o iPhone, visitei um guru, o legendário Littlehand, e me assombrei com a quantidade de programas que eram necessários para escancarar o aparelho, habilitando as funcionalidades. O sujeito digitava comandos cabeludos, mas não precisava abrir o telefone nem fazer soldas no circuito. Segundo o mestre, hoje a tarefa está mais fácil, requerendo apenas poucos cliques no mouse.

Se a leitora é a possuidora de um iPhone destravado, cuidado para não atualizar o firmware para a versão 1.1.1., fique com a 1.0.2 mesmo. Com a versão nova, quase todo o desbloqueio deixa de funcionar e o iPhone ficará capenga, pelo menos até que a rapaziada agite um novo jeito de burlar as proibições. Se quiser ousar, baixe os softwares iBrickr (Windows), Breezy (Mac) e WinSCP. Explore o repositório PXI. Aí, sim, é festa garantida, mas faça-o por sua conta e risco.

Não deixe de fuçar o youtube, tem muito vídeo interessante sobre o iPhone. Num deles, Eric Butterfield, editor sênior da PC World, faz um teste de resistência, mostrando que a tela de vidro é resistente a arranhões, impactos e quedas. Noutro vídeo, Tom Dickson

mostra que a robustez do iPhone não resiste a um liquidificador. Um terceiro mostra a lista de ferramentas que se tornaram inoperantes em função da nova versão 1.1.1, cujo lançamento foi contra os que se aventuraram e seguiram o mote “Think different” (Pense diferente), slogan da Apple.

O GLOBO.Infoetc. 21 de abril de 2008, p. 2.

Sai o SP1 em Português

* A Microsoft liberou para download a versão final em português do Service Pack 1 para o Windows Vista. O SP1 é essencial para que o sistema fique mais ágil e estável, além de trazer melhorias importantes em segura, acesso à rede e disco. Por enquanto, as atualizações não aparecem no Windows Update automático. Quem tiver banda larga deve baixar o pacote completo de 544MB e executar o programa de instalação. A vantagem é que diversos sistemas podem ser atualizados com este mesmo arquivo. Um excelente local para informações gerais é <http://support.microsoft.com/kb/936330>. A maneira mais fácil de achar a página de download é buscar na internet por “Windows Vista Service Pack 1 autônomo com todos os idiomas (KB936330)” e clicar no primeiro.

Carta aos leitores

O mouse que não quer clicar

Ao iniciar o PC (P4 com placa Asus, 3.4 Ghz, WinXP, placa GeForce), quando aparecem as contas dos usuários não consigo clicar sobre qualquer conta – a do mouse é mostrada mas não funciona para dar entrada na conta. Tenho que resetar várias vezes até que o Windows libere que eu clique sobre a conta e a mesma aceite o comando. Troquei o mouse para USB e nada. (Luiz C. T., via email)

Só para garantir, verifique os contatos elétricos em todas as placas. Se o problema persistir, faça backup dos dados e tente uma reinstalação do Windows.

c.a.t. cat@oglobo.com.br

Crianças da tecnologia

Alguém pediu a uma menina de cidade grande, dessas que moram em condomínio, que desenhasse uma galinha. Ela rabiscou algo que nitidamente se parecia com um frango assado, desses de padaria. A ave não estava de pé, ciscando, nem tinha bico, patas ou crista. Ou seja, a garota não estava familiarizada com a versão viva da galinha. Numa outra situação, um garotinho, ao visitar uma exposição de aquários num shopping, olhou admirado para a criatura marinha naquele ambiente de penumbra e exclamou: “Caraca, que screensaver irado!”

Será que nossas crianças urbanóides estão perdendo alguma coisa da Natureza, enquanto vivem nesse novo mundo encaixotado, enlatado, engaiolado, emparedado e supertecnologizado? Se a escola e o lar não oferecerem elementos para abrir os horizontes dos pequenos, então eles ficarão imersos num subconjunto da realidade onde os mais relevantes conteúdos serão programas de TV, DVDs, videogames e a web. Alguns só ingerem porcaria, tanto em comida quanto em informação.

Será que faz sentido nos surpreendermos com o desenho da menina ou com a exclamação do guri? Traçando um paralelo, basta olhar pelo lado errado de um binóculo e de uma luneta e percebermos que esses instrumentos óticos podem ter efeitos opostos dependendo de como os usamos. Com tecnologia acontece o mesmo. Uma criança pode ter ao seu dispor celulares, webcams, laptops, Playstations, MSN, Orkut e TV a cabo. Mas nem por isso estaremos dando a ela um universo que se pareça com algo real. Os avanços da técnica podem trazer o planeta inteiro ao quarto de uma criança, mas podem também distanciá-la da realidade de mundo palpável.

Isso também se dá conosco, digo, adultos. Alguns chamam o efeito de “síndrome do ônibus turístico”. É como se soubéssemos instintivamente que deveríamos nos emocionar, por exemplo, diante de um espetáculo grandioso da Natureza. E, de fato, muitos de nós até sentem algo, mas às vezes é tão vago e sem substância que acaba sendo uma experiência frustrante. De algum modo certas pessoas têm vínculos tão tênues com a realidade que acabam se sentindo no vazio. Elas querem vivenciar a experiência verdadeira e se sentem até culpadas por não conseguirem. Assim, como numa excursão num ônibus turístico, a saída é tentar capturar o momento, fotografando ou filmando.

Acontece toda hora em batizados, casamentos, formaturas e viagens. É claro que uma boa imagem vale muito, mas de certo modo essas pessoas deixaram de confiar em sua

capacidade de vivenciar plenamente o momento. Querendo congelar aquele instante na esperança de mais tarde apreciá-lo com calma e quantas vezes quiser, as pessoas apenas capturam aquela fração de segundo, o resultado bem triste por sinal, é que muitas vezes a lembrança que tem depois é apenas a de estar manejando a câmera.

Será que existe algo na nossa cibercultura atual, dentre fibras óticas e realidades virtuais, que trabalha contra nosso entendimento participativo e concreto do universo que nos cerca? Queremos exercer poder frontal e efetivo sobre o mundo, mas em geral não temos paciência para cultivar os poderes da intimidade e da simpatia, dos valores do caráter e da cultura legítima. Talvez devamos concentrar nossa atenção nesses tópicos, se quisermos reequilibrar nossa civilização tão acelerada e frenética, sem precisar abrir mão dos benefícios que a tecnologia nos traz.

Podemos dar um jeito no futuro. Se não dermos, pode ser que ele tenda para algo angustiante como o que transparece na canção “Children of Technology”, da banda de rock italiana Kingcrow, formada em 1996 e representando do classic prog metal: “Há uma sombra que pisa no pensamento/ E o medo é seu único chicote/ O destino termina sob um sol que morre/ Seres híbridos que se arrastam na poeira./ Criação do humano/ Cérebro sem coração/ mãos aveludadas do novo/ Deus que se move na escuridão./ Crianças de um novo mundo./ Profetas subornados que vendem desejo/ Vendem as entradas para o nosso fim./ Céu no inferno sob uma lua em chamas./ E morremos com um sorriso no rosto.”

O GLOBO. Economia. 07 de novembro de 2010, p. 49.

Digital & Mídia: um novo espaço da Economia

Leitores terão uma seção diária no jornal com análises, serviços e entrevistas. Site será reformulado e ganha atualizações

A editoria de Economia do Globo amplia seu foco e se moderniza. A partir de amanhã, a cobertura de tecnologia e mídia terá mais espaço diariamente para acompanhar o mundo que muda rapidamente. Serão duas páginas toda segunda-feira no jornal e, pelo menos, uma por dia, de terça a sábado, publicadas na Economia numa nova seção intitulada Digital & Mídia. Esse espaço, que reforça também a cobertura de mídia, vai absorver – e ampliar – o conteúdo que antes era publicado semanalmente na Revista Digital.

O site também está reformulado, com atualizações mais constantes nos plantões, oferta maior de conteúdo multimídia e serviços. Além disso, será possível seguir a seção no Twitter,

em @DigitaleMidia, para acompanhar, de qualquer lugar, as últimas notícias de tecnologia postadas por jornalistas e colaboradores do GLOBO.

–Tecnologia não é mais um nicho para ficar segregado a um único dia da semana – resume o diretor de Redação do GLOBO, Rodolfo Fernandes, ao explicar as mudanças. –Este é um passo ousado e inovador entre os jornais. Tenho certeza de que nossos leitores vão sair ganhando com a novidade.

O GLOBO tem tradição de pioneirismo na cobertura do noticiário de tecnologia. Em 1991, quando o assunto ainda era bastante restrito a aficionados por inovações tecnológicas e não fazia parte do dia a dia das pessoas, O GLOBO lançou o suplemento Informáticaetc., um caderno exclusivamente voltado para as notícias sobre o tema.

Em 2006, com novas colunas e projeto gráfico, o suplemento passou a se chamar Infoetc. Dois anos depois, tornou-se revista e ganhou mais conteúdo, para que o suplemento já refletisse a relevância do assunto. A Revista Digital já nasceu com um site e uma diagramação arrojada.

Nas novidades, tira-dúvidas e colunistas convidados

Agora, nesta nova fase, o leitor terá acesso diário, tanto no jornal quanto no site, às notícias mais quentes do Brasil e do exterior, além de muita análise e boa dose de serviços. Haverá ainda seções e assuntos fixos a cada dia.

–Queremos trazer para o dia a dia do nosso leitor um panorama do que está sendo discutido aqui e no exterior sobre os novos rumos do mundo digital e da indústria de mídia, além de estimular o debate – diz a editora de Economia, Cristina Alves.

A coluna Garimpo Digital, por exemplo, apresentará uma seleção de produtos diferentes a cada segunda-feira, com o serviço sobre onde encontrar e os preços cobrados pelos gadgets.

Às terças-feiras, continuará a ser publicada a coluna Conexão Global, de Nelson Vasconcelos, que há dez anos aborda negócios, comportamento e cultura digital. Também haverá reportagens sobre games, um mercado gigante e em eterna expansão.

Às quartas-feiras, o tema da vez será mobilidade – de celulares, smartphones, tablets, enfim, máquinas que estão tomando conta do nosso dia a dia.

Redes sociais e a velocidade com que elas ganham novos usos e adeptos serão o assunto das quintas-feiras.

Toda sexta-feira, O GLOBO, terá um ocupante diferente para a seção Colunista Convidado – alguém que escreverá especialmente para Digital & Mídia.

Aos sábados será a vez de a colunista Cora Rónai publicar sua análise sobre celulares, aplicativos e tudo mais que estiver relacionado ao mundo digital, assunto que ela cobre há três décadas. Será dia também de o jornal publicar reportagens sobre fotografia digital, com dicas, lançamentos e sugestões para (e dos) leitores.

Com a agilidade típica do meio on-line, o site Digital & Mídia manterá seu já tradicional time de blogueiros, mas ganhará reforço. Nos próximos dias, estreará o blog do Abel Alves, engenheiro eletrônico e mestre em Ciência formado pelo Instituto Militar de Engenharia (IME), que responderá a perguntas de leitores. A coluna Sem Dúvida será on-line, permitindo mais interação com os internautas.

Para captar a riqueza de ideias que circula pela blogosfera, O GLOBO decidiu criar no jornal e no site o espaço Na Globosfera. Nele, os jornalistas da casa farão uma curadoria dos posts mais relevantes sobre o mundo digital, extraídos de blogs de autores nacionais e estrangeiros. O GLOBO também estará atento às teorias e discussões que apontem o futuro digital, ouvindo especialistas e apontando tendências para o público leitor na coluna O que vem por aí no impresso.

Também a partir de amanhã, os anúncios do segmento digital que eram publicados na revista ganham mais visibilidade e passam a abrir o caderno de classificados do Globo. Os leitores, com isso, poderão encontrar mais rapidamente as ofertas, reunidas em um único caderno.

O Globo. Economia. 11 de dezembro de 2010, p. 39.

Cora Rónai

iPad: filosofia e acentos

Quando um amante de gadget encontra um ubergadget como o iPad, é natural que gaste boa parte do tempo pensando e falando sobre seu brinquedo. Dura um tempo, mas depois passa: sei disso, porque já me aconteceu algumas vezes. Se você não tem iPad nem está interessado no assunto, peço perdão antecipadamente e sugiro que pule esta coluna. Prometo que semana que vem falo de outra coisa.

Tenho pensado muito, por exemplo, no que torna o iPad tão irresistível. Qualquer teoria sobre um gosto, ainda que coletivo, é só isso mesmo: uma teoria. Mas acho que parte do encanto do iPad é sua portabilidade e a “cumplicidade” que ela gera entre usuário e gadget. Um computador de mesa, por exemplo, mesmo quando usado individualmente, não transmite

qualquer sensação de intimidade. A tela é grande, fica sempre a uma certa distância e pode ser vista por quem estiver de passagem. O notebook chega mais perto do usuário. A tela é menor e mais próxima e a máquina pode ser carregada, o que a torna mais pessoal; mas mesmo os notebooks mais leves não estão sempre a postos como o iPad, primo-irmão do celular e, conseqüentemente, permanentemente “aberto”. Também não se pode subestimar a sua simplicidade. Em tese, ele pode fazer tudo o que um computador faz nas horas vagas, usando a última interface que o iPhone tornou conhecida, e dispondo do mesmo rico manancial de aplicativos. Como acontece com os smartphones, ele se adapta ao gosto e às necessidades do freguês e, como todo computador, define-se muito mais pelo software que escolhemos do que pelo hardware. Embora, como bom produto Apple, seja bonito mesmo desligado.

Além de filosofar a seu respeito, de procurar aplicativos e de brincar com fotos, o que é que tenho feito com o iPad? O mesmos que faço com iPhone: checar a mailbox. O sistema de email dos dois é ótimo para ler o que chega. Responder são outros 500. No iPhone, o máximo que chego é dizer que respondo depois. A tela maior do iPad permite escrever melhor, mas não bem; por isso, meu acessório favorito é um pequeno teclado Bluetooth, à venda em qualquer loja Apple (inclusive online) por pouco mais de R\$200. Esse tecladinho é, como o próprio iPad, uma inutilidade muito útil, que acaba revelando o seu valor quando a gente não quer usar o computador “de verdade”.

O que me imediu de ser completamente feliz com ele, no começo, é que, segundo as instruções que me foram passadas pela autorizada da Apple onde comprei, escrever em português corretamente acentuado era um exercício de memória de ginástica digital, que incluía uma exótica tecla Option, seguida de combinações estranhíssimas. Para produzir um mísero A com acento agudo, eu precisava teclar Option e a letra E, para obter o acento; e, na sequência, a letra A. O resultado é que ou trabalhava com uma cola ao lado do teclado ou abolia totalmente os acentos, duas opções igualmente insatisfatórias. Tinha que haver método mais simples para acentuar – e, claro, há mesmo.

Como imagino que outros proprietários do ótimo tecladinho possam estar passando pelo mesmo perrengue, aí vão as instruções para transformá-lo numa ferramenta acentuadora. O primeiro passo é ir para Ajustes > Geral > Teclado > Teclados Internacionais > Português. A partir daí, finalmente, há duas opções importantes. A primeira: “Escolha um leiaute de teclado virtual”. Resposta: QWERTY. A segunda: “Escolha um leiaute de teclado físico”. Aqui é que a porca virtual torce o rabo, porque o padrão, que vem automaticamente marcado com a opção de língua portuguesa do Brasil, é “Brasileiro”. Mas isso corresponde ao padrão ABNT, coisa que o teclado Bluetooth da Apple não é. A resposta certa é “EUA Internacional

– PC”. E pronto. Com isso ele passa a acentuar perfeitamente bem. Para fazer as cedilhas, porém, é preciso teclar acento agudo – ç. Essas mesmas instruções valem para o iPhone, que também pode ser conectado ao teclado.

Usar o EUA Internacional é, contudo, uma gambiarra. O Brasil tem um padrão de teclado perfeitamente bom e apropriado, e o mínimo que o usuário podia esperar da empresa é que ela lhe oferecesse a opção de comprar o teclado com o qual está acostumado. O descaso com que a Apple trata o consumidor não combina com o seu esforço em seduzi-lo.

O GLOBO.Economia. 11 de dezembro de 2010, p. 39.

Twitter: 100 milhões de contas novas

Mas poucos tuítam, pelo menos nos Estados Unidos

O Twitter deu ontem início a sua retrospectiva de 2010, listando as principais celebridades que criaram suas contas este ano. O site de microblogging ganhou mais de cem milhões de usuários. Alguns deles são famosos como Bill Gates (@billgates), Cher (@cher), Tiger Woods (@tigerwoods), o presidente da Rússia, Dmitri Medvedev (@MedvedevRussia), e a presidente eleita do Brasil, Dilma Rousseff (@dilma).

Quem quiser indicar outros membros célebres para o grupo pode dar sua sugestão com a hashtag #Hindsight2010. Os outros capítulos da retrospectiva serão publicados nos próximos dias na página <<http://yearinreview.twitter.com>>.

Por outro lado, nem todo mundo que tem twitter tuíta. Uma pesquisa do Pew Research Center’s Internet & American Life Project apurou que 8% dos internautas americanos têm conta no twitter, mas apenas metade deles usa o microblog diariamente. O restante raramente ou nunca usa o site. Como 74% dos americanos usam a web, isso significa que os tuiteiros representam apenas 6% da população dos EUA.

E quais são os assuntos mais populares nos tweets? Segundo o Pew Research, trata-se de observações sobre o dia a dia pessoal ou no trabalho. Sete entre dez tuiteiros postam mensagens sobre sua vida pessoal, atividades diversas e interesses – cinco entre dez os fazem todos os dias. Já 60% falam de trabalho na rede.

As notícias representam um papel importante no Twitter: metade dos usuários compartilha links de jornais on-line. Estes são retuitados e também enviados em mensagens

diretas para outros membros. São bem mais raros os posts com localização embutida ou links para vídeo.

Outra pesquisa, da Synomos, especializada em web analytics, diz que 71% dos tweets são ignorados pelos internautas.

O GLOBO.Economia. 12 de fevereiro de 2011,p. 38.

Cora Rónai

Fotos voadoras

O ser hi-tech é, essencialmente, um ser comodista. Para fotografar antes das digitais era preciso carregar o filme na máquina, revelá-lo e fazer cópia das fotos – e todos achavam isso perfeitamente normal. Hoje, já reclamamos do “trabalho” de conectar a câmera ao computador, ou de ter de tirar o cartão da máquina para que possa ser lido pelo notebook...

Se ficasse só por isso, já era um desaforo; mas se você é como eu, muitas vezes as fotos passam semanas no cartão da câmera, porque já tivemos a satisfação – a tal “gratificação instantânea” – de vê-las no display, e ainda há espaço de sobrando cartão para muitas e muitas mais.

Pois é aí que entra uma pequena maravilha da tecnologia chamada Eye-Fi (www.eye.fi), um cartão SD aparentemente comum, que grava as suas fotos como qualquer outro, mas que, além dessa função corriqueira conecta-se à rede Wi-Fi da casa (ou qualquer outra para a qual tenha sido programado). Funciona assim: você sai, fotografa (ou filma) à vontade, volta para casa e liga a câmera. Em dois tempos, o Eye-Fi transfere o conteúdo do cartão para o PC. Comprei um de 4GB pelo eBay e, sinceramente, não sei como vivia antes dele.

A marca ou modelo de câmera utilizados não fazem qualquer diferença; mas, pelo sim pelo não, a página da Eye-Fi tem informações completas sobre todos os tipos de câmera compatíveis e, pelo que percebi, oferece suporte em casos de incompatibilidade.

A programação do cartão é feita no computador, onde se pode especificar para qual diretório as fotos ou vídeos devem ser transferidos e, também, programar várias opções de nuvem, da distribuição automática via Flickr, Facebook ou uns vinte serviços semelhantes a espaços mais discretos como Picasa ou a própria Eye-Fi, que tem um bom sistema de backup on-line. Também é possível escolher quais imagens serão transferidas, quais não.

Independentemente disso, fotos e vídeos permanecem no cartão, a menos que se opte pela possibilidade de se ter um “cartão infinito”. Nesse caso, o espaço determina quanto

espaço livre quer ter sempre no SD, e o Eye-Fi elimina automaticamente o material mais antigo para manter a proporção. O default é 50%, mas eu, que fotografo a rodo, preferi ter 80% livre.

Os SD Eye-Fi vêm em três modelos: Connect, Explore e Pro. As duas diferenças entre o Connect e o Explore podem ser resolvidas por meio de upgrades (pagos) posteriores: Geotagging e acesso ao hotspot, que só interessa a quem vive ou viaja muita aos Estados Unidos. O Pro é outra espécie de animal: sobre arquivos RAW e faz transferências ad hoc, ou seja, se comunica com o notebook do freguês sem necessidade de um roteador Wi-Fi nas imediações. Os preços nos Estados Unidos vão de US\$50 (Eye-Fi Connect 4GB) a US\$150 (Eye-Fi Pro 8GB).

Durante a CES, a Eye-Fi anunciou que, em breve, os cartões poderão se conectar diretamente aos smartphones dos usuários. Isso amplia a mobilidade e as possibilidades de transferência de fotos e vídeos praticamente ao infinito: de onde houver uma rede 3G, o usuário de um cartão Eye-Fi poderá transmitir o conteúdo da sua câmera, seja ela uma modesta compacta ou uma sofisticada DSLR. O melhor de tudo, é que como todos os upgrades da empresa, este também será *backwards compatible*, ou seja, será oferecido, gratuitamente, a quem já é usuário Eye-Fi. Quem tem iPhone pode ter um gostinho da experiência baixando o aplicativo Eye-Fi da App Store. Recomendo, até porque não custa nada.

O GLOBO.Economia. 26 de fevereiro de 2011, p. 33.

Google melhora qualidade de busca

Modificação deve diminuir em 12% o total de resultados inúteis

NOVA YORK. A Google informou ontem que fez uma mudança importante em seu algoritmo (método matemático usado em processamento de dados) para melhorar a posição de bons sites nos resultados de busca e reduzir a visibilidade daqueles de baixa qualidade. A mudança, segundo a Google, vai influenciar cerca de 12% das buscas.

Embora a empresa não tenha dito explicitamente, a modificação parece ter sido feita para coibir as chamadas “fazendas de conteúdo” (“content farms”, em inglês) como eHow e Answerbag. São sites que geram conteúdos com base em termos de pesquisa corriqueiros e em uma infinidade de links (que valem ouro no sistema de buscas da Google), de modo a

atrair mais cliques. Ou seja, funcionam como spam, atrapalhando a obtenção de informações que de fato interessam ao internauta.

Motorola Xoom é hackeado ao dia do lançamento

Mas a gigante, pelo jeito, terá também que melhorar a segurança de seu sistema operacional Android Honeycomb 3.0. o novo tablet Xoom, da Motorola, lançado oficialmente nos EUA na quinta-feira, sofreu a ação de um hacker pouco mais de uma hora após o anúncio, afirmou o site PC World. Um programador que obteve um dos primeiros aparelhos colocados à venda no país conseguiu modificar o Honeycomb em alguns minutos.

A quebra do Android mostra que é possível criar personalizações tanto para o sistema operacional da Google como para interface gráfica. Em apenas 15 passos postados em seu blog (My Brain Hurts), o programador Koushik Dutta ensina como modificar documentos no Xoom e abrir portas para novas versões.

Koushik relata que estava prestes a desistir da empreitada digital quando descobriu como desbloquear o aparelho. Depois, ainda parabenizou a Google por desenvolver um sistema passível de modificações pelos usuários.

Além disso, a Google planeja lançar um serviço de assinatura ilimitada para acesso a filmes, semelhante ao Netflix e ao oferecido pela Amazon. Segundo o “New York Post”, a empresa, que vem negociando com estúdios de Hollywood há meses, espera lançar o serviço inicialmente na Europa, antes de avançar para os EUA.

O GLOBO. Economia. 07 de janeiro de 2012, p. 35.

Facebook tem 45 mil senhas roubadas por vírus

Praga atingiu usuários de todo o mundo, mas Reino Unido e França foram afetados

LONDRES. Uma praga digital roubou mais de 45 mil senhas do Facebook, informou ontem a empresa de segurança on-line Seculert. De acordo com levantamento da companhia, há vítimas em todo o mundo. Reino Unido e França concentram a maioria dos casos, que podem terminar em fraudes bancárias graves devido à natureza do ataque.

O vírus é conhecido como Ramnit e teria capturado mais de 45 mil credenciais de login e senha dos usuários da rede social. Ele pode se transformar num “financial malware”, com o objetivo de roubar também dados bancários, além de enviar links maliciosos para todos os contatos do usuário infectado.

Malware também rouba senhas de mails corporativos

A ameaça foi descoberta em aril de 2010 pela Microsoft Malware Protection Center (MMPC), que descreveu o Ramnit como “uma família de malwares com vários componentes, que infecta arquivos executáveis do Windows e arquivos HTML”. Ainda segundo a gigante de software, ele “rouba outras informações confidenciais, como *cookies* do navegador (programas que lembram a navegação pessoal de um internauta).

Segundo a companhia os cybercriminosos se aproveitam do fato de muitos internautas usarem a mesma senha em diferentes sites além do Facebook, como Gmail ou Outlook Web Access, para obter acesso também a essas contas e a redes corporativas. Aliás, segundo as softwarehouses de segurança, usar a mesma senha para vários serviços on-line é uma prática que torna os dados do usuário mais vulneráveis. Segundo as empresas de antivírus, as senhas devem ter no mínimo oito caracteres, caracteres alfanuméricos combinados com símbolos, e ser trocadas a cada três meses.

A Seculert disse que forneceu ao Facebook informações sobre todas as credenciais roubadas que foram encontradas nos “servidores Ramnit” acessados por hackers.

O GLOBO.Boa Chance. 29 de janeiro de 2012, p. 4.

Mídias sociais, universo em expansão

Empresas buscam profissionais que não sejam só usuários: eles devem conhecer o perfil de plataformas digitais

Yes, nós estamos na rede. E não passamos despercebidos. O Brasil tem hoje o quinto maior contingente de usuários de redes sociais do mundo, diz a comScore, uma das empresas de medição de acesso mais respeitadas no mercado. Não à toa, a expansão das plataformas digitais vem promovendo uma corrida crescente por mão de obra especializada. Via de regra, a geração Y larga na frente graças a uma maior afinidade com as chamadas novas mídias. Mas muitas empresas ainda enfrentam dificuldades na hora do recrutamento. Afinal, não basta ser usuário, é preciso compreender o perfil de cada canal para fazer um bom trabalho.

Para Roberto Brício, sócio da agência de mídias digitais DIZ’AIN e diretor de Comunicação da Associação Brasileira das Agências Digitais Seção Rio de Janeiro (Abradi-RJ), o Facebook foi o grande catalisador desse processo. Há quatro anos, diz, quando as redes sociais despontaram como uma oportunidade real, não havia sequer um curso acadêmico. Mas tudo mudou com o *boom* da rede de Mark Zuckerberg. Basta lembrar que o Facebook

praticamente triplicou o seu número de acessos no país em um ano e no início deste mês superou o Orkut.

Estratégia é fundamental

– Digamos que um universo de oportunidades se abriu nos últimos dois anos. A partir daí, as empresas passaram a capacitar seus funcionários para agir como estrategistas. Hoje, é essencial conhecer a marca e entender os meandros do relacionamento com o cliente. Mas é importante destacar que Facebook, Twitter e Orkut chegaram ao *mainstream* num mundo onde ainda há infinitas possibilidades – diz Brício.

CEO da Simples Agência, Sabrina Brito atua há seis anos no mercado digital carioca e afirma que, pelo menos até aqui, ainda não foi desenhado um perfil de profissional ideal, embora o setor exija *expertise* de jornalismo e publicidade.

– No dia a dia, é preciso saber pesquisar, produzir conteúdo leve e atrativo, aproximar a marca dos fãs. O problema é que muita gente acha que, por ser usuário, pode trabalhar como especialista. O resultado é uma falta de estratégia de atuação que acaba afastando o cliente daquela marca – acentua Sabrina. – Uma boa dica, muito explorada nas aulas, é estudar *cases*, principalmente os polêmicos.

Sócio da Agência Kindle, Bruno Chamma ministra um curso de férias sobre mídias sociais na ESPM. Em pauta, temas como controle de conteúdo, ações promocionais e virais, uso de ferramentas e análise de *cases*. Hoje, ele divide o escritório com dois ex-alunos que se destacaram em sala:

– É preciso ser pró-ativo. Um deles, por exemplo, chamou a atenção por ser extremamente atuante no Twitter, gosta de escrever, produzir um conteúdo atraente. Acredito que, hoje, 70% dos profissionais em atuação são jornalistas, os outros 30% são de áreas distintas.

A jornalista Ana Cristina Fielder trocou uma carreira já consolidada em assessorias de imprensa para assumir o cargo de Coordenadora de Conteúdo e Relacionamento Grudaemim, empresa responsável por fazer do Rock in Rio um *case* de sucesso. Durante os sete dias de shows, o festival atraiu 180 milhões de pessoas nas mídias sociais.

– O know-how adquirido nas assessorias me ajudou a entender e a contextualizar o que havia para ser dito, mas não foi suficiente. Tive que aprender a decifrar as ferramentas: como funcionam, potencial, target, usabilidade. E estar sempre atenta, pois há modificações frequentes. [...]

O GLOBO.Economia.3 de agosto de 2013, p. 28.

Cora Rónai

O ocaso dos blogs

O Facebook deu fim à era de ouro dos chamados ‘botequins virtuais’, que brilharam na década passada.

O início: “Sábado de madrugada, depois de dar comida pra Família Gatto e checar minha mailbox, comecei a brincar com este blog. Deviam ser umas duas da manhã. Agora são quatro e tanto (vocês podem checar pela marca da hora aí embaixo) e, finalmente, a coisa parece estar funcionando. Por que demorou tanto? Porque eu sou fresca e levei horas escolhendo um template legal e fazendo nele as modificações que me pareceram necessárias. Com o tempo, se eu tiver paciência – e talvez tenha – vou tentar incluir fotos e inventar outras gracinhas. Por enquanto, até para poder fazer uma avaliação legal do Blogger, estou trabalhando apenas com os recursos mais óbvios, e deixando este blog hospedado gratuitamente no Blogspot”.

Esta nota, publicada no dia 25 de agosto de 2001 sob o título “Este pode ser o começo de uma bela aventura”, foi o primeiro post do meu blog internetc. Eu havia experimentado outras soluções antes, quase engrenei com o LiveJournal, mas foi no Blogger que encontrei a ferramenta prática e amistosa que me permitiu tomar gosto pela coisa.

Criada em 1999, o Blogger ainda estava em pleno desenvolvimento. O permalink – URL (endereço) de cada post – havia sido lançado em 2000, e os sistemas de comentários ainda eram feitos, e hospedados por voluntários abnegados; o Blogger só viria a ter um sistema próprio em 2004, depois de ter sido comprado pela Google. Até lá, usei uma quantidade de sistemas diferentes, até que um colega blogueiro, Fábio Sampaio, me ofereceu uma vaga no seu excelente Falou e Disse, do qual tenho saudades até hoje.

Até 11 de setembro de 2001, os blogs eram considerados web brinquedinhos. Aí houve o ataque terrorista aos Estados Unidos. Enquanto os sites dos jornais e das emissoras de TV saíram do ar, derrubados pelo excesso de tráfego, os blogueiros nova-iorquinos contavam ao mundo o que estava acontecendo. Depois disso, ninguém mais achou que o blog, como ferramenta, era bobagem.

Mas, de uns tempos para cá, os blogs vêm perdendo muita força. Seu lugar como ponto de encontro – “botequins virtuais” – vem sendo tomado pelo Facebook, onde todo mundo é, de certa forma, blogueiro – e todo mundo se esbarra automaticamente. Na época

áurea dos blogs, aí por meados da década 2000-2010, os blogs tinham listas dos blogs amigos, que visitávamos com maior ou menor assiduidade.

A blogosfera era mais singela e muito mais interessante, já que cada blog tinha o seu jeitinho particular de ser. Mas o mundo gira, a Lusitana roda e, mesmo com a pior interface da galáxia, o Facebook ganhou a parada, já que facilitou muito a interação entre quem escreve, quem lê e quem só quer marcar o local e o horário da próxima manifestação. Como todos os blogs, o internetc. também foi vítima da mídia social. As discussões vibrantes que aconteciam em suas caixas de comentários se transferiram para o Facebook, onde ganhou uma repercussão que nunca teve enquanto viveu solto no espaço.

No começo do ano, decidi acabar com o internetc., hoje hospedado no Wordpress. Decidi também esperar até agosto, para que ele pudesse completar 12 anos. Foi uma boa ideia, porque pude pensar mais sobre o assunto. Não teria coração para matá-lo de vez, mesmo porque ele ainda tem seu uso; é ótimo como repositório de textos. De modo que resolvi mantê-lo no ar para republicar as colunas daqui do jornal e um ou outro texto solto, desabilitando, porém, as caixas de comentários. Ninguém consegue manter Twitter, Facebook e blog e ter, ao mesmo tempo, uma vida longe do computador.

Meu amigo Jean Boechat, outro blogueiro das antigas comentava no Twitter, ainda outro dia: “eu digo desde sempre, frase do @tonydemarco, eu tenho um blog morto que completará 13 anos, acho, haha.”

O GLOBO.Economia. 17 de julho de 2015,p. 22.

Ações da Netflix sobem 18%, e empresa já vale mais do que GM

NOVA YORK – As Bolsas americanas fecharam ontem o dia em alta, impulsionadas por bons resultados de empresas de tecnologia. O índice Dow Jones subiu 0,39%, e a Nasdaq bateu novo recorde, com a disparada de mais de 18% dos papéis da Netflix. O índice de tecnologia subiu 1,26% e chegou a 5.163 pontos., pouco acima do recorde anterior, de 23 de junho.

A plataforma de vídeos on-line já vale mais na Bolsa do que a General Motors (GM). A empresa divulgou na quarta-feira um salto de 23% em suas receitas trimestrais com o aumento do número de assinantes e expansão internacional.

O serviço de *streaming* recebeu 34 indicações para o prêmio Emmy, incluindo séries como “House of cards” e “Orange is the new black”. No ano anterior, ela havia conquistado 31 indicações.

As ações da Amazon avançaram 3,1% depois de a empresa anunciar que vendeu 34,4 milhões de produtos anteontem, em sua promoção a usuários do serviço Prime para marcar o aniversário de 20 anos da companhia. A Amazon informou que planeja tornar a promoção um evento anual. Os consumidores compraram 398 itens por segundo, ritmo que ultrapassa a média durante a Black Friday, tradicional dia de promoções no comércio americano.

O GLOBO.Rio. 26 de fevereiro de 2017, p.28.

Trecho retirado de Entrevista Claudio de Melo Tavares

‘Minha meta é imprimir rapidez aos processos’

O novo corregedor-geral de Justiça do Estado do Rio de Janeiro tem 56 anos e é um autêntico carioca de sorriso largo. Ele privilegia o diálogo, mas também joga duro: deu início a uma auditoria para verificar a produtividade dos juízes de primeira instância.

Vera Araújo

varaujo@oglobo.com.br

- Qual será sua prioridade à frente da Corregedoria Geral de Justiça do Rio de Janeiro?

A minha meta é imprimir rapidez aos processos judiciais, para que sejam julgados em tempo razoável. Por isso estamos fazendo um levantamento de todos os processos nas serventias de primeira instância. Vamos verificar a produtividade de cada juiz. Saberemos quantos magistrados estão com dificuldades para dar sentenças e o motivo pelo qual parte dos processos não está com andamento razoável. Faremos com que a celeridade processual ocorra de fato, porque Justiça lenta é, na verdade, injustiça.

O GLOBO. Economia. 11 de julho de 2017, p. 20.

Mídia americana se une para negociar com Google e Facebook

Empresas de comunicação querem ser remuneradas por seu conteúdo

Arlington (Virgínia, EUA) – Empresas de comunicação de Estados Unidos e Canadá se uniram para tentar obter do Congresso americano uma autorização para poderem negociar, juntas, com Google e Facebook. Os dois gigantes da internet usam e distribuem o conteúdo criado pelas companhias de mídia, sem qualquer contrapartida. Assim, Google e Facebook se beneficiam do conteúdo de qualidade produzido pelas empresas jornalísticas, sem arcar com os custos elevados envolvidos nesse processo, e ainda lucram com as receitas de publicidade, que não são repassadas às corporações de mídia.

Por isso, a News Media Alliance – organização que reúne quase 2 mil empresas de mídia de EUA e Canadá, incluindo os jornais “The New York Times”, “The Wall Street Journal” e “The Washington Post” – foi ao Congresso americano pleitear uma espécie de isenção limitada de uma lei antitrust do país. O objetivo é unir forças para ajudar a equilibrar a disputa entre os dois campos, porque, segundo o comunicado divulgado pela News Media Alliance, “as empresas de notícias são limitadas por um poder de negociação desagregado contra um duopólio de fato”.

Notícias falsas

A organização sustenta que esse duopólio força as empresas jornalísticas a entregarem o que produzem e a seguirem as regras de Google e Facebook sobre como a informação deve ser apresentada, e até monetizada. “Essas regras transformaram as notícias em *commodities* e originaram as *fake news* (notícias falsas), que geralmente não podem ser diferenciadas das notícias reais”.

O texto ressalta que as leis antitrust visam a limitar os danos causados por empresas com posição de monopólio, mas que no caso das empresas de comunicação, as leis existentes têm a consequência não intencional de evitar que essas corporações trabalhem juntas para obter melhores acordos.

“Uma legislação que permita as empresas de comunicação a negociarem coletivamente vai tratar de questões disseminadas que hoje reduzem a saúde e a qualidade gerais da indústria de notícias”, disse David Chavern, presidente e diretor executivo da News Media Alliance, no comunicado.

“Jornalismo de qualidade é fundamental para sustentar a democracia e é central para a sociedade. Para garantir que tal jornalismo tenha futuro, as empresas de comunicação que o fundam devem ser capazes de negociar coletivamente com as plataformas digitais que efetivamente controlam a distribuição e o acesso do público na era digital”, acrescentou.

Proposta da UE

Em uma tentativa de compensar um pouco a diferença de forças entre os dois lados dessa relação, o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, apresentou em setembro de 2016, propostas para reformar o mercado digital da União Europeia. Uma delas envolve a divisão de receitas entre empresas de internet e quem detém o copyright do conteúdo. O projeto ainda precisa ser discutido pelo Parlamento Europeu.

O GLOBO. Sociedade, 10 de setembro de 2017, p. 19.

Eternos vigilantes

Celulares que monitoram as conversas de seus usuários poderão ser realidade no futuro
(Sérgio Matsuura)

Durante um almoço com amigos, a estudante Natasha Bretas, de 22 anos, participou de uma conversa sobre um grupo de forró do qual nunca tinha ouvido falar. Dias depois, ao entrar no Facebook, lá estava uma propaganda sobre a banda. Pode ser apenas uma coincidência, mas experiências como essa vêm alimentando a teoria de que os aparelhos eletrônicos que nos cercam estariam constantemente monitorando nossas conversas – e que as informações estariam sendo usadas para o direcionamento de publicidade. As empresas negam, mas a tecnologia existe. E especialistas alertam que, num futuro próximo, a vigilância constante pode se tornar realidade.

–Eu não conhecia a banda, nunca procurei por ela, só ouvi falar naquele dia – relembra a estudante.

O Facebook afirma que não utiliza o microfone do telefone das pessoas para se informar sobre anúncios ou mudar o que os usuários vêem no “feed de notícias”. “Apenas acessamos o microfone dos telefones das pessoas quando elas estão utilizando ativamente alguma ferramenta específica que requer áudio e somente quando elas autorizam a utilização, como, por exemplo, em gravações de vídeos”, explicam os responsáveis pela rede social, em um comunicado.

–Por mais que as empresas digam que não fazem, eu não confio muito – diz Natasha.

Essa é uma crença bastante difundida entre o público que já se acostumou a encontrar propagandas feitas sob medida. E ela faz sentido, ao menos do ponto de vista tecnológico. Os smartphones mais modernos possuem assistentes virtuais acionados por voz, como o Google Now e a Siri. A função oferece a comodidade que o microfone está captando sons o tempo

inteiro. Em celulares Android, por exemplo, basta dizer “Ok Google” que o assistente é acionado.

–Os celulares captam o áudio até o momento em que escutam a palavra de ativação. A partir daí, passam a gravar e conectam-se com a nuvem para oferecer uma resposta – explica Pablo Cerdeira, coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV Direito Rio. A tecnologia existe e está pronta para ser usada. Basta trocar a palavra de ativação de “Ok Google” pelo nome de um produto ou de uma marca, por exemplo.

O Google reconhece que armazena “as entradas de áudio e voz”, como as realizadas pelo Google Now, mas nega que essas informações sejam utilizadas para fins de publicidade. Por padrão, os áudios são armazenados, mas os usuários podem alterar essa configuração na página “Controle de atividades”. Também é possível visualizar todo o histórico de áudios gravados no endereço <myactivity,Google.com>. a companhia informa que os dados são “armazenados apenas para ajudar no reconhecimento da voz do usuário e melhorar o reconhecimento da fala em geral”.

Com tantas informações, em várias línguas e de vários países, a empresa construiu um poderoso sistema de reconhecimento de voz. Em conferência realizada no mês passado, a investidora Mary Meeker, da Kleiner Perkins Caufield & Byers, revelou que o software de reconhecimento de voz do Google, em inglês, tem a mesma precisão que o ser humano, sendo capaz de compreender 95% das palavras captadas.

–Hoje, acho que os usuários não precisam se preocupar com o que falam, mas, no médio prazo, acredito que isso possa acontecer – prevê Cerdeira. – Armazenar e processar todo o áudio é inviável por causa do volume de dados, mas esses sistemas de reconhecimento de voz transformam o áudio em texto.

A tendência é que cada vez mais as pessoas “conversem” com seus dispositivos. O relatório “Internet Trends 2017”, produzido por Mary Meeker, indica que, em 2016, 20% das buscas realizadas por dispositivos móveis foram acionadas por voz. Uma das apostas da indústria de tecnologia são as caixas de som inteligentes com assistentes para as residências, controladas por comando de voz. A pioneira foi a Amazon, com o Echo, seguida pelo Google Home e, este ano, pelo Apple HomePod.

As TVs são outra fonte de preocupação. Em fevereiro deste ano, a Comissão de Comércio dos EUA (FTC, na sigla em inglês) determinou que a fabricante Vizio pagasse multa de US\$2,2 milhões pela coleta sem consentimento dos hábitos dos consumidores. A companhia não armazenava áudio por microfones, mas, de acordo com a acusação da FTC, a empresa coletava, segundo a segundo, conjuntos de pixels que podiam determinar o que

estava sendo assistido. Diariamente, eram coletados 100 bilhões de dados de milhões de televisores, que eram comercializados para anunciantes.

A Samsung se envolveu em polêmica semelhante. Há dois anos, a gigante sul-coreana foi acusada de não deixar claro em sua política de privacidade o destino das informações coletadas pelos microfones dos aparelhos. O texto alertava que os consumidores deviam estar “cientes de que, se as palavras ditas incluíssem informações pessoais, elas poderiam estar entre os dados capturados e transmitidos a terceiros por meio do uso do reconhecimento de voz”

Publicidade é o menor dos problemas

Após uma chuva de críticas, a empresa veio a público negar que os televisores estivessem monitorando os consumidores e esclareceu que os dados eram coletados apenas quando a ferramenta de reconhecimento de voz era acionada. A questão da publicidade é a mais próxima do público comum, mas especialistas alertam que ela é a menor das preocupações. Os sensores presentes nesses dispositivos podem ser controlados por hackers criminosos, por exemplo.

– Todos os dispositivos conectados estão suscetíveis a serem comprometidos por códigos maliciosos. Nesses casos, são os atacantes que têm acesso ao que é dito e às imagens captadas pelas câmeras – comenta Cristine Hoepers, gerente geral do CERT.br/NIC.br, do Comitê Gestor da Internet no Brasil. – Este é um ponto que precisa ser lembrado ao se pensar em segurança e privacidade.

Outro risco é a espionagem por governos. Em março, o WikiLeaks divulgou ferramentas usadas pela Agência de Segurança Nacional dos EUA (NSA, na sigla em inglês), incluindo um malware, apelidado como “Weeping Angel”, que infectava televisores Samsung para “gravar conversas em uma sala e enviar os dados para um servidor da CIA”. A empresa informou que o problema afetava TVs produzidas em 2012 e 2013, mas já foi corrigido.

– Existe um aspecto mais perigoso. Entender os perfis pessoais não serve só para a propaganda, mas para direcionar a sociedade – alerta Cerdeira. – Com esses dados é possível eleger um presidente. É muito perigoso.

O GLOBO. Economia, 22 de agosto de 2017.

Cuidado com o celular

Teclar e andar dói no bolso

Risco de acidentes com pedestres que não param de escrever mensagens nem quando vão atravessar uma rua leva cidades americanas a estabelecerem multa para a prática.

Nova York

Andar pela rua teclando em seu celular pode trazer sérios danos ao bolso – e não é por causa de assalto. Por verem riscos de segurança, como quedas e atropelamentos, algumas cidades dos Estados Unidos começaram a adotar medidas contra a prática. Você pode até ler e digitar bem, mas seu cérebro, já ocupado, não presta atenção suficiente no que acontece com seus pés. Stamford, em Connecticut, pode se tornar a segunda cidade dos EUA a multar a prática neste ano.

No mês passado foi Honolulu, no Havaí, a proibir que pedestres usem smartphones no momento em que atravessam as ruas.

–O problema é que é perigoso andar na rua sem prestar atenção – disse o prefeito de Stamford, David Martin.

John Zelinsky, membro do Conselho de Representantes de Stamford, disse estar confiante de que a proposta de proibir o uso de celular ao atravessar a rua será adotada. Segundo ele, quando começarem as multas para quem enviar mensagens enquanto caminha – a ideia é cobrar US\$30 por violação –, as pessoas “pensarão duas vezes”.

A maior parte dos estados americanos já proibiu o envio de mensagens de texto por motoristas. Mas não existe um apoio unânime para as multas e pedestres.

O conselho municipal de Honolulu ouviu moradores, que citaram obstáculos para a aplicação da medida e o impacto sobre os turistas, com o argumento de que a medida ia longe demais. Lá, a regra entra em vigor em outubro, com multas que começam em US\$15 e podem chegar a US\$99.

Há quem questione a justiça dessa proibição:

–As pessoas podem entrar em uma situação de risco, mas isso implica que os pedestres são frequentemente culpados – diz Jonathan Matus, diretor da empresa de monitoramento Zendrive. (Da Bloomberg News)

O GLOBO. Economia, 31 de outubro de 2017, p. 23.

Cora Rónai, digital

O X da questão

Novo smartphone da Motorola tem uma boa dupla de câmeras traseiras com 12 MP e 8MP e pode se molhar sem maiores riscos

Em agosto de 2013, pouco tempo depois da sua aquisição pela Google, a Motorola lançou um aparelho chamado Moto X. Ele era diferente de todos os outros Androids: era belo e autêntico, e não se envergonhava do plástico de que era feito. Numa época em que a maioria dos smartphones tinha costas fingindo metal e despistando o olhar, era muito bom encontrar um design tão eficiente e elegante. Nos Estados Unidos, ele podia ser encomendado em diferentes cores, numa quantidade de combinações entre a frente, as costas e os detalhes do metal. Pouco tempo depois, a Moto Maker, loja on-line que permitia essa personalização toda, passou a oferecer madeira como opção de acabamento. Aqui no Brasil, o Moto X vinha em plástico ou numa inesquecível combinação de bambu com a frente branca. Além do visual matador, ele usava Android puro, sem as interfaces pesadas que andavam tão em moda.

O MOTO X FOI um sucesso, e teve novas edições em 2014 e 2015, mas no ano passado sumiu do mapa. Parecia que a Motorola, vendida pela Google para a Lenovo, tinha desistido do aparelho; mas ninguém abre mão de uma marca tão carregada de boas experiências, e um novo Moto X acaba de chegar ao mercado.

A nova versão não tem o arrojo da primeira geração, mas guarda vínculos com os seus antepassados: é bonita e bem acabada, conserva a facilidade de uso que orienta os produtos da Motorola em geral, é relativamente pequena, com tela de 5,2', e tem excelente pegada. O look não é mais tão despojado – saem o plástico e a madeira, entram costas de vidro curvo com ar Premium – mas, paradoxalmente, o aparelho deixou de ser um topo de linha, lugar hoje ocupado no *lineup* da casa pelo Moto Z2 Force.

Como a maioria dos intermediários da temporada, o Moto X 4 usa o processador Snapdragon 630. Esse é um detalhe que não vai fazer grande diferença para a maioria dos usuários. Na verdade, essa família de processadores é rápida e econômica e, graças à sua arquitetura, no fim do dia ainda sobra carga na bateria de 3000 mAh – que, aliás, oferece carregamento rápido eficaz. A mim incomoda mais o espaço de armazenagem de apenas 32GB, o que torna o uso de um cartão micro SD obrigatório para quem gosta de fotos e vídeos.

Mas o Moto X4 tem muitos pontos positivos, entre eles proteção IP68, que garante que ele pode se molhar sem maiores riscos, uma boa dupla de câmeras traseiras com 12MP e 8MP, e uma câmera de selfies bastante competente de 16MP. Tem ainda alguns macetes de uso que são marca registrada da Motorola, como abrir a câmera sacudindo o aparelho, navegação no leitor de digitais, e, agora, captura de tela e um simples toque de três dedos.

Quando o primeiro Moto X veio ao mundo, ele era único na sua faixa de preço. Hoje custando R\$1,7 mil, preço relativamente menos agressivo, ele tem mais concorrentes no mercado – a começar pelo seu irmão Moto Z2 Play. Com qual dos dois ficar? O Moto X faz melhores fotos; o Moto Z2 Play aceita os módulos da linha Z. Ambos são ótimas pedidas.

O GLOBO. Sociedade, 31 de dezembro de 2017, p. 23.

Do café à tecnologia que revoluciona as comunicações

Transmissão de vídeo pela internet popularizou Webcam, mas foi criada para vigiar cafeteira em laboratório, conta pioneiro

Sérgio Matsuura

sergio.matsuura@oglobo.com.br

Fazer uma chamada de vídeo ou assistir a uma transmissão ao vivo por *streamings* são atividades corriqueiras que só são possíveis hoje graças à criatividade de um grupo de cientistas da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, mas também à paixão deles pelo café. É o que lembra Quentin Stafford-Fraser, um dos integrantes da equipe, todas as vezes que conta como foi inventada a webcam, numa demonstração de como a inovação pode surgir dos objetos mais desprezíveis. Em 1991, poucos meses antes do surgimento da World Wide Web, Quentin Stafford-Fraser e seus colegas criaram um sistema para que todos pudessem checar, pela tela do computador, se a cafeteira localizada em uma das salas do laboratório de computação estava cheia. A estrutura era simples: uma filmadora ficava ligada o tempo inteiro, transmitindo as imagens pela rede interna da faculdade. Uma solução trivial que se tornou um marco por ter sido a primeira transmissão de vídeo numa rede de computadores.

–Não era algo tão simples como fazer uma teleconferência hoje. As câmeras eram analógicas, não conversavam como os computadores. Era preciso conectá-las a uma placa de captura de frames. Mas nós montamos tudo em menos de um dia – lembra Stafford-Fraser, em

conversa com O GLOBO. – Pouco tempo depois do surgimento da World Wide Web, nós conectamos a câmera à rede, por isso somos considerados os precursores da webcam.

A cafeteira ficava num corredor em frente a uma sala batizada como “Trojan”, onde Stafford-Fraser trabalhava. Mas o laboratório tinha cerca de 15 pesquisadores espalhados por diferentes andares. Antes da instalação da câmera, era comum que algum cientista subisse ou descesse vários andares de escada para não encontrar nem uma gota de café. A solução resolveu um problema interno, e quando foi conectada à internet, em 1993, se transformou numa das primeiras atrações da recém-criada rede mundial de computadores.

–Nós não fazíamos ideia de que alguém de fora do prédio se interessaria por isso, até que recebemos reclamações de pessoas que viam a tela preta. Eram e-mails vindos de australianos, que acessavam a página da cafeteira quando era noite aqui na Inglaterra e o laboratório estava vazio – conta Stafford-Fraser. – A solução que encontramos foi instalar uma lâmpada para que a cafeteira fosse visível 24 horas por dia.

BAIXA RESOLUÇÃO EM ESCALA DE CINZA

A “webcam” era precária para os padrões atuais. A página mostrava apenas um frame por segundo, em escala de cinza, com resolução de 129x129 pixels. Os primeiros navegadores web liam apenas textos, por isso a câmera só foi conectada à rede mundial de computadores em 1993, quando o browser Mosaic, antecessor do também já finado Netscape, passou a aceitar imagens. Mesmo assim, a navegação era precária: a página exibia apenas o frame do momento de conexão, que ficava estático na tela.

–Mas era uma grande novidade na época. As outras páginas tinham apenas imagens estáticas. Na nossa, a imagem era sempre diferente a cada acesso – aponta o pesquisador. – Nosso objetivo não era fazer *streaming*, já que a câmera servia apenas para as pessoas checarem se havia café, mas chegamos a fazer alguns testes, como forçar a atualização do navegador de tempos em tempos.

Apesar da popularidade da cafeteira da sala Trojan entre os primeiros internautas, muitos consideravam maluquice o que o grupo de pesquisadores de Cambridge estava fazendo. Usar uma câmera que, na época, custava mais de mil dólares apenas para vigiar uma cafeteira não fazia sentido, mas Stafford-Fraser pensava além. A cafeteira era apenas o primeiro teste de uma tecnologia que viria a revolucionar as comunicações.

LEILÃO NO EBAY E FIM NO MUSEU

Após dez anos funcionando, a cafeteira da sala Trojan foi desativada em 2001, quando o laboratório de computação da Universidade de Cambridge foi transferido para outro edifício. A decisão não foi fácil, pois apesar da aparente inutilidade para pessoas de fora da

universidade, ela se tornou um símbolo dos primeiros dias da internet. Por causa da popularidade, os cientistas resolveram leiloar todo o equipamento no eBay, para levantar fundos para a compra de uma nova cafeteira para o novo prédio, e conseguiram arrecadar 3.350 libras. O comprador foi o site de notícias alemão “Spiegel Online”, que recuperou o equipamento e o instalou na redação do jornal. Em 2006, a cafeteira foi doada ao museu de tecnologia Heinz Nixdorf Museums Forum, em Paderborn, na Alemanha.

-É impressionante a velocidade do avanço tecnológico. Uma novidade se transforma em antiguidade em uma década – aponta o pesquisador.

Durante a carreira, Stafford-Fraser continuou trabalhando com aplicações de vídeos em rede. Montou sistemas para conectar vários monitores em apenas um computador via USB, criando projetos de observação de animais. No momento, trabalha com a captura de imagens de motoristas e passageiros de veículos para analisar como eles estão, para tornar o transporte mais seguro.

Pela sua contribuição ao desenvolvimento da tecnologia, Stafford-Fraser recebeu no fim do ano passado a prêmio Lovie Awards, promovido pela International Academy of Digital Arts and Sciences para homenagear profissionais que contribuem para o progresso da internet.

-Eu fiquei lisonjeado, mas não sei se mereço porque não fui a única pessoa envolvida no projeto, tinha outros três amigos que merecem tanto quanto eu. E não sei se quero que esta seja a realização da minha vida. Foi uma ideia louca – brinca Stafford-Fraser.

Questionado se ganhou dinheiro por ter sido o pioneiro das webcams, Stafford-Fraser desconversa:

-Não! O único benefício foi conseguir um café melhor.

O GLOBO. Economia, 17 de novembro de 2017, p.20.

Vida Digital

Pedro Doria

Linchadores digitais

Ritual de humilhação pública que estamos presenciando hoje na internet lembra muito o que se via na Europa medieval.

Todas as culturas européias tiveram, no período medieval, alguma versão do pelourinho. Nos países germânicos, era tipicamente formado por duas placas de madeira com buracos para cabeça e mãos. Na Ibéria, um pilar com correntes que amarrassem pulsos e canelas. Em comum havia o local: os pelourinhos ficavam no canto mais movimentado da cidade, quase sempre o mercado. Em comum, também, o uso. Serviam para exhibir pessoas culpadas de crimes menores – calotes nos impostos, uma pulada de cerca, fofoca. Um ritual de humilhação pública. Às vezes, eram açoitadas. Normalmente, só levavam comida podre na cara, jogada não sem prazer por seus vizinhos.

A INTERNET ESTÁ SE TORNANDO um pelourinho, segundo o escritor Jon Ronson. É uma boa metáfora.

Em 2012, dois programadores que faziam piadas bobas – e machistas – durante uma conferência foram fotografados por uma mulher que se sentiu ofendida. A imagem foi para o Twitter e causou a demissão de ambos, no ano seguinte, houve o caso de Justine Sacco.

Ela era jovem e responsável pela comunicação social de um grupo digital de importância crescente. Tinha uma carreira de sucesso pela frente – e 170 seguidores no Twitter. Só 170. No dia mais trágico de sua vida, Justine se encontrava entediada no Aeroporto de Heathrow, Londres, vindo de uma longa viagem que partira da Califórnia e a caminho de outra perna, para a África do Sul. Primeiro reclamou que o alemão ao seu lado não usava desodorante. Daí fez uma piada com os dentes ruins dos ingleses. Esperou minutos fatídicos. “Indo para a África”, escreveu. “Espero não pegar Aids. Brincando. Sou branca!”

Meses depois Justine explicaria que sua intenção era brincar com o estereótipo de um racista tacanho. Talvez seja desculpa, talvez seja verdade. Um de seus 170 seguidores era um jornalista conhecido. Retuitou. A bola de neve cresceu. A moça ainda estava dentro do avião quando se tornou o principal tema da rede no mundo. Alguns dos clientes de sua empresa manifestaram revolta. Virou crise. Seu chefe veio a público. Justine fora demitida. Ela dormia tranquila enquanto um universo de desconhecidos, ávidos, perguntavam: “ela já pousou?” Alguém foi ao aeroporto registrar o momento em que ela descobriria que, arrancada do anonimato, havia se tornado a pior pessoa do mundo na internet daquele dia.

A onda de linchamentos virtuais não parou. Vários dos linchados mais recentemente são homens muito ricos, muito poderosos, que não se limitaram apenas a piadas racistas num momento de tédio. Harvey Weinstein, o produtor será processado por violência sexual.

Nem todas as vítimas da internet, porém, são culpadas de crimes. Uns têm ideias que os intolerantes à esquerda ou à direita querem calar. Outros praticam um humor que, de mau

gosto há 20 anos, é intolerável hoje. Há até quem simplesmente tenha vacilado por nada de grave.

[...]

Há uma diferença entre nós e os medievais. Nós sabemos que Justiça e multidões não combinam.

O GLOBO. Economia. 26 de dezembro de 2017, p. 18.

Pagando pra ver

Cora Rónai

O ano de 2012 foi decisivo para muitas empresas que apostaram no Facebook como plataforma de comunicação: uma mudança no algoritmo reduziu drasticamente o alcance das suas páginas, que passou para apenas 16% da comunidade de fãs. Outras mudanças ocorreram no ano seguinte. Em 2014, de acordo com um estudo da Social@Ogilvy, o alcance orgânico ficou numa média de 6%, sendo que nas páginas mais movimentadas, com mais de 500 mil curtidas, ele caiu para pitúcos 2%. “Alcance orgânico” é uma forma elegante de dizer quanta gente pode ser alcançada gratuitamente por um post. Em outras palavras, uma publicação feita numa fanpage com meio milhão de seguidores não será vista por mais do que dez mil pessoas, e olhe lá.

Em abril, Kurt Gessler, editor de mídia digital do “Chicago Tribune”, observou, num artigo postado na plataforma Medium, que nunca os posts do jornal tinham chegado a tão poucos leitores. Àquela altura, o “Tribune” tinha cerca de 500 mil fãs, dos quais algo entre 25 mil e 50 mil viam as suas publicações: em dezembro de 2016, apenas oito dos seus posts haviam tido menos de 10 mil visualizações. Em janeiro, porém, esse número saltou para 80. Em fevereiro, 159. E em março, nada menos do que 242 posts entraram na conta – ainda que a quantidade de seguidores do jornal no Facebook estivesse crescendo.

A moral da história parece ser simples: que mais alcance? Pague por ele.

O Facebook, é claro, nega isso, e atribui a queda do alcance orgânico à 1) existência de mais conteúdo, e 2) uma otimização do feed de notícias, que mostraria aos usuários apenas o que é considerado mais relevante para eles. Os argumentos, no entanto, não sensibilizam especialistas em comunicação e marketing, que continuam discutindo o assunto, e já trabalham com a hipótese de alcance orgânico zero.

O pior é que essa estagnação está indo além das fanpages e começa a chegar aos perfis pessoais. Notei isso pessoalmente há dois ou três meses. Minha conta, que recebia cerca de mil novos seguidores por mês, consistentemente, empacou, embora o conteúdo continue o mesmo. Outros amigos, que também têm páginas muito movimentadas, notaram a mesma coisa. Nossas páginas não têm sido mostradas para além do seu núcleo básico, e, frequentemente, nem isso, já que gente que sempre via os nossos posts deixou de ver, e amigos têm perguntado por que deixamos de postar, apesar das várias publicações diárias. Fiz um post sobre isso e a reação foi enorme. Todo mundo tem a mesma percepção, seja em relação aos seus próprios perfis, seja em relação a perfis seguidos.

Ou seja, a rede, que começou como uma extraordinária plataforma de criação de comunidades e de engajamento, cada vez mais se transforma num canal pago, caminho seguro para deixar de ter qualquer relevância.

O mais irônico é que, na sua página para a imprensa, o Facebook começa a retrospectiva do ano afirmando que, em 2017, anunciou sua nova missão de “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo.

Me engana que eu gosto.